

C E E J A



MUNDO DO
TRABALHO

FILOSOFIA

CADERNO DO ESTUDANTE

ENSINO MÉDIO
VOLUME 1



Nos Cadernos do Programa Educação de Jovens e Adultos (EJA) – Mundo do Trabalho/CEEJA são indicados sites para o aprofundamento de conhecimentos, como fonte de consulta dos conteúdos apresentados e como referências bibliográficas. Todos esses endereços eletrônicos foram verificados. No entanto, como a internet é um meio dinâmico e sujeito a mudanças, a Secretaria de Desenvolvimento Econômico, Ciência, Tecnologia e Inovação não garante que os sites indicados permaneçam acessíveis ou inalterados após a data de consulta impressa neste material.

A Secretaria de Desenvolvimento Econômico, Ciência, Tecnologia e Inovação autoriza a reprodução do conteúdo do material de sua titularidade pelas demais secretarias do País, desde que mantida a integridade da obra e dos créditos, ressaltando que direitos autorais protegidos* deverão ser diretamente negociados com seus próprios titulares, sob pena de infração aos artigos da Lei nº 9.610/98.

* Constituem “direitos autorais protegidos” todas e quaisquer obras de terceiros reproduzidas neste material que não estejam em domínio público nos termos do artigo 41 da Lei de Direitos Autorais.

Filosofia : caderno do estudante. São Paulo: Secretaria de Desenvolvimento Econômico, Ciência, Tecnologia e Inovação (SDECTI) : Secretaria da Educação (SEE), 2015.
il. - - (Educação de Jovens e Adultos (EJA) : Mundo do Trabalho modalidade semipresencial, v. 1)

Conteúdo: v. 1. 1ª série do Ensino Médio.
ISBN: 978-85-8312-108-4 (Impresso)
978-85-8312-086-5 (Digital)

1. Filosofia – Estudo e ensino. 2. Educação de Jovens e Adultos (EJA) – Ensino Médio. 3. Modalidade Semipresencial. I. Secretaria de Desenvolvimento Econômico, Ciência, Tecnologia e Inovação. II. Secretaria da Educação. III. Título.

CDD: 372.5

FICHA CATALOGRÁFICA

Tatiane Silva Massucato Arias – CRB-8 / 7262





GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO

Geraldo Alckmin

Governador

**Secretaria de Desenvolvimento Econômico,
Ciência, Tecnologia e Inovação**

Márcio Luiz França Gomes

Secretário

Cláudio Valverde

Secretário-Adjunto

Maurício Juvenal

Chefe de Gabinete

Marco Antonio da Silva

*Coordenador de Ensino Técnico,
Tecnológico e Profissionalizante*

Secretaria da Educação

Herman Voorwald

Secretário

Cleide Bauab Eid Bochixio

Secretária-Adjunta

Fernando Padula Novaes

Chefe de Gabinete

Ghisleine Trigo Silveira

Coordenadora de Gestão da Educação Básica

Mertila Larcher de Moraes

Diretora do Centro de Educação de Jovens e Adultos

Adriana Aparecida de Oliveira, Adriana dos Santos
Cunha, Durcilene Maria de Araujo Rodrigues,
Gisele Fernandes Silveira Farisco, Luiz Carlos Tozetto,
Raul Ravanelli Neto, Sabrina Moreira Rocha,
Virginia Nunes de Oliveira Mendes
Técnicos do Centro de Educação de Jovens e Adultos





Concepção do Programa e elaboração de conteúdos

Secretaria de Desenvolvimento Econômico, Ciência, Tecnologia e Inovação

Coordenação Geral do Projeto
Ernesto Mascellani Neto

Equipe Técnica
Cibele Rodrigues Silva, João Mota Jr. e Raphael Lebsa do Prado

Fundação do Desenvolvimento Administrativo – Fundap

Wanderley Messias da Costa
Diretor Executivo

Márgara Raquel Cunha
Diretora Técnica de Formação Profissional

Coordenação Executiva do Projeto
José Lucas Cordeiro

Coordenação Técnica
Impressos: Dilma Fabri Marão Pichoneri
Vídeos: Cristiane Ballerini

Equipe Técnica e Pedagógica
Ana Paula Alves de Lavos, Carlos Ricardo Bifi, Cláudia Beatriz de Castro N. Ometto, Elen Cristina S. K. Vaz Döppenschmitt, Emily Hozokawa Dias, Fabiana de Cássia Rodrigues, Fernando Manzieri

Heder, Herbert Rodrigues, Jonathan Nascimento, Laís Schalh, Liliane Bordignon de Souza, Marcos Luis Gomes, Maria Etelvina R. Balan, Maria Helena de Castro Lima, Paula Marcia Ciacco da Silva Dias, Rodnei Pereira, Selma Borghi Venco e Walkiria Rigolon

Autores
Arte: Roseli Ventrella e Terezinha Guerra; **Biologia:** José Manoel Martins, Marcos Egelstein, Maria Graciete Carramate Lopes e Vinicius Signorelli; **Filosofia:** Juliana Litvin de Almeida e Tiago Abreu Nogueira; **Física:** Gustavo Isaac Killner; **Geografia:** Roberto Giansanti e Silas Martins Junqueira; **História:** Denise Mendes e Márcia Juliana Santos; **Inglês:** Eduardo Portela e Jucimeire de Souza Bispo; **Língua Portuguesa:** Claudio Bazzoni e Giulia Murakami Mendonça; **Matemática:** Antonio José Lopes; **Química:** Olímpio Salgado; **Sociologia:** Dilma Fabri Marão Pichoneri e Selma Borghi Venco

Gestão do processo de produção editorial

Fundação Carlos Alberto Vanzolini

Mauro de Mesquita Spínola
Presidente da Diretoria Executiva

José Joaquim do Amaral Ferreira
Vice-Presidente da Diretoria Executiva

Gestão de Tecnologias em Educação

Direção da Área
Guilherme Ary Plonski

Coordenação Executiva do Projeto
Angela Sprenger e Beatriz Scavazza

Gestão do Portal
Luis Marcio Barbosa, Luiz Carlos Gonçalves, Sonia Akimoto e Wilder Rogério de Oliveira

Gestão de Comunicação
Ane do Valle

Gestão Editorial
Denise Blanes

Equipe de Produção
Editorial: Carolina Grego Donadio e Paulo Mendes
Equipe Editorial: Adriana Ayami Takimoto, Airton Dantas de Araújo, Alcía Toffani, Amarilis L. Maciel, Ana Paula S. Bezerra, Andressa Serena de Oliveira, Bárbara Odria Vieira, Carolina H. Mestriner, Caroline Domingos de Souza, Cíntia

Leitão, Cláudia Leticia Vendrame Santos, David dos Santos Silva, Eloiza Mendes Lopes, Érika Domingues do Nascimento, Fernanda Brito Bincoletto, Flávia Beraldo Ferrare, Jean Kleber Silva, Leonardo Gonçalves, Lorena Vita Ferreira, Lucas Puntel Carrasco, Luiza Thebas, Mainã Greeb Vicente, Marcus Ecclissi, Maria Inez de Souza, Mariana Padoan, Natália Kessuani Bego Maurício, Olivia Frade Zambone, Paula Felix Palma, Pedro Carvalho, Polyanna Costa, Priscila Risso, Raquel Benchimol Rosenthal, Tatiana F. Souza, Tatiana Pavanelli Valsi, Thaís Nori Cornetta, Thamires Caroline Balog de Mattos e Vanessa Bianco Felix de Oliveira

Direitos autorais e iconografia: Ana Beatriz Freire, Aparecido Francisco, Fernanda Catalão, José Carlos Augusto, Larissa Polix Barbosa, Maria Magalhães de Alencastro, Mayara Ribeiro de Souza, Priscila Garofalo, Rita De Luca, Roberto Polacov, Sandro Carrasco e Stella Mesquita

Apoio à produção: Aparecida Ferraz da Silva, Fernanda Queiroz, Luiz Roberto Vital Pinto, Maria Regina Xavier de Brito, Natália S. Moreira e Valéria Aranha

Projeto gráfico-editorial e diagramação: R2 Editorial, Michelangelo Russo e Casa de Ideias

CTP, Impressão e Acabamento
Imprensa Oficial do Estado de São Paulo





Caro(a) estudante

É com grande satisfação que a Secretaria da Educação do Estado de São Paulo, em parceria com a Secretaria de Desenvolvimento Econômico, Ciência, Tecnologia e Inovação, apresenta os Cadernos do Estudante do Programa Educação de Jovens e Adultos (EJA) – Mundo do Trabalho para os Centros Estaduais de Educação de Jovens e Adultos (CEEJAs). A proposta é oferecer um material pedagógico de fácil compreensão, que favoreça seu retorno aos estudos.

Sabemos quanto é difícil para quem trabalha ou procura um emprego se dedicar aos estudos, principalmente quando se parou de estudar há algum tempo.

O Programa nasceu da constatação de que os estudantes jovens e adultos têm experiências pessoais que devem ser consideradas no processo de aprendizagem. Trata-se de um conjunto de experiências, conhecimentos e convicções que se formou ao longo da vida. Dessa forma, procuramos respeitar a trajetória daqueles que apostaram na educação como o caminho para a conquista de um futuro melhor.

Nos Cadernos e vídeos que fazem parte do seu material de estudo, você perceberá a nossa preocupação em estabelecer um diálogo com o mundo do trabalho e respeitar as especificidades da modalidade de ensino semipresencial praticada nos CEEJAs.

Esperamos que você conclua o Ensino Médio e, posteriormente, continue estudando e buscando conhecimentos importantes para seu desenvolvimento e sua participação na sociedade. Afinal, o conhecimento é o bem mais valioso que adquirimos na vida e o único que se acumula por toda a nossa existência.

Bons estudos!

Secretaria da Educação

Secretaria de Desenvolvimento
Econômico, Ciência, Tecnologia e Inovação



APRESENTAÇÃO

Estudar na idade adulta sempre demanda maior esforço, dado o acúmulo de responsabilidades (trabalho, família, atividades domésticas etc.), e a necessidade de estar diariamente em uma escola é, muitas vezes, um obstáculo para a retomada dos estudos, sobretudo devido à dificuldade de se conciliar estudo e trabalho. Nesse contexto, os Centros Estaduais de Educação de Jovens e Adultos (CEEJAs) têm se constituído em uma alternativa para garantir o direito à educação aos que não conseguem frequentar regularmente a escola, tendo, assim, a opção de realizar um curso com presença flexível.

Para apoiar estudantes como você ao longo de seu percurso escolar, o Programa Educação de Jovens e Adultos (EJA) – Mundo do Trabalho produziu materiais especificamente para os CEEJAs. Eles foram elaborados para atender a uma justa e antiga reivindicação de estudantes, professores e sociedade em geral: poder contar com materiais de apoio específicos para os estudos desse segmento.

Esses materiais são seus e, assim, você poderá estudar nos momentos mais adequados – conforme os horários que dispõe –, compartilhá-los com sua família, amigos etc. e guardá-los, para sempre estarem à mão no caso de futuras consultas.

Os Cadernos do Estudante apresentam textos que abordam e discutem os conteúdos propostos para cada disciplina e também atividades cujas respostas você poderá registrar no próprio material. Nesses Cadernos, você ainda terá espaço para registrar suas dúvidas, para que possa discuti-las com o professor sempre que for ao CEEJA.

Os vídeos que acompanham os Cadernos do Estudante, por sua vez, explicam, exemplificam e ampliam alguns dos assuntos tratados nos Cadernos, oferecendo informações que vão ajudá-lo a compreender melhor os conteúdos. São, portanto, um importante recurso com o qual você poderá contar em seus estudos.

Além desses materiais, o Programa EJA – Mundo do Trabalho tem um site exclusivo, que você poderá visitar sempre que desejar: <<http://www.ejamundodotrabalho.sp.gov.br>>. Nele, além de informações sobre o Programa, você acessa os Cadernos do Estudante e os vídeos de todas as disciplinas, ao clicar na aba **Conteúdo CEEJA**. Já na aba **Conteúdo EJA**, poderá acessar os Cadernos e vídeos de Trabalho, que abordam temas bastante significativos para jovens e adultos como você.

Os materiais foram produzidos com a intenção de estabelecer um diálogo com você, visando facilitar seus momentos de estudo e de aprendizagem. Espera-se que, com esse estudo, você esteja pronto para realizar as provas no CEEJA e se sinta cada vez mais motivado a prosseguir sua trajetória escolar.



COMO SE APRENDE A ESTUDAR?

É importante saber que também se aprende a estudar. No entanto, se buscarmos em nossa memória, dificilmente nos lembraremos de aulas em que nos ensinaram a como fazer.

Afinal, como grifar um texto, organizar uma anotação, produzir resumos, fichamentos, resenhas, esquemas, ler um gráfico ou um mapa, apreciar uma imagem etc.? Na maioria das vezes, esses procedimentos de estudo são solicitados, mas não são ensinados. Por esse motivo, nem sempre os utilizamos adequadamente ou entendemos sua importância para nossa aprendizagem.

Aprender a estudar nos faz tomar gosto pelo estudo. Quando adquirimos este hábito, a atitude de sentar-se para ler e estudar os textos das mais diferentes disciplinas, a fim de aprimorar os conhecimentos que já temos ou buscar informações, torna-se algo prazeroso e uma forma de realizar novas descobertas. E isso acontece mesmo com os textos mais difíceis, porque sempre é tempo de aprender.

Na hora de ler para aprender, todas as nossas experiências de vida contam muito, pois elas são sempre o ponto de partida para a construção de novas aprendizagens. Ler amplia nosso vocabulário e ajuda-nos a pensar, falar e escrever melhor.

Além disso, quanto mais praticamos a leitura e a escrita, desenvolvemos melhor essas capacidades. Para isso, conhecer e utilizar adequadamente diferentes procedimentos de estudo é fundamental. Eles lhe servirão em uma série de situações, dentro e fora da escola, caso você resolva prestar um concurso público, por exemplo, ou mesmo realizar alguma prova de seleção de emprego.

Por todas essas razões, os procedimentos de estudo e as oportunidades de escrita são priorizados nos materiais, que trazem, inclusive, seções e dois vídeos de *Orientação de estudo*.

Por fim, é importante lembrar que todo hábito se desenvolve com a frequência. Assim, é essencial que você leia e escreva diariamente, utilizando os procedimentos de estudo que aprenderá e registrando suas conclusões, observações e dúvidas.



CONHECENDO O CADERNO DO ESTUDANTE

O Caderno do Estudante do Programa EJA – Mundo do Trabalho/CEEJA foi planejado para facilitar seus momentos de estudo e de aprendizagem, tanto fora da escola como quando for participar das atividades ou se encontrar com os professores do CEEJA. A ideia é que você possa, em seu Caderno, registrar todo processo de estudo e identificar as dúvidas que tiver.

O SUMÁRIO

Ao observar o Sumário, você perceberá que todos os Cadernos se organizam em Unidades (que equivalem a capítulos de livros) e que estas estão divididas em Temas, cuja quantidade varia conforme a Unidade.

Essa subdivisão foi pensada para que, de preferência, você estude um Tema inteiro de cada vez. Assim, conhecerá novos conteúdos, fará as atividades propostas e, em algumas situações, poderá assistir aos vídeos sobre aquele Tema. Dessa forma, vai iniciar e finalizar o estudo sobre determinado assunto e poderá, com o professor de plantão, tirar suas dúvidas e apresentar o que produziu naquele Tema.

Cada Unidade é identificada por uma cor, o que vai ajudá-lo no manuseio do material. Além disso, para organizar melhor seu processo de estudo e facilitar a localização do que gostaria de discutir com o professor do CEEJA, você pode indicar, no Sumário, os Temas que já estudou e aqueles nos quais tem dúvida.



AS UNIDADES

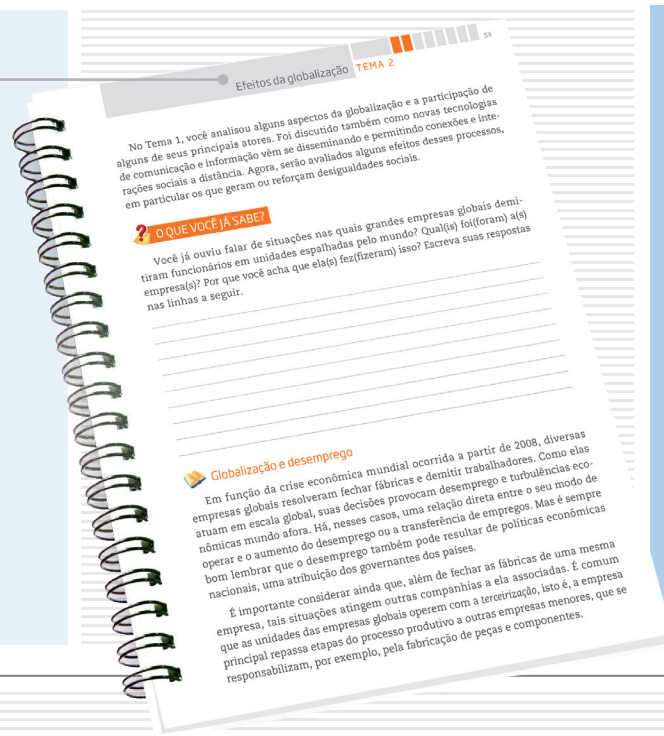
Para orientar seu estudo, o início de cada Unidade apresenta uma breve introdução, destacando os objetivos e os conteúdos gerais trabalhados, além de uma lista com os Temas propostos.



OS TEMAS

A abertura de cada Tema é visualmente identificada no Caderno. Você pode perceber que, além do título e da cor da Unidade, o número de caixas pintadas no alto da página indica em qual Tema você está. Esse recurso permite localizar cada Tema de cada Unidade até mesmo com o Caderno fechado, facilitando o manuseio do material.

Na sequência da abertura, você encontra um pequeno texto de apresentação do Tema.



As seções e os boxes

Os Temas estão organizados em diversas seções que visam facilitar sua aprendizagem. Cada uma delas tem um objetivo, e é importante que você o conheça antes de dar início aos estudos. Assim, saberá de antemão a intenção presente em cada seção e o que se espera que você realize.

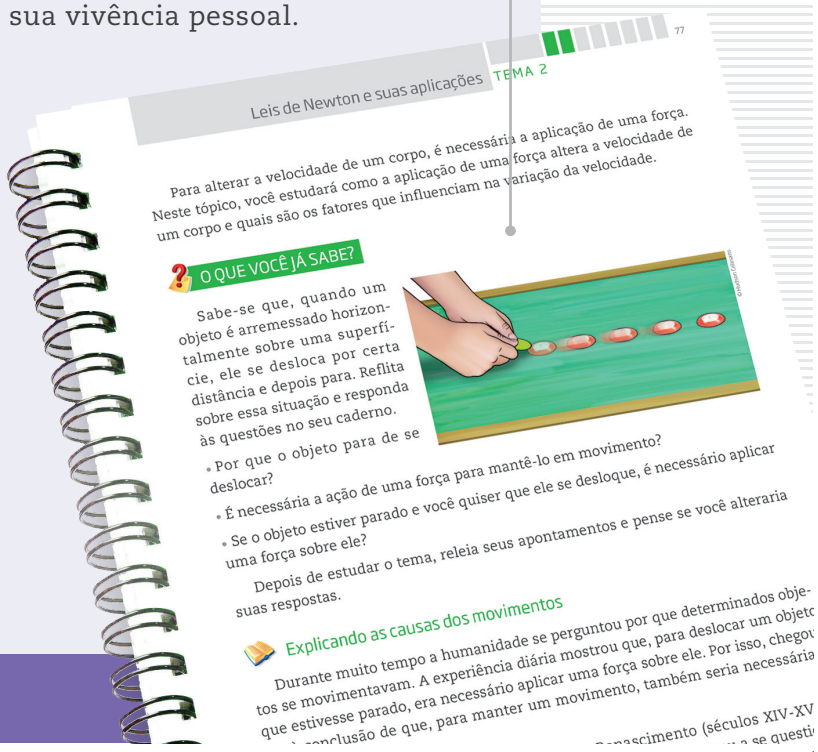
Algumas seções estão presentes em todos os Temas!

O QUE VOCÊ JÁ SABE?

Essa seção sempre aparece no início de cada Tema. Ela tem o objetivo de ajudá-lo a reconhecer o que você já sabe sobre o conteúdo a ser estudado, seja por estudos anteriores, seja por sua vivência pessoal.

Em nossa vida cotidiana, estamos o tempo todo utilizando os conhecimentos e as experiências que já temos para construir novas aprendizagens. Ao estudar, acontece o mesmo, pois lembramos daquilo que já sabemos para aprofundar o que já conhecíamos. Esse é sempre um processo de descoberta.

Essa seção pode ser composta por algumas perguntas ou um pequeno texto que o ajudarão a buscar na memória o que você já sabe a respeito do conteúdo tratado no Tema.



Textos

Os textos apresentam os conteúdos e conceitos a serem aprendidos em cada Tema. Eles foram produzidos, em geral, procurando dialogar com você, a partir de uma linguagem clara e acessível.

Imagens também foram utilizadas para ilustrar, explicar ou ampliar a compreensão do conteúdo abordado.

Para ampliar o estudo do assunto tratado, boxes diversos ainda podem aparecer articulados a esses textos.

A mais sensacional compilação de contos...

Você já ouviu falar de Ali Babá e os 40 ladrões, de Aladim e a lâmpada maravilhosa e de Simbá, o marujo? Essas histórias, que surgiram no Oriente e são contadas nos quatro cantos do mundo, estão no conjunto de livros que formam *As mil e uma noites*, a mais sensacional compilação de contos desde a Idade Média, que, segundo dizem, foi elaborada por centenas de mãos, em dezenas de idiomas, em diferentes tempos e lugares.

Conforme afirma o escritor cubano Cabrera Infante, ao contrário do que acontece com os contos contemporâneos na Europa, *As mil e uma noites* tem mil e um autores, e a esperta e sábia mil e uma histórias é um autor coletivo que as conta com voz de mulher. Ainda segundo Cabrera, Shahrazad é a mais poderosa máquina de matar o tédio e a crueldade do rei, que sempre assassinava sua acompanhante de cada noite, à exceção da contista, uma mulher amena, apesar de ameaçada.

Leia a seguir um breve resumo de como essa "máquina de matar o tédio" começa...



As mil e uma noites começa contando a história do rei Shahriyar e de seu irmão, o rei Shahzaman. Conta-se que eles resolveram se encontrar depois de vinte anos separados. Assim, Shahzaman deixou seu reinado para visitar Shahriyar.

Todavia, na primeira noite de viagem, Shahzaman lembrou-se de que havia esquecido um presente e voltou às pressas a seu palácio. Ao entrar em seus aposentos, encontrou sua mulher nos braços de outro homem. Sem hesitar, o rei desembainhou sua espada e matou os dois.

Abatido, continuou a viagem, mas não conseguiu expressar alegria ao rever o irmão que não via há 20 anos. O rei Shahriyar, percebendo algo errado, fez de tudo

ATIVIDADE

As atividades antecipam, retomam e ampliam os conteúdos abordados nos textos, para que possa perceber o quanto já aprendeu. Nelas, você terá a oportunidade de ler e analisar textos de outros autores, mapas, gráficos e imagens, de modo a ampliar sua compreensão a respeito do que foi apresentado nos textos. Lembre-se de ler atentamente as orientações antes de realizar os exercícios propostos e de sempre anotar suas dúvidas.

Para facilitar seus estudos, assim como os encontros com o professor do CEEJA, muitas dessas atividades podem ser realizadas no próprio Caderno do Estudante.

ATIVIDADE 2 Trabalhadores do Egito Antigo

As imagens a seguir são de pinturas em templos do Egito Antigo e representam aspectos do cotidiano daquela sociedade.

Observe nas imagens os trabalhos realizados e os grupos sociais envolvidos na produção econômica egípcia. Preste atenção aos detalhes, como personagens, atitudes, objetos, roupas, local.



Representação de camponeses em diferentes etapas do trabalho agrícola. [Mural pintado em tumba do templo de Luxor, em Tebas, Egito, c. 1550-1295 a.C.]



Carpinteiros durante suas atividades. [Detalhe de mural de tumba egípcia, em Tebas, Egito, c. 1350-1300 a.C.]

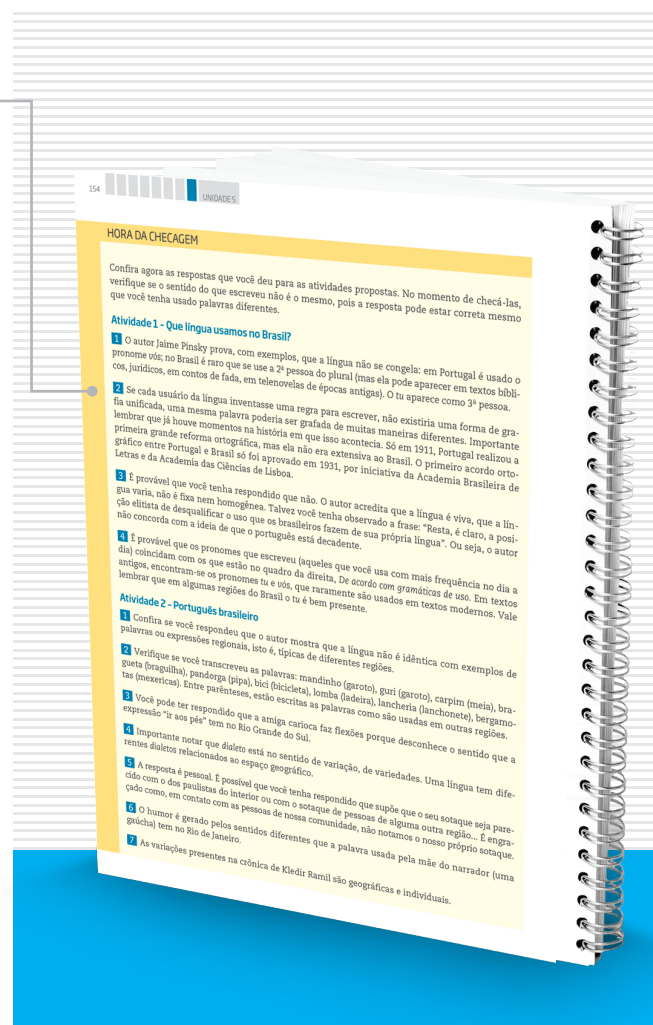
Registre suas observações, levando em conta o que você leu no texto *A vida nas primeiras cidades*.

HORA DA CHECAGEM

Essa seção apresenta respostas e explicações para todas as atividades propostas no Tema. Para que você a localize com facilidade no material, ela tem um fundo amarelo que pode ser identificado na margem lateral externa do Caderno. É nela que você vai conferir o resultado do que fez e tirar suas dúvidas, além de ser também uma nova oportunidade de estudo. É fundamental que você leia as explicações após a realização das atividades e que as compare com as suas respostas. Analise se as informações são semelhantes e se esclarecem suas dúvidas, ou se ainda é necessário completar alguns de seus registros.

Mas, atenção! Lembre-se de que não há apenas um jeito de organizar uma resposta correta. Por isso, você precisa observar seu trabalho com cuidado, perceber seus acertos, aprender com as correções necessárias e refletir sobre o que fez, antes de tomar sua resposta como certa ou errada.

É importante que você apresente o que fez ao professor do CEEJA, pois ele o orientará em seus estudos.



REGISTRO DE DÚVIDAS E COMENTÁRIOS

Registro de dúvidas e comentários

Essa seção é proposta ao final de cada Tema. Depois de você ter estudado os textos, realizado as atividades e consultado as orientações da *Hora da checagem*, é importante que você registre as dúvidas que teve durante o estudo.

Registrar o que se está estudando é uma forma de aprender cada vez mais. Ao registrar o que aprendeu, você relembra os conteúdos – construindo, assim, novas aprendizagens – e reflete sobre os novos conhecimentos e sobre as dúvidas que eventualmente teve em determinado assunto.

Sistematizar o que aprendeu e as dúvidas que encontrou é uma ferramenta importante para você e o professor, pois você organizará melhor o que vai perguntar a ele, e o professor, por sua vez, poderá acompanhar com detalhes o que você estudou, e como estudou. Assim, ele poderá orientá-lo de forma a dar prosseguimento aos estudos da disciplina.

Por isso, é essencial que você sempre utilize o espaço reservado dessa seção ao concluir o estudo de cada Tema. Assim, não correrá o risco de esquecer seus comentários e suas dúvidas até o dia de voltar ao CEEJA.

Algumas seções não estão presentes em todas as Unidades,
mas complementam os assuntos abordados!

ORIENTAÇÃO DE ESTUDO

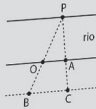
Essa seção enfoca diferentes procedimentos de estudo, importantes para a leitura e a compreensão dos textos e a realização das atividades, como grifar, anotar, listar, fichar, esquematizar e resumir, entre outros. Você também poderá conhecer e aprender mais sobre esses procedimentos assistindo aos dois vídeos de *Orientação de estudo*.

DESAFIO

Essa seção apresenta questões que caíram em concursos públicos ou em provas oficiais (como Saesp, Enem, entre outras) e que enfocam o conteúdo abordado no Tema. Assim, você terá a oportunidade de conhecer como são construídas as provas em diferentes locais e a importância do que vem sendo aprendido no material. As respostas também estão disponíveis na *Hora da checagem*.

DESAFIO

Um observador situado num ponto O, localizado na margem de um rio, precisa determinar sua distância até um ponto P, localizado na outra margem, sem atravessar o rio. Para isso marca, com estacas, outros pontos do lado da margem em que se encontra, de tal forma que P, O e B estão alinhados entre si e P, A e C também. Além disso, OA é paralelo a BC, OA = 25 m, BC = 40 m e OB = 30 m, conforme figura ao lado:



- A distância, em metros, do observador em O até o ponto P, é:
- a) 30.
 - b) 35.
 - c) 40.
 - d) 45.
 - e) 50.

PENSE SOBRE...

Neste tema, você estudou como encontrar as medidas de determinados segmentos utilizando os conceitos de semelhança e congruência entre figuras. Tente imaginar alguma situação na qual esse conhecimento é necessário.

HORA DA CHECAGEM

Atividade 1 - Noção de congruência

1 Os triângulos ABC e JKL são congruentes, tendo como lados correspondentes: AB e JK, BC e KL, CA e LJ. O triângulo GHI não é congruente ao triângulo DEF, pois o primeiro tem um ângulo hi obtuso (maior que 90°) e o segundo tem todos os ângulos agudos (menores que 90°). Ou seja, GHI é obtusângulo, e DEF é acutângulo.

- 2
- a) Um retângulo 3 x 4, por exemplo, não pode ser sobreposto ponto a ponto a um retângulo 2 x 5.
 - b) Um quadrado de lado 3, por exemplo, não pode ser sobreposto ponto a ponto a um quadrado de lado 5.
 - c) É possível fazer coincidir ponto a ponto dois retângulos que tenham as mesmas medidas de lado 5.
 - d) É possível fazer coincidir ponto a ponto dois retângulos que tenham as mesmas medidas de lado 5.

PENSE SOBRE...

Essa seção é proposta sempre que houver a oportunidade de problematizar algum conteúdo desenvolvido, por meio de questões que fomentem sua reflexão a respeito dos aspectos abordados no Tema.

PENSE SOBRE...

Pode parecer estranho pensar em obesidade como uma epidemia, porque pessoas acima do peso não têm uma doença nem são transmissoras de doenças.

No entanto, retome a definição de epidemia: epidemia é um grande aumento do número de casos de uma doença, em um curto espaço de tempo. Com base no conhecimento dos casos, alguma política pública é proposta para resolver a situação. Isso vale para a obesidade. Com um grande número de casos, os hospitais precisam atender mais pessoas que devem ser tratadas dos efeitos causados pelo excesso de peso, como diabetes e doenças cardiovasculares.

O mesmo se pode dizer das pessoas que fumam (principal responsável pelo aumento do número de casos de câncer de pulmão e de bexiga nos últimos anos), que bebem (uma das maiores causas de acidentes de trânsito) ou que usam outras drogas. Em todas essas situações, é preciso tomar decisões que terão impactos sobre a saúde pública.

Qual seria, então, a importância de ter informações, conhecer esses assuntos? Como o conhecimento pode ajudar na prevenção de problemas como os aqui colocados?

ATIVIDADE 1 Estudo de caso: a paralisia infantil no Brasil

O gráfico a seguir representa o número de casos de poliomielite no Brasil entre 1980 e 1993. Essa doença, também conhecida como paralisia infantil, existe em quase todas as regiões do mundo, mas é mais comum em países pobres, onde as condições de saúde e saneamento básico são piores.

A pólio é causada por três tipos de vírus, e há uma vacina muito eficiente contra os três, na forma de gotas pingadas na boca das crianças. A manifestação da doença é muito variada, desde passar quase despercebida até provocar a morte. Ela pode causar a paralisia de músculos de braços e pernas, deixando-os sem força. Se a paralisia atingir músculos da respiração, causará a morte.

A transmissão da poliomielite se dá por meio do contato oral com os vírus presentes nas fezes dos doentes, que pode ocorrer por ingestão de alimentos ou de água não tratada ou por defecação.

MOMENTO CIDADANIA

Essa seção aborda assuntos que têm relação com o que você estará estudando e que também dialogam com interesses da sociedade em geral. Ela informa sobre leis, direitos humanos, fatos históricos etc. que o ajudarão a aprofundar seus conhecimentos sobre a noção de cidadania.



PARA SABER MAIS

Construção de triângulos

Os triângulos têm aplicações em inúmeras atividades profissionais, como no caso dos marceneiros, arquitetos, engenheiros e desenhistas técnicos, que precisam saber construí-los com precisão para fazer plantas de imóveis, projetos de móveis e outros objetos do dia a dia, além de construir estruturas rígidas como torres e pontes.



Marceneiro



Desenhista



Engenheiro e Arquiteto

Existem vários métodos para construir um triângulo com base na medida de seus lados ou de seus ângulos. Os geômetras da Antiguidade utilizavam régua e compasso, mas hoje essa construção pode ser feita com o auxílio de programas de computador.

Veja um exemplo de como construir um triângulo com base na medida dos seus lados.

A primeira coisa a saber é se pode existir um triângulo com as medidas disponíveis. Para que um triângulo exista, a soma da medida dos dois lados menores deve ser maior que a medida do lado maior.

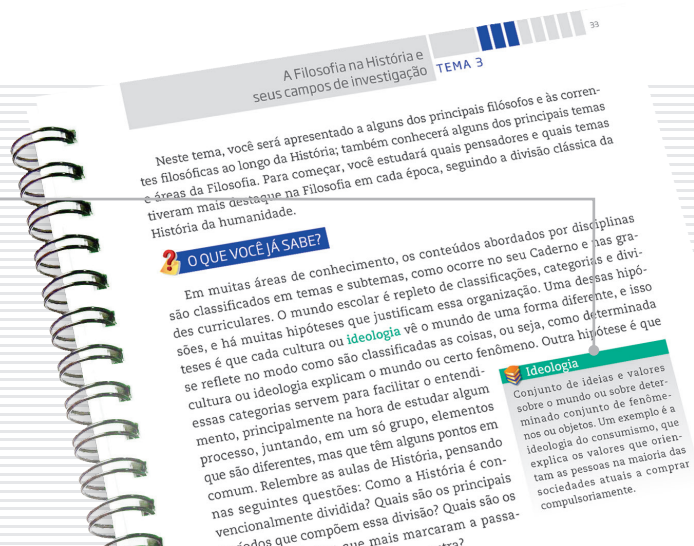
PARA SABER MAIS

Essa seção apresenta textos e atividades que têm como objetivo complementar o assunto estudado e que podem ampliar e/ou aprofundar alguns dos aspectos apresentados ao longo do Tema.

Os boxes são caixas de texto que você vai encontrar em todo o material. Cada tipo de box tem uma cor diferente, que o destaca do texto e facilita sua identificação!

GLOSSÁRIO

A palavra *glossário* significa “dicionário”. Assim, nesse box você encontrará verbetes com explicações sobre o significado de palavras e/ou expressões que aparecem nos textos que estará estudando. Eles têm o objetivo de facilitar sua compreensão.





BIOGRAFIA

Esse boxe aborda aspectos da vida e da obra de autores ou artistas trabalhados no material, para ampliar sua compreensão a respeito do texto ou da imagem que está estudando.

ASSISTA!

Esse boxe indica os vídeos do Programa, que você pode assistir para complementar os conteúdos apresentados no Caderno. São indicados tanto os vídeos que compõem os DVDs – que você recebeu com os Cadernos – quanto outros, disponíveis no site do Programa. Para facilitar sua identificação, há dois ícones usados nessa seção.



FICA A DICA!

Nesse boxe você encontrará sugestões diversas para saber mais sobre o conteúdo trabalhado no Tema: assistir a um filme ou documentário, ouvir uma música, ler um livro, apreciar uma obra de arte etc. Esses outros materiais o ajudarão a ampliar seus conhecimentos. Por isso, siga as dicas sempre que possível.

comuns. Essa comunidade se estende também ao sudoeste da França. Durante décadas, os bascos buscaram se separar da Espanha, e grupos como o ETA (Pátria Basca e Liberdade, em português) usaram de violência para atingir esse fim. No nordeste do país, a Catalunha, cuja capital é Barcelona, também luta por mais autonomia, e muitos de seus habitantes acreditam que seria melhor se ali fosse criado um novo país, independente da Espanha.

Existem ainda países que tinham autonomia política e identidade cultural, mas foram dominados. É o caso do Tibete, invadido e anexado pela China em 1951. Até hoje os tibetanos lutam para manter tradições culturais e libertar-se do domínio chinês.

O mundo está em constante movimento e isso se reflete no mapa-múndi. As divisões políticas e as extensões territoriais mudam o tempo todo, resultado de conquistas e dominações, insatisfações e anseios de emancipação política.

O século XX ficou marcado por dois grandes conflitos mundiais (a 1ª e a 2ª Guerra Mundial), tornando-se um dos períodos da história humana com maior número de mortos. Somente na 2ª Guerra, estima-se que morreram mais de 60 milhões de pessoas. Arrastadas pelas guerras, as potências capitalistas europeias necessitaram de ajuda externa (em especial, dos EUA) para se reerguerem, ao mesmo tempo que, aos poucos, foram perdendo domínios coloniais. Inúmeras lutas de libertação colonial tiveram lugar entre os anos 1950 e 1990. Em alguns países, isso aconteceu antes, como no caso da Índia, que se libertou do domínio colonial britânico em 1947.

FICA A DICA!

A respeito das lutas de libertação colonial na Ásia, assista ao filme *Gandhi* (direção de Richard Attenborough, 1982), sobre a vida do líder da libertação colonial da Índia.

VOCÊ SABIA?

Esse boxe apresenta curiosidades relacionadas ao assunto que você está estudando. Ele traz informações que complementam seus conhecimentos.



TENHO DÚVIDAS JÁ ESTUDEI **Unidade 1 – Descobrindo a Filosofia.....17**

Tema 1 – O que é Filosofia?.....17

Tema 2 – A atitude filosófica.....26

Tema 3 – A Filosofia na História e seus campos de investigação.....33

Unidade 2 – As relações entre a Filosofia e outras formas de conhecimento42

Tema 1 – Senso comum.....43

Tema 2 – Mito e religião.....50

Tema 3 – Ciência.....58

Unidade 3 – O homem em sociedade segundo a Filosofia grega62

Tema 1 – A Filosofia grega.....63

Tema 2 – O conhecimento segundo a Filosofia grega.....70

Tema 3 – A política segundo a Filosofia grega.....80

Tema 4 – A ética segundo a Filosofia grega.....86

Unidade 4 – Ser humano: sujeito e objeto de conhecimento.....93

Tema 1 – Descartes: o eu racional.....94

Tema 2 – Kant: os limites do conhecimento e o imperativo categórico.....101



Caro(a) estudante,

Bem-vindo ao Volume 1 de Filosofia do Programa de Educação de Jovens e Adultos EJA – Mundo do Trabalho. Em primeiro lugar, você deve ser parabenizado pelo esforço e pela coragem em trilhar o caminho do conhecimento sem a presença constante do professor. Sem as aulas presenciais, você estará na maior parte do curso em sua própria companhia e isso requer muita disciplina e esforço.

Para inspirar seus estudos, você deverá se lembrar de que, no estudo de Filosofia, a dúvida é sempre uma aliada. Conviver com a incerteza e com os questionamentos que fizer é importantíssimo para amadurecer o olhar e as ideias sobre os temas estudados. O pensamento do filósofo Immanuel Kant, nascido na Prússia, no século XVIII, ajuda a refletir a respeito disso. Já naquela época, o pensador afirmou que a inteligência de uma pessoa pode ser avaliada pelas dúvidas e incertezas que ela é capaz de aguentar e pensar.

Neste Volume, você fará uma introdução à Filosofia e analisará como ela pode se manifestar em sua vida. Ele está dividido em quatro Unidades temáticas, cada qual com textos, atividades e, eventualmente, indicações de pesquisa.

Você deverá se lembrar de sempre registrar por escrito suas dúvidas e reflexões para discuti-las com o professor de plantão no CEEJA.

O Caderno está assim constituído:

Na Unidade 1 – Descobrindo a Filosofia, você vai estudar o conceito de Filosofia. O que é? Qual o significado da palavra? Onde e quando surgiu? O objetivo será debater essas e outras questões, além de conhecer alguns dos primeiros filósofos.

Na Unidade 2 – As relações entre a Filosofia e outras formas de conhecimento, o propósito será o de observar como a Filosofia se relaciona com as demais áreas de conhecimento. Você poderá analisar como o conhecimento é formado e construído.

A Unidade 3 – O homem em sociedade segundo a Filosofia grega, vai tratar do próprio ser humano e como ele se relaciona com os seus semelhantes, determinando sua organização social.

Já na Unidade 4 – Ser humano: sujeito e objeto de conhecimento, será aprofundada a observação sobre o ser humano como produtor de conhecimento de algo (sujeito) e também como produtor de conhecimento sobre si mesmo (objeto). O indivíduo é aquele que conhece e, ao mesmo tempo, é conhecido, seja na Ciência ou na própria Filosofia.

Boa sorte com seus estudos! Cuide para que essa seja uma travessia produtiva e, por que não dizer, divertida!

Bom trabalho!



TEMAS

1. O que é Filosofia?
2. A atitude filosófica
3. A Filosofia na História e seus campos de investigação

Introdução

O objetivo desta Unidade será o de apresentar a disciplina de Filosofia, que compõe o currículo do Ensino Médio desde 2008, após um longo período de ausência durante a ditadura civil-militar que se desenrolou no Brasil a partir de 1964. Naquele momento, os militares e civis que haviam assumido o poder por meio de um golpe de Estado empreenderam diversas mudanças na educação brasileira. Uma delas foi uma ampla reforma do ensino de primeiro e segundo graus (assim eram chamados, na época, o Ensino Fundamental e o Ensino Médio, respectivamente), que acabou eliminando a Filosofia do currículo. Só recentemente a disciplina foi reincorporada ao Ensino Médio, através da Lei nº 11.684, de 2008.

Você imagina razões para que um governo ditatorial retire a Filosofia das escolas? Ela não interessa a um regime autoritário? Por quê? O que poderia haver no estudo da Filosofia e na prática do filosofar que prejudicasse os objetivos de uma ditadura?

Um dos propósitos desta Unidade será apresentar algumas características da Filosofia que se voltarão para essas perguntas, além de mostrar que ela está mais próxima do cotidiano do que talvez você imagine, fazendo-se presente em diversas circunstâncias da sua vida.

No Tema 1, você poderá conhecer um pouco sobre os diferentes significados da palavra *filosofia* e, assim, entender melhor o que é essa área de estudos. No Tema 2, você vai refletir sobre algumas atitudes que uma pessoa precisa ou pode adotar para pensar filosoficamente, isto é, pensar como um filósofo ou uma filósofa. Por fim, no Tema 3, você poderá conhecer um pouco sobre a história da Filosofia e sobre alguns dos principais filósofos que já existiram.

O que é Filosofia? TEMA 1

O objetivo deste tema, que abre as portas para a Filosofia, será trabalhar com alguns significados da palavra, descobrindo, também, quem registrou os primeiros pensamentos sobre ela. Você também terá a chance de refletir sobre o que a Filosofia pode significar no seu dia a dia.



O QUE VOCÊ JÁ SABE?

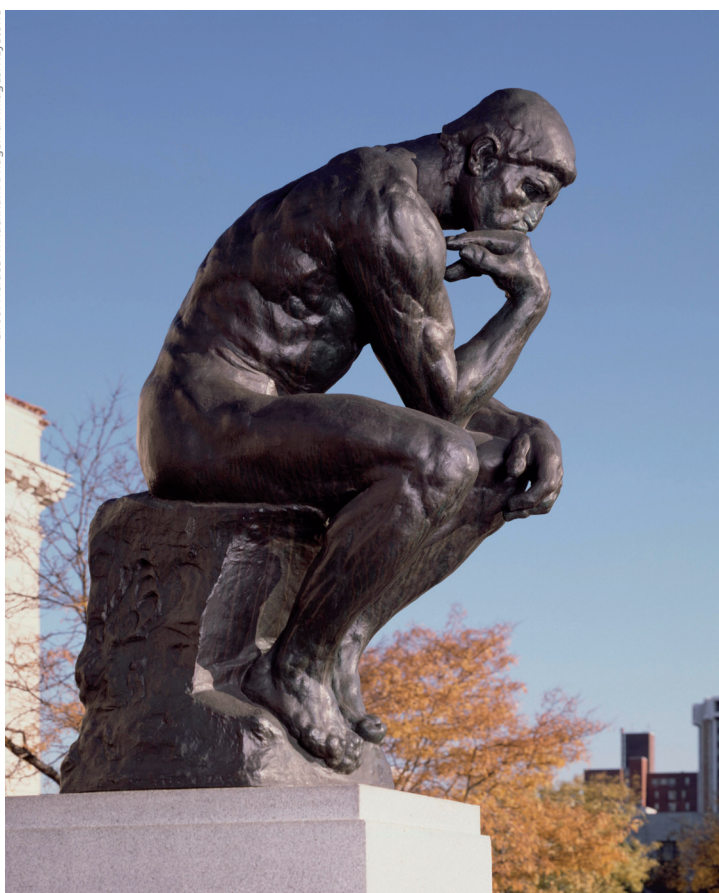
Você já ouviu a palavra *filosofia*? Quando? Onde? Tente se lembrar de frases em que essa palavra tenha aparecido. Nessas frases, que sentido você atribuiria a essa palavra?

ATIVIDADE

1 Aproximando-se da Filosofia

Observe com atenção a imagem e depois responda às questões. Essa escultura foi feita por um artista francês chamado Auguste Rodin (1840-1917).

© Gift of Horace H. Rackham/Bridgeman Images/Keystone



1 Assinale os elementos que você percebe na escultura:

- ☐ Concentração
- ☐ Esforço
- ☐ Reflexão
- ☐ Contemplação
- ☐ Calma
- ☐ Trabalho
- ☐ Energia
- ☐ Alegria
- ☐ Nervosismo
- ☐ Outro. Qual? _____

2 Você vê alguma relação entre a escultura e a Filosofia? Qual?





© Bridgeman Images/Keystone

Essa obra do pintor holandês Rembrandt (1606-1669) é denominada *Filósofo em meditação* (1632). Além do título, a imagem faz alusão ao conhecimento no jogo de luz e sombras. Observe que a escada à direita oferece uma referência interessante, na medida em que tem seus primeiros degraus iluminados, mas sua continuação vai em direção à escuridão. Pode-se associá-la à construção do conhecimento, marcado por um impulso inicial. É possível, inclusive, estabelecer uma relação com a busca de clareza das ideias (nos primeiros degraus) e com as dificuldades encontradas nos próximos passos (escuridão). Repare que a luz de fora adentra o espaço interno, levando à reflexão sobre a relação entre a teoria (espaço interno, fechado) e a prática (espaço externo, a vida lá fora). Além disso, conduz a um importante aspecto: o de que a Filosofia não é mera contemplação ou puro pensamento, uma atividade abstrata, difícil e acessível a poucos, como alguns preconceitos levam a crer, mas é **reflexão** sobre problemas concretos e relevantes da realidade em que se vive. Assim como os filósofos pensaram acerca de questões que lhes eram importantes, você também pode fazê-lo.



Reflexão

Ato de pensar, voltar-se sobre si mesmo.





As primeiras aulas de Filosofia de José Augusto

José Augusto havia se matriculado no Ensino para Jovens e Adultos, pois já não era um menino. Tinha 32 anos. Na escola, estava cansado, trabalhara o dia todo e, como funcionário de uma grande empresa, dessas que chegaram ao Brasil vindas de outro país, estava mais do que habituado ao sistema do “tempo é dinheiro” e por isso pensava que não tinha tempo a perder com simples debates de opinião. Não tardou para que se irritasse um pouco com a discussão promovida pela professora Lia, que buscava criar um espaço que valorizasse o diálogo e o debate.

Apoiado por pelo menos uma dúzia de colegas em situação bastante parecida, José Augusto foi direto ao ponto:

– Professora, a senhora me perdoe a sinceridade, mas para que isso tudo aí? Para que esse negócio todo de Filosofia?

A professora, que já estava habituada a essa pergunta, respondeu fazendo outra:

– Para que serve o amor?

Isso deixou José um tanto constrangido e arrancou alguns risos maliciosos de outros estudantes. Mas ela insistiu:

– É sério, pense nisso. Para que serve o amor?

Houve um rápido debate. Algumas pessoas, **céticas**, disseram que a finalidade do amor é a reprodução da espécie. Outras alegaram que ele serve para encantar a vida. E houve quem, claramente amargurado, afirmou que o amor não serve para nada, “só para desilusão”.



Cético

Conduta da pessoa que se apoia no ceticismo, corrente filosófica segundo a qual não é possível ao homem alcançar a verdade e por isso busca evidências concretas ou provas práticas para ser convencido de algo.

A professora retomou a atenção geral e dirigiu outra questão para a sala:

– Para que serve o conhecimento?

Outras hipóteses surgiram. Alguns disseram que serve para o trabalho, para o aprimoramento ou desenvolvimento humano, para o acúmulo de poder e, é claro, houve os que disseram, sem muita empolgação, que o conhecimento também não serve para nada.

A professora Lia, então, comentou para José Augusto e seus colegas que todas as respostas podem estar certas e que aceitar uma resposta como a mais provável ou correta não quer dizer que as outras sejam absurdas ou que não devam ser levadas



em conta. Desde que haja uma argumentação, todas as respostas refletem um ponto de vista sobre um questionamento. No final, a lição foi que não há uma resposta certa; certo é o caminho da reflexão: quanto mais você pensar nessas questões e nessas respostas, mais aprenderá sobre o amor e sobre o conhecimento. Por isso, é importante debater, dialogar e refletir. O conhecimento é infinito, logo, tudo o que se pode fazer é mergulhar nele, abrindo novas perspectivas para o pensamento.

Tudo isso parecia muito bonito, mas José Augusto foi embora contrariado naquela noite. O ritmo do seu trabalho e a forma como estava habituado a lidar com os problemas do dia a dia não lhe davam tempo para refletir tanto sobre as coisas. Isso soava para ele como um privilégio que só os mais afortunados tinham. Em outra aula, José Augusto reclamou desse incômodo com a professora, que lhe respondeu:

– É comum as pessoas acreditarem que a Filosofia é “coisa de gente privilegiada”, ou seja, de gente mais “estudada” ou com condições financeiras melhores que a média da população. Essa ideia é, em parte, verdadeira, pois, ao longo da História, a Filosofia tem sido realmente um privilégio dos mais ricos ou das pessoas com maior escolaridade, que, por esse motivo, têm mais condições de se dedicar a essa área de conhecimento. Mas é também um preconceito, pois não precisa necessariamente ser assim. E é fundamental denunciar e combater esse preconceito.

José Augusto gostou da resposta, entendendo não só que sua ação poderia mudar, mas também que, repensando sua atitude, ele ajudaria a combater um preconceito. Ele compreendeu que a ideia de não haver uma resposta correta o incomodava profundamente, enchendo-o de angústia e insegurança, porque, sem nunca ter percebido, José havia se viciado no **conforto das certezas**.

O tempo passou e José adquiriu o hábito de perguntar às pessoas para que servissem o amor e o conhecimento. Normalmente, recebia outras perguntas como resposta: Amor de quem? Que conhecimento? Como se toda pergunta tivesse um “depende” como resposta. Ele percebeu que, cada vez que retomava o assunto, dialogando com alguém ou refletindo sozinho, ele entendia um pouco mais sobre esses temas. O seu amor. O seu conhecimento.

Lendo um livro no ano seguinte, José Augusto descobriu que o significado da palavra *filosofia* era “amor ao conhecimento” e só então conseguiu valorizar aquela aula da professora Lia. Foi assim que aprendeu a mais valiosa lição: não é preciso ter certezas para pensar.

Ele entendeu o objetivo da professora, bem como a utilidade da Filosofia, percebendo que se tratava da mesma coisa: estimular na consciência um estado de abertura para a reflexão crítica, um bem-querer pela prática de repensar argumentos,



opiniões, evitar as certezas precipitadas e ponderar sobre o próprio pensamento. Esse estado reflexivo evita e desconstrói preconceitos, além de manter a mente afiada para novos conhecimentos e novas formas de entender a realidade e as muitas verdades com as quais é possível se deparar ao travar contato com o mundo. E o mais interessante: essa é uma atitude que pode ser adotada, desenvolvida, aprendida por qualquer pessoa.

Para concluir, é importante não achar que, para a Filosofia, a verdade é relativa apenas porque ela aceita muitas respostas como certas. Isso é incorreto. Primeiro, porque não há uma única filosofia, ou uma única concepção da Filosofia e do que é a prática filosófica; segundo, porque muitas filosofias, ou muitas **correntes filosóficas**, discordam de uma posição **relativista**, segundo a qual a verdade universal é inatingível. É o caso do pensamento de Sócrates e de Platão, por exemplo, autores que você vai estudar neste Caderno. Não se contentar com as certezas não significa necessariamente duvidar da existência delas, deixar de buscá-las e adotar o relativismo. O relativismo pode ser compreendido como uma concepção da Filosofia, mas não é a única. É possível afirmar, então, que a definição de Filosofia já é, em si, uma questão filosófica. Trabalhar com uma definição particular de filosofia não esgota o que é a Filosofia.



Glossário

Corrente filosófica

Conjunto de ideias e conceitos adotado por um certo número de filósofos e que caracteriza a sua filosofia, a sua doutrina, o seu modo de pensar e de agir.

Relativista

Aquele que assume a perspectiva do relativismo, cuja tese central defende que a verdade não é ou não pode ser conhecida de forma absoluta.

ORIENTAÇÃO DE ESTUDO

(Re)leitura de textos

Sempre que trabalhar com textos, leia-os pelo menos duas vezes. Na primeira leitura, você deve compreender do que ele trata, identificando qual é o assunto principal. É interessante circular as palavras que você não conhece e consultar o dicionário. Anote o significado e procure incorporar algumas delas ao seu vocabulário. Você pode criar um glossário, anotando todas as palavras novas que aprendeu, aumentando seu repertório. A segunda leitura é de interpretação. Nela, você deve tentar aprofundar a compreensão do texto, levantando os argumentos utilizados pelo autor. É interessante grifar as passagens mais importantes, por exemplo, as definições e as ideias centrais.

ATIVIDADE

2

As primeiras aulas de Filosofia de José Augusto

A partir da leitura do texto *As primeiras aulas de Filosofia de José Augusto*, responda: Você considera que a Filosofia é uma atividade exclusiva dos mais afortunados ou ela pode ser praticada por qualquer pessoa? Aproveite também para retomar a trajetória percorrida até aqui. Para isso, volte agora ao que respondeu na seção *O que você já sabe?*, verifique a resposta dada naquela ocasião e reflita. Perceba, então, se seu entendimento mudou e como.

This image shows a blank sheet of white paper with horizontal ruling lines. The lines are evenly spaced and run across the width of the page. There are no margins, text, or other markings on the paper.

APROFUNDANDO O CONCEITO DE FILOSOFIA

Filosofia é uma palavra grega formada de duas outras: *philo* e *sophia*.

Philo deriva da palavra *philia*, que quer dizer “amor”, “amizade”. *Sophia* significa “sabedoria”, “conhecimento”. Então, *filosofia* é um termo que significa “amor ao conhecimento”. Essa definição é atribuída a Pitágoras de Samos, filósofo grego da Antiguidade. Há uma tradição de longa data, segundo a qual, em certa ocasião, ao ser chamado de sábio (*sophós*) por um interlocutor (acredita-se que tenha sido Lêon, tirano da cidade de Fliús), Pitágoras teria reagido recusando o referido título e se autodenominando amante ou amigo da sabedoria (*philosophos*). Assim, filósofo é aquele que é amigo da sabedoria, a ama e a deseja, estabelecendo com ela uma relação de amizade. A Filosofia seria, portanto, a busca do saber, do conhecimento, da verdade. Essa busca é a atividade do filósofo. E ele a realiza por meio da reflexão, como você verá adiante.

ATIVIDADE

3

A etimologia da palavra *filosofia*

Etimologia é uma palavra de origem grega, derivada dos termos *étumon*, que significa “verdadeiro”, e *logia*, que representa “estudo”. Portanto, *etimologia* é o estudo do significado das palavras por meio da investigação de sua origem. Ao descrever o significado de *filosofia* no quadro da página anterior, fez-se um estudo etimológico do termo, o que pode ser útil para compreender com maior profundidade o conceito dele. Tendo lido o texto desse quadro, responda: Qual é o significado etimológico da palavra *filosofia*? A partir disso, dê uma definição de *filosofia*. Procure sempre lembrar que buscar pelo sentido etimológico não esgota o que a palavra quer dizer.



ASSISTA!

Filosofia – Volume 1

O que é Filosofia?

O vídeo aborda o conceito de Filosofia e os instrumentos do filosofar como alternativa para a construção do conhecimento, por meio do uso da razão.

HORA DA CHECAGEM

Atividade 1 - Aproximando-se da Filosofia

1 Lembre-se de que, no estudo de Filosofia, a dúvida é uma aliada. Fazer questionamentos sobre as supostas verdades é importante para que as pessoas possam amadurecer seu olhar e seus pensamentos sobre os temas estudados. Você pode ter assinalado todos os elementos; é preciso, no entanto, que você tenha refletido sobre o porquê de sua escolha. Por exemplo, caso tenha assinalado “reflexão”, pode ter pensado que a escultura representa a introspecção de alguém refletindo.

2 A escultura *O pensador* possui uma proposta bastante interessante e representativa para a Filosofia. Configurar em uma escultura de pedra alguém simplesmente pensando não deve ser tarefa fácil, dado que pensar é uma ação que pode acompanhar diversas outras. Basta lembrar de diversas outras esculturas representando soldados em cavalos, bustos de pessoas importantes, deuses e ídolos em atividades variadas. É possível concluir que cada um deles parece estar pensando em alguma coisa enquanto sustenta sua pose. O mesmo vale para fotografias ou para pessoas interagindo umas com as outras no dia a dia. O vínculo da escultura com a Filosofia é que o pensamento do pensador não está escondido por trás do seu olhar ou da sua atividade; pelo contrário, está representado em todo seu corpo. Além disso, pode-se chamar a atenção para o fato dele estar nu e sem qualquer acessório. Logo, o personagem não pode ser identificado como alguém que viveu em determinada época ou que pertence a determinada classe social. Portanto, essa forma de representar o pensador significaria que a atividade do pensamento está à disposição de qualquer um, sem distinções de classe, ordem, família ou status social. E o mesmo, é claro, vale para a Filosofia.

Atividade 2 - As primeiras aulas de Filosofia de José Augusto

A resposta é de cunho pessoal, mas, com base no texto lido, você pode ter comentado que a Filosofia não é uma atividade exclusiva dos “afortunados” ou “intelectuais”. Qualquer pessoa é capaz de pensar, fazendo reflexões.

Atividade 3 - A etimologia da palavra *filosofia*

De acordo com o texto que você leu, se pensar etimologicamente, filosofia vem da união de duas palavras: *philo*, que significa “amor” ou “amizade”, e *sophia*, que implica “conhecimento”, “sabedoria”. Assim, filosofia simboliza amor pelo conhecimento, amizade com a sabedoria. Mas, conforme visto, isso não esgota a definição do termo. Você poderia responder também que uma das ações que definem o filosofar está relacionada com a atitude de refletir; portanto, filosofia também é reflexão.



Registro de dúvidas e comentários

This image shows a full page of blank, lined paper. It features approximately 20 evenly spaced horizontal grey lines across its entire width, providing a template for handwriting practice or general note-taking. The margins are consistent on all sides.

? O QUE VOCÊ JÁ SABE?

Leia a tirinha a seguir.



Você já esteve alguma vez numa situação como a da criança retratada? Questionou insistentemente outra pessoa acerca de coisas que observa em seu cotidiano e para as quais não obtém resposta? Coisas que parecem enigmáticas ou de difícil solução para você?

O objetivo da imagem é associar a Filosofia com a atitude questionadora, indagadora. É importante que você perceba, entretanto, que a situação descrita na tira retrata também uma curiosidade infantil que, por vezes, põe o adulto em dificuldades. Você considera que isso seja o mesmo que filosofar?



Quando a criança questiona, ela espera do adulto uma resposta “correta” e, se a consegue devido à convicção ou ao afeto daquele que a fornece, contenta-se com ela, uma vez que a assume como “verdadeira”. A atitude filosófica, porém, refere-se a uma atitude reflexiva, cujas perguntas não têm o objetivo de encontrar a verdade. Cada questionamento poderá levar a caminhos diferentes, e é do embate entre esses diversos caminhos que se gera a reflexão.

Explique o que você já sabe sobre o que seria uma reflexão filosófica, baseando-se na sua experiência de refletir.



Conhecendo a atitude filosófica

A atitude filosófica pode ser descrita como aquela que não se contenta com o que parece natural. Na rotina diária, por exemplo, as pessoas são muitas vezes levadas a fazer várias coisas em pouco tempo e se queixam porque não vencem as obrigações que haviam planejado. A atitude filosófica interroga não só o *que* se chama de obrigação (O que é uma obrigação? Quem a determinou? Com quais critérios?), mas também *como* o indivíduo a encara (De que forma a tarefa seria feita? Contando com quais estratégias?), além de se preocupar com os motivos que levam o indivíduo a se sentir mal quando não consegue cumprir com o planejado (De onde vem esse sentimento? Qual a sua causa?). Mais ainda, questiona também o tempo – afinal, o que ele é?

É possível dizer, então, que a atitude filosófica, ao indagar sobre a natureza, a realidade, a economia, as relações, os sentimentos e as amizades, tem a ver com a reflexão, porque ela é exatamente o pensamento que pondera sobre o próprio pensamento. Há quem diga que em Filosofia é importante fundamentar tudo aquilo que é dito. Trata-se da exigência de rigor e demonstração que é típica dessa forma de conhecer e pensar sobre as coisas, isto é, do **pensamento filosófico**. Por outro lado, há também quem diga que não são apenas filósofos que podem produzir conhecimento filosófico.

Mas, afinal, o que é Filosofia? Ou, melhor ainda, onde ela acontece? Nas universidades? Nas ruas? Quem faz a Filosofia acontecer? Como?



Para tentar responder a essas perguntas, é preciso examinar a longa história da Filosofia no Ocidente, que remonta há muitos séculos. Tales de Mileto, considerado um dos primeiros filósofos ocidentais, é o precursor de uma série de pensadores que tentaram compreender e dar explicações racionais aos fenômenos do Universo. Esses pensadores, chamados de filósofos físicos ou pré-socráticos, buscavam explicar **racionalmente** os fenômenos físicos e a origem do Universo sem recorrer aos mitos, pois, para eles, era preciso avançar além das histórias que associavam os fenômenos do Universo aos deuses. Em linhas gerais, os mitos são narrativas que relacionam a origem das coisas, suas funções e modos de funcionamento aos poderes e vontades de divindades que agiriam sobre os seres humanos e sobre a natureza. Tais narrativas são transmitidas oralmente, ao longo das gerações. Ao tentar romper com essa maneira de compreender e explicar a realidade, os filósofos pré-socráticos observavam os fenômenos que aconteciam ao seu redor, levantando hipóteses explicativas, por meio do uso da razão.

A atitude filosófica tende a observar criteriosamente o mundo ao seu redor, isto é, nos mínimos detalhes e com um método predefinido, tendo como objetivo construir uma interpretação rigorosa do que acontece, sem se satisfazer, por exemplo, apenas com o conhecimento ancorado na crença de que seres ou fenômenos sobrenaturais interferem na organização do Universo.

O filósofo pode desconstruir, portanto, alguns dogmas ou crenças, porque defende o questionamento constante em lugar de aceitar uma resposta pronta, dada pela fé. Certamente as narrativas míticas ou a religião não são as únicas áreas em relação às quais se deve ter uma atitude crítica, sem mencionar que nem toda vivência religiosa é necessariamente **acrítica**.

Tales de Mileto

Tales nasceu na cidade de Mileto, na Grécia, viveu entre 624-546 a.C. e é considerado o primeiro pensador ocidental a estabelecer uma análise científica do mundo. O que impulsionava Tales nas suas investigações era um descontentamento com as respostas baseadas nos mitos para explicar os fenômenos naturais do dia a dia. Tales era produtor e comerciante de azeitonas e azeite; tinha, portanto, motivações materiais e comerciais para buscar explicações científicas para a realidade física. Pode-se compreender, assim, que Tales procurava por explicações que possuísem um encadeamento lógico, que pudessem ser racionalmente explicadas.

BIOGRAFIA

Racional

Aquilo que exige argumentação, raciocínio coerente.

Acrítico

Aquele que aceita qualquer ideia sem questionar.



É possível tanto encontrar a atitude filosófica na ação religiosa (quando, por exemplo, uma pessoa questiona suas próprias crenças) quanto observar **posturas doutrinárias** no procedimento científico (quando, por exemplo, um cientista crê cegamente nos seus procedimentos, sem levar em conta que eles podem estar equivocados). Afinal, não existe uma barreira **intransponível** entre Filosofia, Ciência, Religião e a vida do indivíduo comum. Todas essas modalidades de conhecimento podem se debruçar sobre as mesmas questões, encontrando respostas que lhes são próprias e adequadas aos seus métodos de investigação.

É muito mais fácil fazer uma afirmação em público quando se sabe que outras pessoas já ouviram aquilo antes e estão propensas à concordância. Se alguém diz, por exemplo, “O Brasil é o país do futebol”, provavelmente poucas pessoas vão questionar ou duvidar, pois é uma frase que já conquistou sua aceitação no cotidiano cultural do brasileiro, assim como as piadinhas ou os ditos populares. Isso é chamado de senso comum, ou seja, algo compreendido facilmente sem uma base científica, e cuja facilidade de absorção está fundamentada no fato de que esse discurso é aceito amplamente no meio social, ou seja, é reconhecido, revisitado e repetido muitas vezes em diversos setores da sociedade.

É importante ter bastante claro que a atitude filosófica requer de cada um vontade, disposição interna para a descoberta e o entendimento das ideias, dos pensamentos, da realidade. Trata-se de um questionamento sincero e interessado em compreender algo. Atitude filosófica é mais do que “dar sua opinião” repetindo palavras. Filosofar requer um profundo comprometimento com a escuta, com o pensar, com a reflexão e com o desejo de descobrir novas ideias e pontos de vista cultivando, no processo, o respeito às diferenças. Para aprender, é necessário ter humildade e respeito por tudo aquilo que pode ensinar. E a Filosofia, ao priorizar a busca do saber por meio da razão, ao exigir que as opiniões, a realidade diária e as experiências particulares sejam analisadas criticamente, ensina que é possível aprender com os livros, com a natureza, com o meio ambiente e, principalmente, consigo mesmo.



Glossário

Postura doutrinária

Atitude de excessivo apego a um conjunto de opiniões, a ponto de tomá-lo como absoluto e não admitir contestação.

Intransponível

Algo que não se pode transpor, ultrapassar ou transportar.





Tales, por exemplo, era um observador da natureza. Foi reparando nas sutis mudanças do ambiente que ele pensou a respeito dos motivos que levavam às inundações do rio Nilo ou que previu a ocorrência de um eclipse solar. Também ponderou acerca da origem do mundo, enunciando que tudo é feito de água.

Muitas pessoas se perguntam (e você não deve ser exceção) qual é a utilidade prática da Filosofia. Tales pode ser um bom exemplo de como responder a essa questão. Por conta da sua forte capacidade de observação, tornou-se um homem muito bem-sucedido, pois soube aproveitar os conhecimentos que acumulou sobre os movimentos da natureza e sobre os homens, que ele via como parte da natureza, para enriquecer. Enquanto a maioria das pessoas creditava aos deuses as boas colheitas (que por sua vez estimulavam o comércio, fazendo-as ter mais fartura), Tales notou que o clima, com suas variações meteorológicas, era o que, de fato, influenciava a qualidade delas. Conta-se que Tales, por meio de suas observações, previu que a colheita de azeitonas de determinado ano seria farta. Antes da temporada em que elas seriam colhidas e transformadas em azeite, Tales alugou todas as prensas. Então, quando todos estavam precisando delas para produzir o óleo, ele pôde cobrar o preço que julgou adequado, obtendo muitos lucros.

Esse é apenas um exemplo, que precisa, no entanto, ser questionado, para que não se caia no erro de considerar que a Filosofia tem sempre de apresentar uma utilidade prática imediata e, de preferência, voltada para a obtenção de ganhos financeiros.

Tales também desenvolveu um teorema matemático (teorema de Tales), que você estudou (ou ainda vai estudar!) em Matemática. Se você pesquisar a história de disciplinas como a Matemática, a Química, a Física e a Biologia, verá que em seu início houve sempre um filósofo. Isso porque a Filosofia busca os fundamentos, a essência, o conceito e, por isso mesmo, ajuda a definir o objeto de cada campo do conhecimento. Então, achar a Filosofia inútil é condenar uma porção de coisas importantes à inutilidade. Nesse caso, é preciso cuidado!

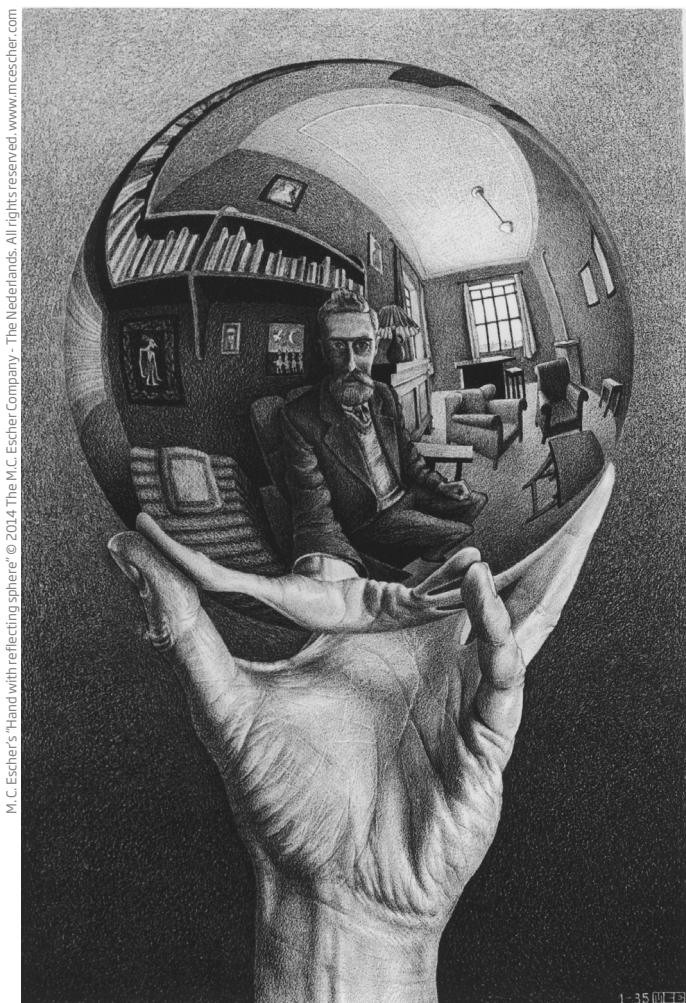
Essa noção de Filosofia como busca da essência, do conceito, parece chocar-se com a ideia trabalhada no Tema 1, *O que é Filosofia?*, apresentando a Filosofia como exercício reflexivo. Não se trata de uma contradição, mas de conhecer outra perspectiva do que ela é, além de perceber que há mais de uma definição para o termo. Como você viu, a própria definição de Filosofia já é uma questão filosófica.



ATIVIDADE 1 Trabalhando com imagem

Observe a imagem a seguir.

Trata-se de alguém que segura uma esfera espelhada que reflete o ambiente no qual a pessoa está, além de refletir ela mesma. Você percebe alguma relação entre a imagem e a Filosofia? Qual? Explique sua resposta.



M.C. Escher. *Mão com uma esfera espelhada*, 1935. Lito gravura.

This image shows a single sheet of white paper with horizontal ruling lines. The lines are evenly spaced and run across the width of the page. There are no margins, text, or other markings on the paper.

HORA DA CHECAGEM

Atividade 1 - Trabalhando com imagem

No texto *Conhecendo a atitude filosófica*, você leu que a reflexão é o pensamento que pondera sobre o próprio pensamento. O mesmo ocorre com a imagem que você observou. Ela retrata um homem observando o próprio reflexo em uma esfera espelhada. Esse reflexo, no entanto, é distorcido, tendo em vista o formato arredondado do objeto. Assim, a imagem pode provocar a seguinte indagação: Sou como me vejo ou da forma distorcida como sou representado? A imagem remete à curiosidade, ao questionamento, à reflexão, ações que caracterizam a atitude filosófica.



UNIDADE 1

UNIDADE 1

[illegible]



Neste tema, você será apresentado a alguns dos principais filósofos e às correntes filosóficas ao longo da História; também conhecerá alguns dos principais temas e áreas da Filosofia. Para começar, você estudará quais pensadores e quais temas tiveram mais destaque na Filosofia em cada época, seguindo a divisão clássica da História da humanidade.



O QUE VOCÊ JÁ SABE?

Em muitas áreas de conhecimento, os conteúdos abordados por disciplinas são classificados em temas e subtemas, como ocorre no seu Caderno e nas grades curriculares. O mundo escolar é repleto de classificações, categorias e divisões, e há muitas hipóteses que justificam essa organização. Uma dessas hipóteses é que cada cultura ou **ideologia** vê o mundo de uma forma diferente, e isso se reflete no modo como são classificadas as coisas, ou seja, como determinada cultura ou ideologia explica o mundo ou certo fenômeno. Outra hipótese é que essas categorias servem para facilitar o entendimento, principalmente na hora de estudar algum processo, juntando, em um só grupo, elementos que são diferentes, mas que têm alguns pontos em comum. Relembre as aulas de História, pensando nas seguintes questões: Como a História é convencionalmente dividida? Quais são os principais períodos que compõem essa divisão? Quais são os eventos históricos que mais marcaram a passagem de uma época ou idade para outra?



Ideologia

Conjunto de ideias e valores sobre o mundo ou sobre determinado conjunto de fenômenos ou objetos. Um exemplo é a ideologia do consumismo, que expressa os valores que orientam as pessoas na maioria das sociedades atuais a comprar compulsoriamente.



A História da Filosofia

A História da Filosofia, assim como a História geral, foi convencionalmente dividida em períodos. Esse tipo de divisão serve para que se compreenda melhor o que aconteceu, percebendo semelhanças e diferenças em comparação a outras épocas. Esses períodos são apenas um referencial didático, podendo aparecer de maneiras distintas nos diversos materiais que tratam do assunto, diferindo também de acordo com opiniões particulares de cada pesquisador.

A Filosofia faz parte da História; ela não é algo abstrato, imune aos conflitos, interesses, necessidades de cada momento histórico. Afinal, é em função de circunstâncias históricas determinadas, buscando responder aos problemas concretos trazidos por elas, que os filósofos se propuseram a refletir e a produzir suas obras.



Filosofia na Antiguidade

A Antiguidade é um período que se iniciou no século VI a.C. e se estendeu até o século VI d.C. Parte considerável dos filósofos desse período (os chamados pré-socráticos) teve como preocupação a explicação da origem da natureza, sua estrutura e seu funcionamento. Como representantes desse período é possível citar, além de Tales e Pitágoras, já mencionados, Anaximandro, Anaxímenes, Anaxágoras, Heráclito, Parmênides, Demócrito, entre outros. Posteriormente, no período chamado Clássico, outros filósofos introduziram questionamentos sobre o homem e sua relação com a sociedade. Foi o que fizeram Sócrates, Platão e Aristóteles. Ainda na Antiguidade, houve também o período helenístico, quando a Filosofia se voltou para temas éticos e existenciais, a exemplo de Epicuro, Epiteto e Zenão de Cicio.

ESCOLA DE ATENAS



Rafael Sanzio. *Escola de Atenas*, 1508-1511. Sala de Assinatura, Museus Vaticanos, Vaticano.

A obra *Escola de Atenas* é um afresco (técnica de pintura em paredes ou tetos em gesso ou cal úmidos) que retrata um encontro imaginário entre filósofos da Antiguidade Clássica. Ela simboliza a busca da verdade e da sabedoria. Ao centro, Platão e Aristóteles representam a própria Filosofia e seus esforços em compreender o mundo material e a natureza. Filósofos como Heráclito, Euclides, Pitágoras, Zoroastro e Ptolomeu também estão na obra.

Esse afresco foi pintado pelo artista italiano Rafael Sanzio (1453-1520), que viveu muitos séculos depois da Antiguidade. Sanzio foi um dos principais artistas do Renascimento. Uma das características centrais do período renascentista foi a valorização da cultura e da filosofia da Antiguidade, que havia ficado “esquecida” por muito tempo.



Filosofia na Idade Média

A Idade Média é um período compreendido entre o século VII e o século XIV. Nesse momento, a sociedade europeia estava dividida em estamentos sociais estratificados, ou seja, havia pouquíssima, praticamente nenhuma, mobilidade entre os grupos sociais, e as pessoas estavam submetidas ao governo e ao domínio de um Estado monárquico, basicamente construído sobre a aliança entre as famílias nobres e o **clero**. O clero dava sustentação ideológica e justificava o domínio dos nobres, funcionando ao mesmo tempo como órgão repressor e mediador entre o homem comum (plebeu) e as intenções de seus governantes. Talvez por conta dessa estrutura social, o discurso religioso possuía fundamental importância, o que está refletido na filosofia da época.



Clero

Classe social formada pelos membros da hierarquia de uma igreja, especialmente os sacerdotes, como padres, frades, bispos etc.

Dentre os principais problemas que se ocupou a Filosofia medieval destacam-se: a busca de provas racionais da existência de Deus; a possibilidade de conciliação entre fé e razão; a relação entre religião e política, Igreja e Estado. Santo Agostinho e São Tomás de Aquino estão entre os representantes mais importantes desse período.



FICA A DICA!

O *nome da rosa* (direção de Jean-Jacques Annaud, 1986) é um filme, adaptado do livro de Umberto Eco, que retrata a visita do religioso Guilherme de Baskerville, chamado para resolver uma série de mortes misteriosas ocorridas em um mosteiro, na Idade Média. Por meio desse enredo, o filme aborda a filosofia e o poder da Igreja Católica e principalmente o tema do conflito entre fé e razão.

Filosofia na Idade Moderna

A Idade Moderna é um período que teve seu início no século XIV e seu final em meados do século XVIII. Correspondeu a um contexto no qual o modelo medieval de aliança entre monarquia e Igreja estava desgastado, ao passo que a **burguesia** começava a apresentar-se como uma força política cada vez mais expressiva. Essa época foi também marcada pelas grandes descobertas e conquistas territoriais decorrentes da expansão marítima, o que inaugurou um longo



Burguesia

Classe social formada pelos proprietários dos meios de produção. De forma geral, são os donos das empresas, aqueles que têm a posse dos instrumentos, das instalações físicas e do capital necessário para contratar a mão de obra de outras pessoas e, assim, produzir mercadorias, realizar atividade comercial ou prestar serviços e, consequentemente, obter lucro financeiro.



período de colonização de “terras virgens” e acordos comerciais bastante agressivos entre as nações europeias dominantes – foi um contexto de intensas transformações culturais. O pensamento filosófico desse período foi pautado pelo questionamento sobre o homem como sujeito de conhecimento, isto é, um ser que age com base em suas capacidades racionais, e sobre a realidade como um sistema composto de mecanismos de funcionamento que podem, portanto, ser plenamente conhecidos. É desse período o atual modelo de pensamento científico, que toma como base a ideia de que todo conhecimento válido advém da Ciência e de tudo o que ela é capaz de produzir e transformar, tendo em vista melhorias da sociedade e da vida humana. Convém afirmar que esse é um modelo já em crise. Essa ideia será discutida ao longo das próximas Unidades e Cadernos. Foram representativos na Idade Moderna filósofos como Francis Bacon, René Descartes, Galileu Galilei, Thomas Hobbes, John Locke, Isaac Newton, entre outros.

Posteriormente, mas ainda nesse período, surgiu a Filosofia da Ilustração, ou Iluminismo, que foi marcada pela ascensão da burguesia ao poder político. Desenvolveu-se, sobretudo, nos séculos XVIII e XIX e tem como cerne a crença no poder da razão como requisito fundamental à liberdade, à felicidade e à autonomia, diante do poder centralizado da monarquia e dos **dogmas** da Igreja Católica. O movimento iluminista de ordem filosófica, política, social, econômica e cultural afirma que, por meio do poder da razão, o homem e a civilização evoluirão. Como representantes desse período é possível citar Voltaire, Diderot, Rousseau e Kant, entre outros.



Dogma

Ideia tida como verdadeira e indiscutível por uma religião, ideologia ou organização.

Filosofia na Idade Contemporânea

Compreende o final do século XVIII (Revolução Francesa, 1789) até os dias atuais. Reflete, entre outros temas, sobre o **modo de produção capitalista** e a ideia de progresso ininterrupto, além de como opera a Ciência, dos avanços da técnica e das transformações da cultura. Nesse momento, a Filosofia questiona as possibilidades da razão, que por muito tempo foi defendida como condição de realização máxima dos homens. O período contemporâneo avalia que a razão nem sempre levou os seres humanos a uma boa condição ética, política,



Modo de produção capitalista

Modo de produção e organização da economia e da sociedade baseado na oposição entre uma classe proprietária dos meios de produção (também chamada de burguesia) e uma que não tem a posse deles (também chamada de proletariado) e que, para sobreviver, precisa vender sua força de trabalho à primeira.



social, e por isso interroga seu próprio conceito – exemplo disso está na obra de Theodor W. Adorno e Hannah Arendt. Por outro lado, outros filósofos seguem acreditando que é preciso repensar para onde se quer ir, qual o destino que a humanidade deseja alcançar e, desse modo, otimizar o uso da razão em prol de transformações sociais que auxiliem no desenvolvimento pleno do indivíduo. É o caso de Friedrich Hegel e Karl Marx, que podem ser citados como filósofos importantes do período.

É importante ressaltar que os temas e autores mencionados acima não refletem a totalidade do pensamento filosófico produzido ao longo da História. Aliás, isso seria impossível de fazer aqui. O objetivo, no presente momento, é apenas ilustrar alguns dos muitos caminhos percorridos pela Filosofia, pelo pensamento filosófico, em cada um dos períodos nos quais ela foi convencionalmente dividida. Vale lembrar também que os temas que predominam num determinado momento são, muitas vezes, retomados em outros, não havendo, portanto, uma rígida separação ou isolamento entre esses períodos. Alguns desses temas serão estudados no decorrer do curso.

ATIVIDADE 1 A História da Filosofia

Ao longo da História, a Filosofia teve diferentes preocupações. Com base na leitura do texto *A História da Filosofia*, complete o quadro a seguir.

| Período | Preocupações principais |
|---------------------|-------------------------|
| Antiguidade | |
| Idade Média | |
| Idade Moderna | |
| Idade Contemporânea | |



As áreas de investigação da Filosofia

Depois do contato inicial que você teve com a produção filosófica ao longo da História, é interessante compreender quais são as áreas de investigação da Filosofia. Aqui elas são apresentadas em agrupamentos temáticos, campos de investigação que estão associados por possuírem os mesmos objetos de pesquisa e análise. Esses campos são importantes para que investigadores, pesquisadores e estudantes possam se localizar e associar modelos de pensamento, livros que se relacionam e, dessa forma, conhecer o que é ou já foi produzido sobre um mesmo tema, com o objetivo de ampliar seu repertório.

Você já reparou que as áreas de conhecimento são divididas segundo a ênfase dada ao objeto que elas estudam? Por exemplo, a Biologia estuda os seres vivos; a Linguística, as regras de funcionamento da língua; a Matemática, os cálculos, as medições do espaço, os problemas lógicos e as diversas operações numéricas. E quanto à Filosofia, o que ela estuda? Será que ela ajuda a entender o que se passa no mundo, por exemplo?

Pensando nessas perguntas, observe a tirinha a seguir.



Na tirinha, a personagem Lucy é desafiada por Charlie Brown a pensar em uma afirmação que ela mesma havia acabado de fazer e sobre a qual, aparentemente, nem parou para refletir.

Charlie Brown faz uso de um instrumento muito importante para a Filosofia: o questionamento, a **problematização**. Questionar é fundamental, pois permite o exercício da imaginação, do raciocínio e da busca de coerência de ideias.

Problematizar

Ato de questionar, pôr em dúvida, transformar em problema algo que antes era aceito passivamente.

Dentre outros tantos instrumentos do filosofar, a problematização também permitiu que os diversos filósofos, ao longo de muitos séculos de História, produzissem suas filosofias, que podem ser conhecidas ainda hoje. É muito tempo, não é mesmo?



Foram muitos os temas discutidos pela Filosofia ao longo de todo esse tempo. Alguns desapareceram, enquanto outros foram sistematizados e aprimorados. Mas, afinal de contas, quais seriam as áreas de investigação da Filosofia?

A seguir, você observará algumas dessas áreas.

- **Estética ou Filosofia da Arte**

Estuda o que é Arte, o que é o belo, o gosto artístico, as ideias que levam à produção artística e à criação, além das relações entre a Arte e outras esferas da vida humana, como a sociedade, a política, a ética, ao longo dos tempos e em diferentes contextos e culturas.

- **Teoria do conhecimento (epistemologia)**

A epistemologia é a parte da Filosofia que estuda as diferentes formas de conhecimento. Observa criticamente como o conhecimento é construído, quais são os seus métodos e qual o seu alcance e potencial. Discute as relações da Filosofia com a Ciência, quando analisa, por exemplo, quais devem ser os procedimentos que fundamentam uma experiência científica.

- **Lógica**

Volta-se para os raciocínios considerados corretos e verdadeiros, debruçando-se sobre argumentos e sobre o bom encadeamento de ideias; analisa as formas e regras do pensamento: como um pensamento pode ser demonstrado e por que ele pode ser falso ou verdadeiro.

- **Metafísica**

Avalia tudo aquilo que não possui realidade física ou materialidade concreta, ocupando-se do princípio e dos fundamentos de todos os seres. A palavra *metafísica* vem do grego: *meta* quer dizer “além”, e *phýsis* significa “natureza”. Os conceitos de alma e de Deus, por exemplo, dentre outros muitos assuntos, são objeto de discussão da Metafísica.

- **Ética**

Reflete acerca dos valores, da ação e da atitude dos homens, bem como é responsável pela investigação das bases da justiça e da melhor adequação do indivíduo ao seu meio social. Conceitos como vontade, responsabilidade, liberdade, dever e obrigação são exemplos de temas discutidos pela Ética.





• Filosofia política

Ocupa-se dos princípios e fundamentos de diferentes sistemas de governo. Reflete acerca de conceitos como Estado, poder, autoridade, direito, lei, justiça, regimes políticos, ideias de conservadorismo, revolução, dominação, ideologia e autoritarismo, entre outros.



**PENSE
SOBRE...**

Agora que você foi apresentado aos campos de investigação da Filosofia, é importante retomar o caminho percorrido até aqui. Você começou esta Unidade pensando sobre o que é Filosofia, passou pela atitude e pela reflexão filosófica e pôde verificar que elas conseguem suscitar uma postura de investigação da realidade, na medida em que buscam compreendê-la. Por fim, você pôde observar alguns temas discutidos pela Filosofia ao longo da História e conhecer algumas de suas áreas de estudo. Pense sobre a trajetória percorrida até aqui e, tentando fazer um uso consciente de sua atitude filosófica, reflita se seu aprendizado está de acordo com as expectativas que você possuía antes de iniciar seus estudos.

ATIVIDADE

2

As áreas de investigação da Filosofia

Com base na leitura do texto *As áreas de investigação da Filosofia*, escreva com suas palavras qual é a área de investigação da Filosofia que mais despertou o seu interesse. Justifique.

HORA DA CHECAGEM

Atividade 1 - A História da Filosofia

O texto *A História da Filosofia* divide os momentos históricos da Filosofia em quatro períodos principais. Você precisaria ter lido o parágrafo referente a cada um desses períodos no texto para preencher o quadro com as suas palavras ou então ter reproduzido os pontos principais da explicação. Espera-se, portanto, que você tenha mencionado itens parecidos com os seguintes:



AS RELAÇÕES ENTRE A FILOSOFIA E OUTRAS FORMAS DE CONHECIMENTO

TEMAS

1. Senso comum
2. Mito e religião
3. Ciência

Introdução

Nesta Unidade, o assunto principal será o *conhecimento*. Serão apresentados diferentes modos de conhecer da Filosofia e será discutido como esses conhecimentos estão relacionados entre si.

Ao reconhecer que o senso comum, os mitos e a Ciência trazem formas distintas de conhecimento, você aprenderá a identificar suas características específicas, bem como seu papel e importância cultural e social. Desse modo, perceberá que tais formas de conhecimento não se confundem com a Filosofia, embora todas se relacionem com ela. Além disso, vai notar que a Filosofia pode se ocupar dos demais tipos de conhecimento, fazendo deles o objeto de sua reflexão.

Mas o que, afinal, é conhecer? Conhecer é esclarecer, desvendar uma realidade desconhecida e, ao mesmo tempo, é uma aquisição, isto é, um saber que pode ser conquistado por si mesmo (de forma direta) ou por meio de apropriação de saberes acumulados por outras pessoas (de forma indireta) – esse último é o conhecimento adquirido na escola, por exemplo. É possível afirmar que conhecer é um processo contínuo e perene, ou seja, que não se esgota; é possível aprender sempre, a cada nova descoberta! Além disso, como você vai ver adiante, não existe apenas um tipo de conhecimento.

A Unidade está dividida em três temas, nos quais serão apresentados os conceitos, sua definição (O que é?), características (Como é?) e questionamentos (Por que é assim? Poderia ser de outra forma?) sobre cada uma dessas áreas de conhecimento. No Tema 1, será abordado o senso comum. No Tema 2, serão analisados o conhecimento mítico e o religioso. Já no Tema 3 será discutido o conhecimento científico. Em cada um deles, você também poderá refletir sobre a relação que a Filosofia tem com cada uma dessas formas de conhecimento.



Neste tema, você vai estudar o senso comum e seu vínculo com a Filosofia. O senso comum é uma forma de conhecimento que possui o papel de orientar a vida humana. Ele tem, portanto, importância cultural e social. Serão enfatizadas as diferenças entre o senso comum e a Filosofia e como ambos se relacionam. Ao estudar o senso comum, a intenção é compreender seus usos e significados, percebendo em que medida ele pode ser válido para o processo de conhecimento e de que modo está presente na vida cotidiana.

? O QUE VOCÊ JÁ SABE?

Alguma vez você já deve ter vivenciado uma situação na qual, enquanto conversava com algum professor, este fez um alerta para que você tomasse cuidado com o “senso comum”, avisando que sua perspectiva não revelava profundidade. Ou, ainda, quando conversava com algum amigo, este, para desqualificar seu pensamento, disse: “Ei! Isso é senso comum!”. Nessas situações, você deve ter se perguntado: “Afim, o que me fez emitir tais opiniões?”, “O que penso não é o que todos pensam?”. Observe se o exemplo da tirinha a seguir não ilustra um pouco essas situações que você já enfrentou.



Embora a tirinha tenha um tom ácido acerca da classe média, ela ilustra como o senso comum pode ser um tipo de conhecimento adquirido na dinâmica social, fruto do relacionamento com as demais pessoas, com a cultura e a tradição da qual se faz parte. As *opiniões* adquiridas no convívio social e de modo espontâneo e *acrítico*, isto é, sem questionamento, sem reflexão, sem exigência de fundamentação, são resultados desse tipo de conhecimento. Entre outras coisas, esse senso comum orienta as ações em torno de padrões que, por fim, determinam os grupos aos quais os indivíduos pertencem.





Você considera que o senso comum é um conhecimento válido? Quando é possível confiar nele?



Compreendendo o senso comum

Entende-se como senso comum o conjunto de crenças, opiniões, valores, gostos, preferências, modos de pensar e agir que uma comunidade tem por verdadeiro e partilha durante determinado tempo. O senso comum é um “saber” que resulta da experiência de vida individual e coletiva. Os hábitos e costumes, as tradições e rituais, os ditos e provérbios, as opiniões populares são habitualmente referidos como manifestações do senso comum.

É possível se perguntar se há diferença entre o senso comum e a sabedoria popular. A sabedoria popular pode ser entendida como a expressão do saber que é proveniente da relação com a natureza, com o meio ambiente e com a comunidade na qual se está inserido.

Esse tipo de sabedoria popular não tem necessariamente vínculo com a Ciência ou com o processo de aprendizagem escolar. Não é difícil encontrar exemplos de sábios populares, portadores dessa erudição ancestral, conhecedores das ervas medicinais, da culinária regional e do comportamento do clima e da natureza em dadas localidades. No sertão brasileiro, por exemplo, existem indivíduos conhecidos como “profetas do tempo”, que se orientam através de um enorme conhecimento do ambiente para se prevenir e enfrentar as longas temporadas de seca.

Tomando o exemplo dos “profetas do tempo”, é possível observar aspectos curiosos acerca das diferenças entre a forma como se manifesta esse conhecimento popular e o científico. Os profetas aprenderam a ler os sinais da natureza de modo empírico, ou seja, através da experiência adquirida no dia a dia; já os cientistas e os meteorologistas, para poder prever o tempo, necessitam fazer experimentos que simulem os fenômenos naturais e comprovem as explicações acerca do comportamento do clima. A controvérsia entre essas duas formas de conhecimento torna-se ainda mais interessante quando se leva em conta que, no Ceará, o índice de acerto dos profetas é maior do que o dos cientistas.

O senso comum pode também surgir dessa sabedoria popular, mas se realiza mais por repetição do que por conhecimento profundo de algum fenômeno. Ele se manifesta na reprodução de jargões socialmente aceitos, ideias que se tornam





comuns porque muitas pessoas as repetem, e a cada repetição tendem a se tornar ainda mais comuns. Para ilustrar esse fenômeno do senso comum, foi inserida a sátira que o cartunista Andrício de Souza faz na tirinha *Os idiotas da classe média* a respeito desses discursos tão frequentemente ditos e escutados no cotidiano. O objetivo do cartunista é, até com alguma agressividade, denunciar a força desses discursos, que proliferam comportamentos preconceituosos e opiniões sem fundamento como se fossem conhecimento.

Por isso, é importante que se saiba distinguir esses dois modelos de conhecimento popular, de forma que se possa apreender a sabedoria contida no senso comum, mas também criticá-lo quando for o caso de contestar uma certeza bastante aceita e socialmente reconhecida como verdade.

O senso comum está espalhado por toda a sociedade, o que quer dizer que está presente no dia a dia, faz parte da rotina. Está nas manchetes de jornais, nas piadas “prontas” recebidas da TV e repetidas em rodinhas de conversa, nos temas comuns de esportes, política e notícias importantes da ocasião. Como exemplo, é possível citar um jargão muito frequente na cultura brasileira. Quem já não ouviu a expressão “Filho de peixe, peixinho é”? A frase é muito usada para expressar a expectativa que se tem de alguém que, por ser filho(a) de uma pessoa com habilidades notáveis ou ruins, possa também desempenhar tão bem ou tão mal a mesma função ou adquirir os dons ou defeitos de outro de forma natural, apenas por ser seu descendente. Não existe necessariamente uma prova concreta de que o descendente será igual ao seu progenitor, mas acredita-se nisso.

Para a Filosofia, no entanto, o problema é se acomodar nessa opinião superficial, impedindo-se de explorar outras perspectivas, outras formas de discussão, outros pontos de vista.

Assim, sempre que se tem um primeiro contato com algo ou alguém, é imensa a probabilidade de que, diante do desconhecido, o senso comum seja mobilizado: “Ah, você é brasileiro? Deve saber dançar muito bem!”. O senso comum e a sua aprendizagem são condições necessárias para a socialização dos membros de uma comunidade, funcionando como um mecanismo regulador do pensamento e da ação. Do ponto de vista da Ciência e da Filosofia, as crenças de senso comum são superficiais e/ou falíveis, ou seja, é frequente ao senso comum não resistir a um exame crítico minucioso, de forma que o fato de ser aceito e repetido amplamente, por um grande número de pessoas, não representa nenhuma garantia de que fale em nome de uma ideia verdadeira.





Já a Filosofia, em si, convida à exploração das ideias de outra forma, muitas vezes tratando dos mesmos assuntos, mas, diferentemente do senso comum, buscando justificativas que sustentam as opiniões, investigando as causas e as consequências, procurando por comprovações. Enfim, a Filosofia tenta analisar os fenômenos questionando ao máximo o senso comum.

É, então, um desafio para o estudante de Filosofia investigar as ideias e opiniões do senso comum, indagando, duvidando, problematizando sempre suas aparentes certezas. Muitas vezes, as pessoas repetem aquilo que escutam nas novelas, nos jornais etc., simplesmente porque sabem que serão aceitas pela maior parte das pessoas.

Isso não significa que se deve rejeitar todo senso comum – o que, como você viu, é impossível. No entanto, deve-se perceber como o senso comum opera e em que medida pode representar um conhecimento superficial de determinado assunto.



Em sua rotina de trabalho, contas, obrigações etc., é provável que muitas vezes você não perceba o quanto repete frases, pensamentos e escolhas sem pensar. Ouve algo e, de repente, repete a mesma coisa, sem a devida atenção. Mas você poderia se perguntar: “Será que é essa a minha opinião?”, “Por que eu penso dessa forma?”. Para tratar do senso comum de forma crítica, é interessante verificar se em você mesmo há esses impulsos para a repetição. Por exemplo, desde a infância, é possível que você se exponha a situações em que o senso comum esteja presente, sem que note. Você já ouviu frases como: “Não tome manga com leite, que mata!”, “Não deixe o chinelo virado, senão sua mãe morre!”, “Eu não vou votar em mais ninguém, porque todo político é ladrão!”? Todas essas frases são expressões do senso comum. Qual a relação entre tomar manga com leite e a morte? Há evidências concretas para essa conclusão? Quais? As mesmas perguntas valem para a relação do chinelo virado com a morte da mãe. Quanto à terceira questão, será mesmo que todos os políticos são ladrões ou corruptos? Quando se diz “todos”, afirma-se que todos eles, sem nenhuma exceção, o são. Quais são os dados que sustentam tal afirmação? Isso é mesmo verdade?

A construção de determinadas ideias e pensamentos, admitidos por um grupo como verdade, também pode ser transmitida ao longo das gerações. É assim que as pessoas vão tomando certas ideias e pensamentos como válidos, sem que (talvez) tenham pensado criticamente a respeito deles. É muito importante que você descubra em que medida o senso comum é válido para si, rejeitando o que considera inadequado, fantasioso ou, até mesmo, injusto. Pense nisso!





ATIVIDADE 1 Senso comum e Filosofia

1 Tendo como referência o texto *Compreendendo o senso comum*, responda às questões abaixo.

a) Explique com as suas palavras o que é o senso comum.

b) Qual a relação existente entre a Filosofia e o senso comum?

2 Observe com atenção a imagem a seguir e responda às questões.



a) O que você percebe na charge? Descreva.

b) É fácil libertar-se das opiniões do senso comum? Por quê? Justifique sua resposta.





DESAFIO

Os discursos ou as teorias científicas são desenvolvidos através de um conjunto de técnicas e de experimentos no intuito de compreender ou resolver um problema anteriormente apresentado. As Ciências Sociais, por exemplo, possui entre as suas diferentes missões o objetivo de investigar os problemas sociais que vivenciamos durante o nosso cotidiano. Levando isso em consideração, qual das respostas abaixo é a correta?

- a) O senso comum corresponde à popularização e à massificação das descobertas científicas após uma ampla divulgação.
- b) O senso comum corresponde aos conhecimentos produzidos individualmente e que ainda não passaram por uma validação científica.
- c) O senso comum pode ser considerado um sinônimo da ignorância da população e uma justificativa para o atraso econômico.
- d) O senso comum corresponde a um conhecimento não científico utilizado como solução para os problemas cotidianos, geralmente ele é pouco elaborado e sem um conhecimento profundo.
- e) O senso comum e o conhecimento científico correspondem a duas formas de entendimento excludentes e possuidoras de fronteiras intransponíveis.

Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste), 2011. Disponível em: <http://cac-php.unioeste.br/cogeps/arquivos/vestibular/2011/provas_2etapa/Grupo_8.pdf>. Acesso em: 14 jan. 2015.

HORA DA CHECAGEM

Atividade 1 - Senso comum e Filosofia

1

a) Pela leitura do texto *Compreendendo o senso comum* e pela reflexão que você pôde fazer na seção *O que você já sabe?*, talvez tenha percebido que o senso comum é uma forma de conhecimento que se adquire ao longo da vida. Ele não é fundamentado em métodos científicos, mas associa-se fortemente à sociedade e à cultura na qual as pessoas estão inseridas, ou seja, esse tipo de conhecimento muitas vezes orienta e dá significado à vida. Qualquer resposta que mencione um ou mais desses itens pode ser considerada correta. Mas o que importa é que você tenha entendido a ideia de forma geral, mesmo que explicando com as suas palavras.

b) Você pode ter percebido que apesar da Filosofia ser diferente do senso comum, ambos se relacionam. Se por um lado, os conhecimentos vindos do senso comum podem ser considerados válidos, a Filosofia exige fundamentos para que se faça uma afirmação. Isso implica investigar, duvidar, questionar, perguntar. Já o conhecimento proveniente do senso comum é baseado na tradição e na experiência cotidiana, não tendo tanto rigor de comprovação quanto o conhecimento filosófico.

2

a) Você pode ter respondido que o senso comum aparece como uma espécie de monstro, um homem das cavernas gigantesco. Dentro desse “monstro” há duas pessoas que informam à que está do lado de fora que ali dentro é um lugar agradável, sugerindo que ela entre também. A pessoa do lado de fora está sozinha, exposta ao vento e em cima de algo que parece um penhasco.



Neste tema, o objetivo será investigar os mitos e as religiões como formas de compreensão do mundo e sua relação com a Filosofia. Assim, para começar, serão discutidas brevemente algumas das associações que existem entre o mito e a religião. Em seguida, você poderá aprender a respeito dos mitos e que relação eles têm com a Filosofia. Ao final, poderá aprender a respeito das religiões e, da mesma forma, refletir sobre como elas se relacionam com a Filosofia.

Explicar as coisas por meio de mitos foi, durante muito tempo, a forma mais comum de compreender os fenômenos humanos e da natureza. Porém, mesmo com explicações racionais e científicas, o mito não deixou de estar presente nas mais diferentes áreas: literatura, psicanálise, cinema e também na Filosofia.

O mito se aproxima da religião na medida em que ambos apresentam relações entre homens e deuses. No entanto, dialogar sobre religião é sempre uma tarefa delicada, pois falar sobre as crenças é muito pessoal. É importante compreender o significado conceitual de religião, a fim de poder se comunicar e aprender sobre diferentes religiões com tranquilidade, sem medo, tabus ou inseguranças. Todas as religiões possuem uma tradição cultural própria e, por isso, devem sempre ser respeitadas. Elas são fontes de investigação filosófica, pois interferem no pensamento e na forma de compreensão do mundo.



O QUE VOCÊ JÁ SABE?

- “Pelé é um mito do futebol!”, “Atlântida não existe, é um mito” ou “Há muitos anos, acreditava-se no mito da superioridade da raça branca”. O que será que a palavra *mito* significa em cada uma das frases? Você poderia citar outros contextos em que já ouviu essa palavra?





- Você já parou para pensar se os mitos estão presentes também nas religiões? Que exemplos você poderia dar?

- O que, em sua opinião, a(s) religião(ões) ensina(m)? Qual é o papel da religião para a vida? Para que serve?



Entendendo sobre mito

Os mitos são narrativas que se valem de elementos sobrenaturais e fantásticos para explicar a origem do Universo e dos fenômenos naturais (**cosmogonia**), da humanidade, do destino, dos sentimentos e dos deuses (**teogonia**).

Presentes em diferentes culturas, essas histórias foram transmitidas de geração em geração através dos tempos, principalmente por meio da narrativa oral. Na cultura grega, como em muitas outras, os mitos foram a base da educação por um longo período e cumpriram função importante na formação moral da comunidade, ensinando e propagando valores tidos como adequados.

Além disso, como eram histórias “contadas”, os ouvintes conferiam poder aos narradores, que transmitiam seus saberes. Conhecidos como *poetas-rapsodos*, acreditava-se que a tarefa desses contadores lhes tinha sido atribuída pelos deuses. Os mais famosos desses poetas foram Homero e Hesíodo, que, além de narrarem oralmente os mitos, também os reuniram e registraram por escrito.



Glossário

Cosmogonia

Palavra de origem grega que, de acordo com sua etimologia, significa “origem” ou “nascimento” do cosmos. Refere-se ao período em que predominou um conjunto de mitos sobre a criação do cosmos, incluindo a origem do mundo físico e também da vida. Nesse momento, cosmos ainda não era entendido como Universo, uma vez que naquela concepção era algo fechado e não infinito.

Teogonia

Palavra de origem grega que significa, etimologicamente, “origem dos deuses”. Foi também o nome do poema escrito por Hesíodo no século VIII a.C., em que o narrador-poeta desenvolve o mito que explica a origem dos deuses e dos heróis humanos baseando-se nas similitudes entre eles e as forças da natureza.



Seria possível citar muitos mitos da cultura grega, cujos personagens talvez você já conheça: Hades e Perséfone, Perseu e Medusa, Dédalo e Ícaro, Eco e Narciso etc. Além desses personagens, você já ouviu falar de Afrodite?

Na mitologia grega, que tem uma visão **antropomórfica** dos deuses, Afrodite é a deusa da beleza. Há muitas versões para o mito de sua origem, e elas aludem aos diferentes sentimentos que os homens daquela época experimentaram diante do que é o belo. A versão de Homero, mais convencional, conta que Afrodite é filha de Zeus (deus dos deuses) e Dione (deusa-mãe). Já a versão do poeta Hesíodo você pode conhecer a seguir.



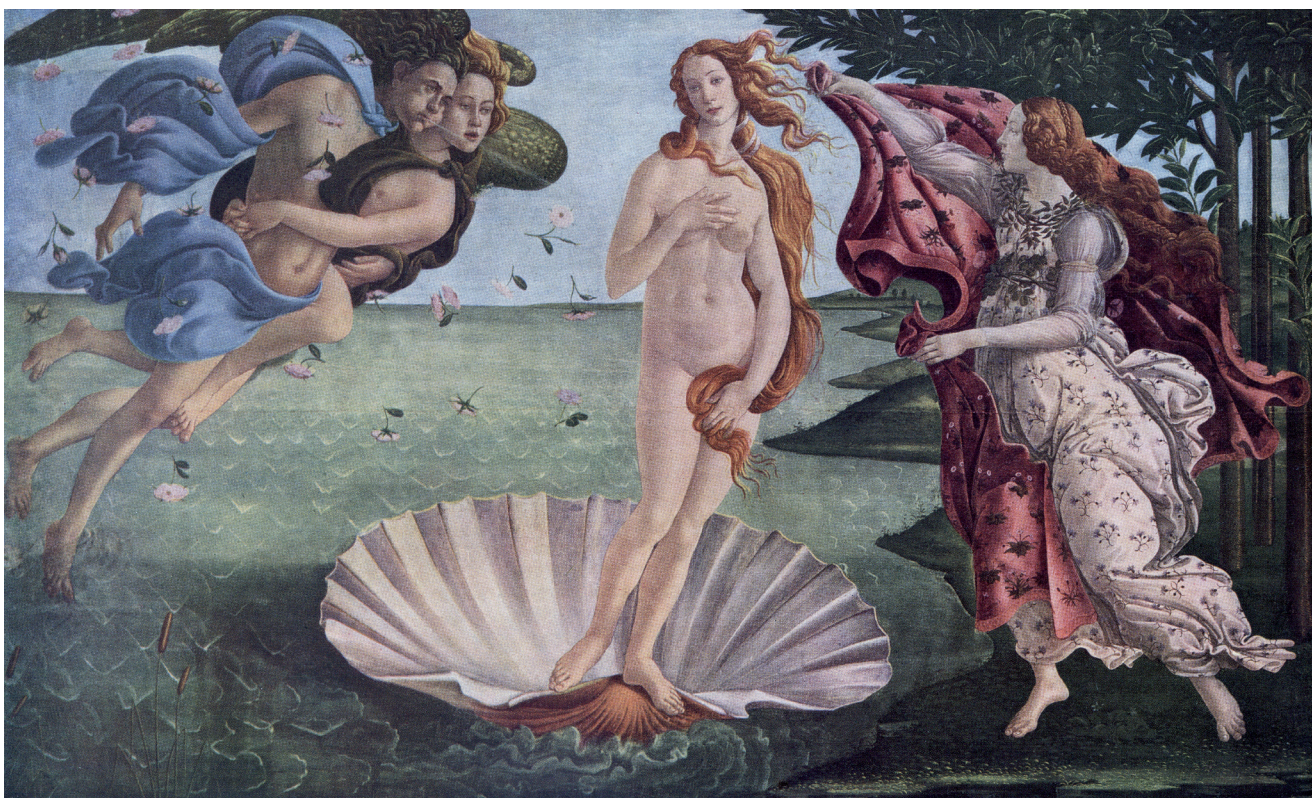
Antropomórfico

Ser que se assemelha no todo ou em partes à figura humana, em grego, *ánthrôpos* = homem + *morphé* = forma.

O nascimento de Afrodite

Urano era o deus do céu e todas as noites vinha cobrir Gaia, a deusa da terra. Do encontro de Urano com Gaia geraram-se vários descendentes, entre eles os Titãs. Todas as noites, sem cessar, o céu encontrava-se com a terra e a fecundava, gerando incessantemente descendentes. Como Urano não cessava de cobrir Gaia, os filhos por eles gerados não podiam nascer. Essa situação deixava Gaia furiosa, que então elaborou um plano para se livrar e também a seus filhos. Cronos, um de seus filhos, conhecido como o deus do tempo, resolveu aceitar o desafio proposto por sua mãe. De posse de um arpão e ainda dentro do ventre dela, esperou por Urano. Quando este penetrou Gaia, a mão de Cronos atingiu a genitália do pai, castrando-o. Os restos da genitália de Urano caíram no mar e se misturaram com a espuma das ondas. Dessa espuma emergiu uma deusa, a mais bela de todas, de nome Afrodite. A deusa flutuou por um tempo nas águas do mar até atingir a ilha de Chipre. Ao caminhar pela ilha, as flores começaram a se abrir, exalando um intenso perfume, e todos os animais se curvaram diante dela por sua extrema beleza. Dizem que é pela beleza de Afrodite que nasceu o mais profundo dos sentimentos: o amor.

Além dos registros escritos, os elementos e as documentações acerca dos mitos também são acessíveis atualmente por meio das manifestações artísticas, como pintura, escultura, dança, canto e música em geral.



© Classic Vision/age fotostock/ EasyPix

Uma representação do mito de Afrodite (chamada de Vênus pelos romanos) foi imortalizada séculos mais tarde, na obra *O nascimento de Vênus*, do pintor italiano renascentista Sandro Botticelli, em 1483.



PARA SABER MAIS

Quem foram Homero e Hesíodo?

Há muitas controvérsias em torno da real existência do poeta Homero. Seria mesmo uma única pessoa ou o nome coletivo de poetas anônimos reunidos em torno de um pseudônimo?

Apesar da polêmica sobre sua existência, os dois grandes poemas **épicos** gregos são a ele atribuídos: *Ilíada* e *Odisseia* ilustram o período da história grega que vai de 1200-800 a.C., quando a costa do Mar Egeu, que banha a Grécia, vivia sob um regime patriarcal, que consistia em um sistema hierárquico de controle do masculino sobre o feminino. As **epopeias** relatam aspectos daquele contexto, como cultura, religião e mitologia.



Glossário

Épico

Forma de narrar em versos (pertence ao âmbito da poesia) os feitos heroicos de personagens reais ou lendários da história de um povo.

Epopeia

Gênero textual que narra feitos heroicos e grandiosos.





A *Ilíada* narra os acontecimentos da Guerra de Troia, e a *Odisseia*, o retorno do herói Ulisses para casa, após o final da guerra. As duas obras são fundamentais para a literatura e trazem elementos valiosos para a compreensão da mitologia grega. Além disso, ambas carregam a visão antropomórfica dos deuses, a confrontação entre os ideais heroicos e as fraquezas humanas, além do desejo de oferecer uma reflexão coesa e harmoniosa sobre ideais e valores da sociedade da época, que estava sofrendo muitas transformações. Os poemas homéricos influenciaram muito a cultura grega, oferecendo uma concepção de *areté* (em grego, conjunto de valores que formam o ideal de excelência) que serviu de referência para a constituição daquela cultura. A concepção ética presente nas narrativas homéricas diz respeito ao que deve ser valorizado – a *kléos* (em grego, notoriedade) do guerreiro, isto é, a sua glória.

Hesíodo teria vivido na mesma época que Homero, havendo também muitos debates acerca de seus dados biográficos. São três as principais obras a ele atribuídas: *Teogonia*, na qual ele narra a origem dos deuses e do Universo, *Os trabalhos e os dias* e *O escudo de Héracles*.

ATIVIDADE 1 Criando seu próprio mito

Escreva um pequeno mito explicando a origem de alguma coisa (do amor, da vida, do mundo, das doenças, enfim, do que desejar). Considere as características do mito, uma história que explique a origem de algo, utilizando elementos fantásticos e/ou sobrenaturais. Faça isso de forma sucinta, em folha avulsa, e ilustre como achar conveniente. Sua história deve ter começo, meio e fim.



Entendendo a religião

Você já ouviu a frase “Sobre futebol, política e religião não se discute”? Você concorda com ela? Debater os assuntos que afetam a vida das pessoas é uma forma de buscar compreendê-los melhor para se posicionar sobre eles com consciência, respeitando os diferentes pontos de vista.

O filósofo não aceita que haja limites para o debate e para a construção da dúvida. Deve-se investigar então: De onde vem a religião? E que história é essa de que não se pode discutir sobre isso?





Pode-se entender que sentimento religioso é como se chama a sensação de fazer parte de um todo, de uma inteligência superior, de uma realidade que existe para além da vida material, concreta e objetiva. Pode ser a crença em um deus ou em vários. Pode ser o entendimento de que esse todo do qual se faz parte é a própria natureza, ou pode ser a elaboração acerca de como será a existência após a morte ou além da vida terrena. É importante considerar que o sentimento religioso é anterior às religiões em si, uma vez que elas são instituições dogmáticas, ou seja, que organizam a fé por meio de princípios que se traduzem em práticas individuais e de grupo, como alguns rituais. A maneira de entender e manifestar essa relação é própria de cada indivíduo, segundo suas vivências sociais e seu contexto cultural.

É importante levar em conta que a religião representa uma forma de conhecimento que se caracteriza por uma crença em verdades que são obtidas de modo divino ou sobrenatural, e que por isso pode ser considerada infalível. Suas evidências não podem ser comprovadas, sendo geralmente relegadas à fé ou crença pessoal. É por isso que o conhecimento religioso precisa basear-se em dogmas para sustentar as crenças, uma vez que estas não podem ser refutadas nem submetidas à análise científica.

Santo Agostinho, um dos principais filósofos da Igreja Católica do século IV d.C., propôs a ideia de que religião significa “religar-se”, reunião com uma força cósmica maior e alheia à vida do homem pela retidão, fé e devoção.

Santo Agostinho

BIOGRAFIA

Nascido em 354 d.C. numa província romana no norte da África, foi um filósofo e teólogo que se dedicou a estudar principalmente a relação entre o bem e o mal. Buscou entender o mal como a ausência de bem; o mal não poderia ser compreendido como uma criação de Deus, mas como falta ou deficiência de algo que caracterizaria o bem. Converteu-se ao cristianismo em 386, e sua obra, posterior a essa data, foi pautada por um teor altamente cristão e filosófico. Tornou-se bispo em 395 e continuou sua obra até sua morte, aos 75 anos, em 430 d.C., quando houve as invasões bárbaras na região do norte da África, onde residia e exercia sua carreira sacerdotal. Além disso, Santo Agostinho é conhecido por ter ensinado retórica em Milão e Roma, locais em que teve contato com o neoplatonismo cristão. Escreveu importantes obras, sendo uma das principais *Sobre a livre escolha da vontade* (*De libero arbitrio*), que trata do motivo pelo qual Deus dá aos homens o livre-arbítrio, que depois pode ser usado para realizar o mal.





O estudo de uma religião do ponto de vista racional é chamado de Teologia; um teólogo, assim, procura entender por meio da razão o conteúdo dos dogmas, dos preceitos que embasam uma religião. A Teologia, ainda, pode se dedicar a estudos comparativos entre várias religiões. Existe uma área da Filosofia (Filosofia da religião) que, de maneira geral, procura entender o papel da fé na experiência humana, mas que, ao contrário da Teologia, estuda as religiões vendo-as “de fora”, sem estar atrelada a nenhuma delas.

ATIVIDADE 2 Entendendo a religião

Leia novamente o texto *Entendendo a religião*. Nessa nova leitura, lembre-se de trabalhar com o vocabulário fazendo uso de um dicionário sempre que não compreender o significado de uma palavra.

Após a leitura, responda: O que é sentimento religioso? Ele é anterior à própria religião? Como você descreveria diferenças e semelhanças entre esses conceitos?

HORA DA CHECAGEM

Atividade 1 - Criando seu próprio mito

Espera-se que a narrativa criada tenha sido elaborada segundo sua criatividade, contendo uma estrutura ordenada de começo, desenvolvimento e conclusão, com a possibilidade de elementos fantásticos. Também é possível que você tenha se baseado em algum mito que já tenha escutado, reescrevendo-o com total liberdade, alterando trechos ou inventando novos elementos da maneira que achou melhor.

Atividade 2 - Entendendo a religião

Espera-se que, com a leitura do terceiro parágrafo do texto *Entendendo a religião*, você tenha conseguido entender que o sentimento religioso está relacionado à urgência que algumas pessoas sentem por respostas e consolo com relação às grandes incertezas da natureza. A prática religiosa nasceu do desejo do homem de se (re)conectar a uma força maior que ele e sua própria vida. As religiões surgiram depois. Elas são uma forma de organizar o exercício da fé, por meio de práticas de grupo, rituais e dogmas. Para essa resposta, você poderia também ter retomado a sua resposta à terceira questão da seção *O que você já sabe?*.





Registro de dúvidas e comentários

[illegible]



O objetivo deste tema é compreender qual é o papel da Ciência dentre as formas de conhecimento. Assim, se procurará distinguir o que é a prática científica, suas experiências, descobertas, teorias, e como ela é utilizada na dinâmica da sociedade, vislumbrando os encontros e desencontros da Filosofia com a Ciência. Hoje, a Ciência é tida como a principal e mais legítima forma de conhecimento humano. Ela é um tipo de conhecimento, tal como o senso comum, o mito e a religião, e até mesmo a Arte, apesar de esta última não ter sido tratada aqui. Da mesma maneira que as demais formas de conhecimento, a Ciência tem características próprias, além de um importante papel cultural e social.



O QUE VOCÊ JÁ SABE?

Veja se você já passou por alguma destas situações:

- Quando conversava com algum amigo, ele, para garantir a opinião que defendia, disse: “Eu tenho certeza! Isso é provado cientificamente!”.
- Quando visitou um médico e, temendo o tratamento proposto, questionou o doutor e obteve a resposta: “O tratamento é eficaz, não há dúvida, isso é Ciência!”.

Tente se lembrar de outras situações em que a palavra *ciência* pode aparecer.

Em sua opinião, por que quando se diz que uma coisa é provada cientificamente há uma tendência a acreditar que seja verdadeira? O que há na Ciência que torna o conhecimento por ela produzido mais confiável? Para você, o conhecimento científico é sempre certo, verdadeiro, ou a Ciência também pode se enganar?



Entendendo a Ciência

A palavra *ciência* designa o conhecimento que inclui sua garantia de validade, significa uma prática que investiga sistematicamente a realidade e a produção de saber. Nesta Unidade, foram abordadas várias outras formas de conhecimento. Em especial, quando se tratou de senso comum, mito e religião, foi chamada a sua atenção ao cuidado que é preciso manter para não diminuir esses saberes diante do *status* do pensamento científico, já que muitas vezes se assume como verdade absoluta (isto é, aquela verdade incontestável e, por isso, a única a ser aceita) somente aquilo que pode ser comprovado pela Ciência.

Muitas vezes, a Ciência detém o título de proclamadora da verdade inquestionável, uma vez que ela se propõe objetiva, neutra e submetida a critérios de comprovação – o que quer dizer que as hipóteses são testadas e experimentadas,





aceitas ou rejeitadas e, portanto, fundamentadas de acordo com critérios aceitos pelos membros da comunidade científica. No entanto, esse papel da Ciência é questionável, dado que, mesmo quando se pretende “neutra”, ou seja, quando o sujeito que investiga crê que pode observar e analisar seus objetos de maneira imparcial, não é possível afirmar que esse tipo de conhecimento não sofra a influência do contexto, da cultura, dos interesses políticos, entre outros.

O que se pode dizer de específico sobre o conhecimento científico é o seu método de investigação da realidade, ou seja, o levantamento de hipóteses e a verificação delas por meio de observação, análise e interpretação. Essa maneira de conhecer é aquela que a Ciência entende como o caminho mais adequado para chegar ao que é verdadeiro. A Filosofia da Ciência, por seu turno, analisa o próprio método científico e o questiona, evidenciando que até mesmo a Ciência se baseia em crenças, isto é, na fé de que esse é o melhor método de conhecer, o que traz repúdio aos demais tipos de conhecimento. Assim, o senso comum, o mito ou a religião são frequentemente vistos como ingenuidades, folclore ou crendices, o que não é certo.

Para concluir, é necessário ressaltar que você pôde passar de maneira mais aprofundada por algumas formas de conhecimento, analisando seu vínculo e sua relação com a Filosofia, bem como no que se diferenciam. É importante a percepção de que são outros tipos de conhecimento, com características, procedimentos e fundamentos que lhes são próprios. O senso comum, o mito, a religião, a Ciência e a Filosofia têm suas especificidades. Todos são importantes do ponto de vista cultural e social. Tendo passado por essa análise, pode-se, por fim, afirmar que a Filosofia pode se ocupar dos demais tipos de conhecimento, fazendo deles objeto de sua reflexão numa área conhecida como epistemologia ou teoria do conhecimento.



PARA SABER MAIS



Esclarecendo a relação entre Ciência, Religião e Filosofia

Francis Bacon (1561-1626) nasceu em Londres, Inglaterra, no momento em que a religião e os dogmas da Igreja Católica dominavam a maior parte da vida em sociedade na Europa, ainda que algumas pessoas já viessem tentando separar o conhecimento religioso do científico. Seu trabalho é associado ao desenvolvimento do método científico, mais precisamente ao empirismo britânico, cujos maiores expoentes foram os pensadores John Lock (1632-1704) e David Hume (1711-1776). Bacon considerava que o conhecimento só poderia ser alcançado mediante a experiência sensorial,





opondo-se, assim, ao racionalismo de Descartes (que entendia que o conhecimento vem apenas da razão) e, por outro lado, da corrente metafísica (corrente que prioriza a abordagem das causas primárias do conhecimento ou do ser). Além disso, para Bacon, a Ciência precisaria propor leis gerais, ou seja, fazer afirmações que pudessem ser universalizadas para muitos fenômenos. Isso quer dizer que a investigação científica deve partir da observação de casos particulares para, então, formular leis gerais. Segundo Bacon, a Ciência deveria servir aos propósitos do ser humano, que deve deixar de lado todo tipo de dogma para adquirir conhecimento. A conquista do conhecimento por essas vias é qualificada pelo filósofo como poder, uma vez que somente o conhecimento científico possibilita ao indivíduo feitos jamais alcançados.



FICA A DICA!

Se desejar conhecer mais sobre cientistas, leia o livro *Os 100 Maiores Cientistas da História*, de John Simmons (Editora Difel, 2012).

ATIVIDADE

1 Entendendo a Ciência

1 Com base no que você estudou neste tema, considere as afirmações a seguir.

I. A Ciência caracteriza-se por um esforço do ser humano em entender e explicar a natureza racionalmente, para compreender suas leis de funcionamento e, assim, transformá-la a seu favor.

II. A Ciência se constrói, principalmente, com base na comprovação de ideias tidas como válidas pela comunidade científica.

III. Por compartilhar socialmente apenas o que pode ser comprovado, o conhecimento científico tem mais valor do que outras formas de conhecimento, como a religião, o senso comum ou a Arte.

Estão corretas as afirmações:

- a) I e III.
- b) II e III.
- c) I e II.
- d) somente I.
- e) somente III.



2 A partir do que você estudou nesta Unidade, responda: A Filosofia pode se ocupar dos assuntos que são objeto da Ciência, da religião ou do senso comum? Justifique.

HORA DA CHECAGEM

Atividade 1 - Entendendo a Ciência

1 Alternativa correta: c. As afirmações I e II estão de acordo com o texto. A afirmação III é a única que não é verdadeira. O conhecimento científico não tem maior valor que outras formas de conhecimento, como a religião ou o senso comum. Apenas difere dessas formas de conhecer ao aproximar-se dos objetos presentes na realidade. Todas elas têm importância histórica e cultural.

2 Resposta de cunho pessoal. No decorrer desta Unidade, você pode ter notado que a Filosofia, justamente por sua característica de uso da racionalidade, pode tomar como objeto qualquer uma das formas de conhecimento mencionadas (senso comum, religião ou Ciência), já que ela questiona as outras, transformando-as em objeto de reflexão e estudo e produzindo, assim, novos conhecimentos sobre o mundo.



Registro de dúvidas e comentários

[illegible]

TEMAS

1. A Filosofia grega
2. O conhecimento segundo a Filosofia grega
3. A política segundo a Filosofia grega
4. A ética segundo a Filosofia grega

Introdução

Nesta Unidade, você percorrerá o caminho pela teoria do conhecimento, pela política e pela ética. O ponto de partida serão os filósofos Sócrates, Platão e Aristóteles. O fato de se voltar a esses três pensadores, considerados hoje as principais referências da Grécia Antiga, baseia-se na concepção de que a Filosofia, enquanto busca racional, tem a sociedade grega como berço.

Além disso, será especialmente interessante se remeter a essa sociedade e a esses filósofos, tendo a compreensão de que eles fundam os alicerces do que se entende por conhecimento, política e ética, os temas desta Unidade. Isso porque o modo de pensar que emergiu com os gregos foi determinante para a cultura ocidental, e o Brasil, de colonização europeia, faz parte dessa cultura. Pode-se perceber quão grande é essa influência atentando para o vocabulário – *epistemologia*, *técnica*, *política* e *ética*, entre muitas outras palavras. Note que todas essas palavras são de origem grega.

Para compreender melhor o estudo que será feito aqui, será necessário contextualizar a antiga sociedade grega. Como era essa sociedade na Antiguidade? Para isso, no Tema 1, serão apresentados alguns elementos acerca dessa sociedade para que você possa se situar. No Tema 2, será abordado o conhecimento; no Tema 3, a política; e, por fim, no Tema 4, a ética. Esses assuntos serão sempre interligados com a Filosofia grega, a fim de esclarecer, por exemplo, que, ao falar de política, certamente se está falando também de ética. Aliás, ser cidadão na Grécia Antiga estava intimamente relacionado à ética, e esta, por sua vez, à política. Também ao analisar a teoria do conhecimento, serão levantadas questões políticas e éticas. Nesse sentido, será interessante que você percorra os temas e depois volte ao início da Unidade, para perceber como eles dialogam entre si e como você poderá, ao retornar, aprender ainda mais.



Neste tema, serão apresentados os contextos social e político nos quais se inserem alguns filósofos, tais como Sócrates, Platão e Aristóteles. O objetivo é tratar da sociedade em que eles viveram para que depois você possa entender melhor suas contribuições nos campos do conhecimento, da política e da ética.



O QUE VOCÊ JÁ SABE?

A Filosofia nasceu na Grécia Antiga. É provável que você já tenha visto e estudado algo sobre ela em outras disciplinas. Procure lembrar alguns aspectos característicos, por exemplo:

- Como era a sociedade grega? Havia classes sociais?
- Como era o regime político em Atenas na Antiguidade?
- Quem era considerado cidadão naquele período?
- Como era a vida cultural das pessoas daquele tempo?



A organização da sociedade grega

Em geral, ao pensar em uma sociedade antiga como a grega (principalmente o período que compreende os séculos VII a V a.C.), que nasceu há milênios, é comum fazer comparações com a sociedade atual e levantar possíveis diferenças. Ao abordar especificamente a sociedade grega antiga, observa-se que ela deixou uma rica herança. Um exemplo é a democracia, entendida como o exercício da cidadania por meio da atuação do povo nas decisões do governo. A democracia ateniense nasceu na *pólis*, a cidade-estado grega, e o termo é formado a partir da união de outras duas palavras de origem grega: *demo* (povo) e *cracia* (poder).

Para investigar a democracia, é necessário atentar para o fato de que a experiência democrática não se deu em toda a Grécia Antiga, mas apenas em Atenas e em determinado período. Em Atenas, até as reformas de Sólon, Clístenes e Péricles, somente eram considerados cidadãos os indivíduos do sexo masculino, gregos, livres e, em geral, proprietários de terras e de escravos, que eram conhecidos como eupátridas. Após as reformas, ampliaram-se os canais de participação para comerciantes enriquecidos, por exemplo. Esses cidadãos representavam uma pequena parcela da sociedade, já que a maior parte da população da Grécia Antiga era composta por escravos, além de mulheres, crianças e estrangeiros, que não podiam participar das decisões políticas.





A imagem representa Péricles, político e orador ateniense, rodeado por homens que se sobressaíam na Política, na Filosofia, na Arquitetura, na Escultura, na História, na Literatura e na Estratégia. Péricles estimulou as Artes, as Letras e deu a Atenas um esplendor que não voltaria a se repetir ao longo da História. Ele também realizou grandes obras públicas e melhorou a qualidade de vida dos cidadãos. [Philipp Von Foltz. *O século de Péricles*, 1853. Gravura colorizada.]

Os eupátridas eram os cidadãos gregos que tinham o poder de decisão e que, portanto, determinavam os rumos da cidade. Para isso, eles se reuniam em um espaço aberto chamado *ágora* – praça do mercado –, onde expunham publicamente suas ideias por meio da troca e do debate. Nesse contexto, podiam medir os interesses, necessidades e influências para que as decisões fossem tomadas.

Comparando esse cenário com a sociedade atual, é possível apontar semelhanças com a democracia como projeto ou mecanismo político com a finalidade de encaminhar processos de tomada de decisões. Por outro lado, como diferença, pode-se dizer, em primeiro lugar, que há concepções distintas sobre quem é considerado cidadão, as quais serão vistas com mais detalhes adiante, mas que já podem ser resumidas em: para nós, hoje, cidadãos são todos os indivíduos homens, mulheres, crianças, brancos, negros, mestiços, nascidos ou acolhidos num mesmo território e que têm direitos assegurados, por exemplo, à saúde e à educação e que cumprem deveres, como o de contribuir com impostos.



Há concepções distintas de democracia: a grega antiga era direta e participativa, a atual brasileira é indireta e representativa. Deve-se lembrar também que a sociedade grega antiga era escravista, enquanto a brasileira de hoje é capitalista.

Na atual democracia brasileira, ele-se um representante por meio do voto como um direito de todo aquele que é considerado cidadão, com algumas restrições, como a de ser maior de 16 anos e estar em pleno juízo de suas faculdades mentais, o que significa ser capaz de raciocinar e tomar decisões por si mesmo. O representante, por sua vez, também pode ser qualquer cidadão, desde que maior de 18 anos, em plena posse de suas faculdades mentais e filiado a um partido político. Na Grécia Antiga, a forma de participação na democracia era direta, ou seja, não havia a escolha de um representante, e as reivindicações eram feitas em um espaço público, a ágora.



VOCÊ SABIA?

Quando se menciona *pólis*, não se está falando do conceito de cidade atual, que é uma cidade dentro de um Estado, e este, por sua vez, dentro de um país, mas apontando para uma cidade que funciona como um Estado, como um país, ou seja, que tem autonomia política, econômica e social diante de outras cidades-estado. Duas importantes cidades-estado são muito citadas pelas suas características específicas: Atenas e Esparta. A primeira é lembrada em razão da democracia e da efervescência de ideias. Muitas vezes há a referência à democracia ateniense, que, portanto, é própria de Atenas. A segunda, Esparta, é lembrada por seu militarismo. Vale citar que houve várias outras cidades-estado importantes, como Mileto, na Ásia Menor, lugar ao qual se atribui o nascimento da Filosofia.



PENSE SOBRE...

Você leu sobre uma comparação que se pode fazer entre a sociedade grega e a atual sociedade brasileira no que diz respeito à democracia. Aproveite essa analogia para pensar se a sociedade brasileira funciona com base em parâmetros democráticos. Por exemplo, quando se pensa no direito de “ir e vir” e confronta-se esse direito com a realidade nacional, na qual eventualmente ocorrem os chamados “toques de recolher” por conta de conflitos entre a polícia e o crime organizado.

Também é possível relembrar a história recente do Brasil, quando a própria estrutura de leis e direitos foi suspensa pela ditadura civil-militar em nome da “defesa da democracia”. Para justificar o golpe em 1964, os militares acusaram o governo do presidente João Goulart de articular um golpe comunista e de ser o responsável pelos altos preços dos produtos na época. Assim, tomaram o poder com o argumento da defesa do regime democrático. Porém, ao assumirem o governo, os militares adotaram medidas autoritárias. Dentre elas, acabaram com os partidos



políticos e organizaram uma eleição indireta – sem a participação dos cidadãos – para presidente. Percebe-se que aquilo que o discurso chama de democrático nem sempre é tão democrático assim, ou seja, nem sempre as decisões do governo ou das autoridades representam as necessidades populares.

No caso dos toques de recolher, as vítimas desses conflitos são, em sua maioria, moradores das regiões que estão sendo “supostamente defendidas”, enquanto, no caso da ditadura civil-militar, certamente não foi ao povo que o golpe buscou beneficiar.

MOMENTO CIDADANIA



O filósofo Vladimir Safatle, em um texto publicado no jornal *Folha de S. Paulo*, em 2011, afirmou que a liberdade de expressão não pode ser absoluta em um regime democrático, ou seja, que a liberdade deve se mover dentro dos próprios limites democráticos. Veja o que diz o autor:

Folha de S. Paulo | Opinião

12 de abril de 2011

Aquém da opinião

Vladimir Safatle

A democracia é o regime que reconhece o direito fundamental à liberdade de expressão e opinião. No entanto ela também reconhece que nem tudo é objeto de opinião.

Uma opinião é uma posição subjetiva a respeito de algo que posso ser contra ou a favor. Mas há coisas a respeito das quais não é possível ser contra. Por exemplo, não posso ser contra a universalização de direitos e a generalização do respeito a grupos sociais historicamente excluídos. Ao fazer isto, coloco-me fora da democracia.

Por isso, há certos enunciados que simplesmente não têm o direito de circular socialmente. Por exemplo, quando alguém fala que os judeus detêm o controle financeiro do mundo, que os negros são inaptos para o trabalho intelectual, que os muçulmanos são terroristas ou que os homossexuais são promíscuos e representam uma vergonha para seus pais, não está enunciando uma opinião. [...]

A democracia não conhece meio-termo, seu igualitarismo deve ser absoluto. [...]

Folha de S. Paulo, Opinião, 12 abr. 2011. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniao/fz1204201106.htm>>. Acesso em: 13 ago. 2014.



FICA A DICA!

Recomenda-se fortemente a leitura do texto completo: SAFATLE, Vladimir. Aquém da opinião. *Folha de S.Paulo*, Opinião, 12 abr. 2011. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniao/fz1204201106.htm>>. Acesso em: 13 ago. 2014.

ATIVIDADE

1

As sociedades: diferenças entre Grécia Antiga e Brasil contemporâneo

1 Como se dava o exercício democrático em Atenas? E como ele ocorre no Brasil?

2 Na Grécia Antiga, quem eram os eupátridas? Há na sociedade brasileira uma classe semelhante? Justifique.



PARA SABER MAIS



Os sofistas

Na Grécia Antiga, os sofistas eram professores profissionais, homens de saber que vendiam seus ensinamentos de retórica, ou seja, a arte de proferir discursos em praça pública, falando para a multidão nas cidades e convencendo os ouvintes de que esses ensinamentos poderiam ser um aprimoramento necessário para o exercício político. Os sofistas eram professores viajantes que buscavam triunfar nos debates políticos, lançando mão de um discurso eloquente e convincente.

É preciso lembrar que naquele tempo o discurso era a base sobre a qual se erguia o exercício político, ou seja, a oratória (a palavra dita oralmente) era de fundamental importância. Os cidadãos gregos discursavam na ágora, local em que se discutiam e eram decididas as questões mais importantes da vida da cidade,





tentando convencer os demais da sua opinião. As assembleias (*Ekklesia*) que ocorriam nesse lugar se davam com a participação direta dos cidadãos por meio da palavra, do discurso, pois todos tinham o direito de expor suas opiniões e defender seus pontos de vista. Daí a importância em ser hábil na arte da retórica.

Por isso, naquela época, os homens jovens, que se tornariam cidadãos, enxergavam utilidade nos ensinamentos dos sofistas, buscando aprender a falar bem e/ou a expor de forma competente seus argumentos. Pode-se concluir, então, que os sofistas respondiam a um anseio, ensinando inúmeras técnicas de persuasão e oratória.

Os sofistas foram duramente criticados pelos filósofos (como Sócrates e Platão) por estarem mais interessados na técnica de como falar bem, em vez de buscarem a verdade, e por assumirem uma postura relativista em sua reflexão – porque não se preocupavam em construir conhecimento discutindo para quem e para que tal saber serviria. Por exemplo, seria justo alguém usar do seu conhecimento para chegar ao poder, valendo-se de mentiras, do seu bem falar e do seu poder de convencimento (oratória) e depois não cumprir o que prometeu? Dentre os sofistas destacam-se Protágoras de Abdera (490-421 a.C.), famoso pela máxima que praticamente sintetiza o relativismo sofista: ele dizia que o homem seria a medida de todas as coisas; e Górgias de Leontinos (487-380 a.C.), que percebeu o quanto a linguagem podia ser poderosa. Para ele, alguém que se comunicasse muito bem poderia conversar sobre qualquer assunto e ser bem-sucedido, independentemente da situação. Ele mesmo era conhecido por ouvir questões de grandes plateias e responder a elas sem que conhecesse os assuntos. Em um de seus diálogos (justamente intitulado *Górgias*) Platão discute a validade da retórica (que seria a arte do bem falar), problematizando a falta de compromisso com a verdade que ela pode conter.

HORA DA CHECAGEM

Atividade 1 - As sociedades: diferenças entre Grécia Antiga e Brasil contemporâneo

1 No desenvolvimento deste tema, você pode ter percebido que a democracia grega era direta, isto é, os cidadãos participavam da tomada de decisões sem um intermediário que os representasse, ao contrário do que ocorre com a democracia brasileira, que é representativa. Não se deve esquecer quem era considerado cidadão na Grécia: uma parcela pequena, embora com participação direta nas decisões. Atualmente a cidadania é um direito de todos, e o voto, um direito do cidadão, porém a participação política se dá de forma representativa.





2 Após ler o texto *A organização da sociedade grega*, você pode ter notado que os eupátridas eram a elite da sociedade grega. Eram homens nascidos na Grécia, livres, e, em geral, proprietários de terras e escravos. Também é possível que você tenha afirmado que existe no Brasil uma classe parecida com essa dos eupátridas, no sentido de classe dominante, grandes proprietários, riquíssimos, que obtêm privilégios em razão de seu poder econômico. Mas é importante ter apontado que não se trata de coisas iguais, uma vez que, hoje em dia, perante a lei, a cidadania é um direito de todos, enquanto na Grécia Antiga somente alguns poucos eram considerados cidadãos.



Registro de dúvidas e comentários

This image shows a single sheet of white paper with horizontal ruling lines. The lines are evenly spaced and run across the width of the page. There are no margins, text, or other markings on the paper.



Neste tema, você vai estudar três concepções de conhecimento: a socrática, a platônica e a aristotélica. Pretende-se mostrar como os filósofos Sócrates, Platão e Aristóteles explicam o que cada um entende sobre o que é conhecer.

Todos são importantíssimos para a história da Filosofia e para o pensamento ocidental, por terem investigado áreas e temáticas até hoje fundamentais, como a relação entre os homens, sua atuação em sociedade, como conhecer a verdade etc. Pode-se dizer que são três gerações de filósofos: Aristóteles foi discípulo de Platão e este, por sua vez, foi discípulo de Sócrates. Entre eles, é possível encontrar continuidade de pensamentos, mas também importantes rupturas.

O objetivo deste tema é compreender o sentido de conhecimento para cada um deles, atentando para as diferenças e as semelhanças entre suas concepções.



O QUE VOCÊ JÁ SABE?

Quando você diz que conhece alguém ou alguma coisa – por exemplo, sua cidade ou algum amigo –, o que você quer dizer com essa afirmação? O que é conhecer, para você? Pense em uma definição.

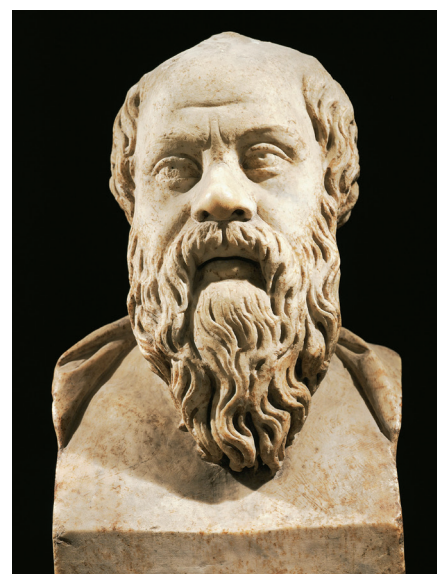


Sócrates e a importância do diálogo na busca do conhecimento

Sócrates (469-399 a.C.) é uma figura central para a Filosofia, pelo seu pensamento e também pela sua atuação, conforme você poderá observar ao longo desta Unidade.

O que se conhece de Sócrates chegou até os dias de hoje por fontes indiretas, principalmente por meio de seu discípulo, Platão. Sócrates nada escreveu, porque, de sua perspectiva, o diálogo era o método por excelência de aprendizagem. Para o filósofo, a escrita, na medida em que “prendia” as ideias no papel, poderia fazer que estas fossem tidas como verdades prontas, inquestionáveis, indiscutíveis.

Sócrates então andava por Atenas e dialogava com as pessoas, não fazendo distinção entre homens ricos e pobres, conversando com artesãos e com escravos. O filósofo afirmava que ele tinha uma profissão semelhante à de seus pais: sua mãe era parteira, e seu pai,



© De Agostini/A. Dagli Orti/Alamy/Latinstock

Representação de Sócrates, filósofo que ficou conhecido por seu método de reflexão por meio de perguntas.





escultor; por isso, ele dizia que era um parteiro e um escultor também, só que de conhecimento. Por meio do diálogo, Sócrates auxiliava seus interlocutores a dar luz às ideias, que eram esculpidas, refinadas, aperfeiçoadas, com a intenção de se aproximar mais e mais da essência das coisas, ou seja, compreender o que elas são, como são e por que são.

Pelo diálogo, recusando as opiniões particulares, Sócrates e seus interlocutores colocaram-se em busca de uma verdade universal, necessária, ou da essência, do conceito da coisa investigada. O diálogo socrático, ou seja, esse debate típico de Sócrates, é diferente dos diálogos em geral, pois é composto por dois momentos: ironia e maiêutica. A ironia (em grego, *eiróneia*) corresponde aos comentários que Sócrates fazia das respostas dadas pelos seus interlocutores. Com esse procedimento, ele procurava mostrar que os interlocutores falavam com base no senso comum, de preconceitos e de opiniões subjetivas e não de definições. A maiêutica (*maieutiké*, a arte de realizar um parto) diz respeito às indagações que Sócrates fazia com o objetivo de alcançar definições para os conceitos investigados.

É crucial relacionar esse procedimento com a base da sabedoria de Sócrates – o reconhecimento de que a única coisa que alguém pode saber é que nada sabe, ou seja, o conhecimento não está em saber tudo de tudo, mas na disposição humilde de reconhecer a ignorância. Esse reconhecimento é tão importante quanto perceber que, para Sócrates, o conhecimento é um processo contínuo, de busca da verdade, de modo que a cada certeza podem-se descobrir também outras ignorâncias, que, tornadas conscientes, levam o sujeito a investigá-las, refletir sobre elas, indo atrás de novos saberes. Assim, a procura pela sabedoria, pelo saber, que caracteriza a atitude filosófica, é, acima de tudo, um processo contínuo.

Como Sócrates chega à conclusão “Só sei que nada sei”?

Querofonte, um amigo de juventude de Sócrates, consultou o Oráculo de Delfos, indagando-lhe se existia alguém mais sábio que o filósofo. O Oráculo deu a ele também uma resposta negativa, ou seja, ninguém era mais sábio que Sócrates. Acompanhe a reflexão que Sócrates fez ao saber dessa resposta do Oráculo:

[...] Depois de ouvir aquelas palavras, fiquei refletindo assim: “O que é que o deus está dizendo, e o que é que está falando por enigma? Pois bem sei comigo mesmo que não sou sábio – nem muito, nem pouco. O que ele está dizendo então, ao afirmar que sou o mais sábio? Certamente não está mentindo, pois para ele não é algo lícito”. E depois de ficar muito tempo em aporia (O que será que ele está dizendo?), a muito custo me voltei para uma investigação disso, da





seguinte maneira: fui até um dos que parecem ser sábios, porque, se havia um lugar, era esse onde eu refutaria o adivinhado e mostraria ao oráculo – “este aqui é mais sábio do que eu, e você afirmava que era eu...”

PLATÃO. *Apologia de Sócrates*. Porto Alegre: L&PM, 2012, p. 73.

Para concretizar sua investigação, Sócrates conversou com aqueles que eram tidos como sábios – um político, um poeta e um artesão – chegando à mesma conclusão:

[...] “Sou sim mais sábio que esse homem; pois corremos o risco de não saber, nenhum dos dois, nada de belo nem de bom, mas enquanto ele *pen*sa saber algo, *não sabendo*, eu, assim como *não sei* mesmo, também *não penso* saber... É provável, portanto, que eu seja mais sábio que ele numa pequena coisa, precisamente nesta: porque aquilo que não sei, também não penso saber.”

PLATÃO. *Apologia de Sócrates*. Porto Alegre: L&PM, 2012, p. 73-74.

Assim, para Sócrates, o ponto de partida para chegar ao conhecimento é o sujeito reconhecer a própria ignorância, ou seja, saber que nada sabe. Por meio da ironia e da maiêutica, pode-se buscar o conhecimento verdadeiro.

Sócrates fez também uma importante diferenciação entre opinião e verdade – para o filósofo, é possível ter opinião sobre qualquer coisa, mas conhecer requer investigação. E essa investigação verdadeira só pode ocorrer se o sujeito tem consciência da própria ignorância. O sujeito que se diz conhecedor, mas não o é, está muito mais distante da verdade do que o ignorante. O primeiro, como julga já saber, não investiga, não pesquisa, não estuda, diferentemente daquele que toma consciência de seu desconhecimento e que, portanto, para sair desse patamar, investiga, pesquisa, estuda e busca conhecer. É essa atitude de reconhecimento da própria ignorância e da procura por um saber fundamentado que é típica da Filosofia.



Até aqui, você já viu a frase de Sócrates “Só sei que nada sei” mais de uma vez. Você pode estar se perguntando: Afinal, por que se fala tanto dela neste Caderno? Será que ela é realmente tão importante? Pense no seu cotidiano. Você se sente bem ou mal ao revelar um desconhecimento? Normalmente, a ignorância tem um peso negativo, como se não saber algo depusesse contra a pessoa. Nesse sentido, pode-se concluir o quanto a frase de Sócrates é esclarecedora da importância da ignorância para novos aprendizados: é exatamente porque não se sabe que se pode aprender. Lembrando que o conhecimento nunca termina, é sempre possível aprender mais.





ATIVIDADE 1 Entendendo um pouco mais sobre o conhecimento socrático

Explique o que você compreendeu sobre como se chega ao conhecimento das coisas por meio do método de indagação de Sócrates.



Do conhecimento: os mundos de Platão

A teoria platônica do conhecimento, isto é, aquela criada pelo filósofo Platão (Atenas, 427-347 a.C), pode ser compreendida pela análise da alegoria da caverna, famosa passagem que abre o livro VII da obra *A República*.

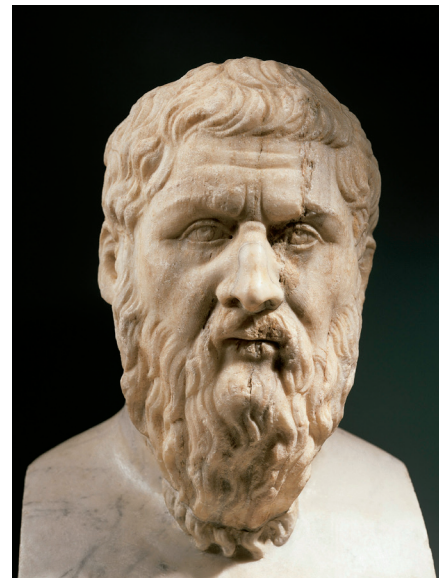
Uma alegoria é uma figura de linguagem na qual se utilizam imagens figurativas para expressar um conceito. Assim como as fábulas e a maioria das metáforas, uma alegoria tem o objetivo de ilustrar uma ideia.

Imagine uma caverna grande o bastante para que muitas pessoas vivam nela. Essas pessoas permanecem acorrentadas e passam toda sua vida presas ali. Elas não conseguem se mover e estão sempre de costas para a entrada da caverna, olhando para a parede do fundo. Atrás da entrada da caverna, há uma fonte de luz e, portanto, no interior da caverna, ocorre a formação de sombras.

Nas palavras de Platão, tem-se a seguinte descrição:

[...] Imagina homens em morada subterrânea, em forma de caverna, que tenha em toda a largura uma entrada aberta para a luz; estes homens aí se encontram desde a infância, com as pernas e o pescoço acorrentados, de sorte que não podem mexer-se nem ver alhures exceto diante deles, pois a corrente os impede de virar a cabeça [...].

GUINSBURG, J. (Org. e Trad.). *A República de Platão*. São Paulo: Perspectiva, 2012, p. 263.



© G. Dagli/Orti/Album/DEA/Latinstock

Representação de Platão, muito lembrado pelo famoso mito da caverna.





Segundo Platão, as sombras projetadas na parede da caverna são tudo o que essas pessoas acorrentadas veem por toda a sua vida e, dessa forma, elas não são capazes de distinguir as sombras da realidade, acreditando que estas são o real e que o mundo todo está ali, na parede.

Essa alegoria apresenta a ideia de que o **mundo sensível**, aquele que o indivíduo capta com seus sentidos mais básicos, é um mundo de sombras, que conduz a pensamentos que se sustentam apenas por crenças e opiniões pessoais. Para superar isso, é preciso que o ser humano busque a verdadeira essência das coisas, que está no **mundo das ideias** (também chamado de **mundo inteligível**) e que só pode ser alcançado pelo exercício da Filosofia, ou seja, por meio do questionamento, da reflexão, do raciocínio. Assim, para Platão, existem dois mundos: um é o sensível, aquele que se pode experimentar com a visão, o tato, a audição, o olfato e o paladar; o outro é o mundo das ideias, no qual estão as coisas em sua essência, em sua forma perfeita, acessado pelos seres humanos pelo exercício da razão.

Segundo a filosofia de Platão, o mundo sensível, esse comum que os seres vivos compartilham uns com os outros diariamente, é um mundo de ilusões, e tudo o que nele existe é cópia imperfeita de suas versões originais, imperecíveis, verdadeiras e eternas – que habitam o mundo das ideias.

Voltando à caverna de Platão, imagine agora que um desses prisioneiros seja libertado de seus grilhões e arrastado para fora dela. Acompanhe novamente as palavras do filósofo:





[...] Que se separe um desses prisioneiros, que o forcem a levantar-se imediatamente, a volver o pescoço, a caminhar, a erguer os olhos à luz: ao efetuar todos esses movimentos sofrerá, e o ofuscamento o impedirá de distinguir os objetos cuja sombra enxergava há pouco.

GUINSBURG, J. (Org. e Trad.). *A República de Platão*. São Paulo: Perspectiva, 2012, p. 264.

Admirado com a luz verdadeira do dia, ele percebe que o ambiente no qual vivera desde sempre era apenas uma prisão, e as figuras que considerava reais eram apenas sombras, projeções da realidade. Para Platão, há uma ruptura entre o conhecimento sensível e o intelectual, diferentemente de como pensava seu discípulo Aristóteles, que descreveu uma continuidade entre as muitas formas de conhecimento, conforme você verá adiante. Para Platão, é pelo pensamento e pela reflexão filosófica que é possível ao homem acessar, pelo menos momentaneamente, o mundo das ideias, afastando-se das sombras. Nesse sentido, o corpo e seus sentidos são uma espécie de cativeiro que nos prende ao mundo sensível, privando-nos do usufruto integral do mundo verdadeiro e perfeito das ideias. É a passagem de um mundo ao outro que descreve o processo do conhecimento.

É importante pensar no que aconteceria se a pessoa liberta voltasse para dentro da caverna a fim de contar o que descobriu aos demais. Segundo Platão, ela seria desacreditada e provavelmente hostilizada por defender ideias absurdas, sem sentido. O homem liberto poderia até ser morto pelos outros, considerado um lunático e uma ameaça à ordem estabelecida na caverna. É possível perceber uma clara referência ao julgamento e à morte de Sócrates (que você estudará no próximo tema). Vê-se, então, que a Filosofia pode livrar o ser humano de prisões e apresentar um novo mundo pelo esclarecimento, mas esse esclarecimento também é passível de cobrar seu preço, principalmente se faz o indivíduo apontar na direção oposta daquela seguida e admirada pela maioria, como aconteceu com Sócrates e como aconteceria se o prisioneiro libertado retornasse à caverna.

Perceba também que, além de explicar que o conhecimento é a saída do mundo das sombras para o das ideias, Platão reflete sobre as dificuldades desse processo, apontando, inclusive, para aspectos pedagógicos relativos à superação do senso comum. Superar o senso comum e adquirir uma consciência filosófica não é algo que se consegue espontaneamente, facilmente. Exige esforço, disciplina, trabalho árduo e, em especial, a ajuda de alguém ou de algo (dos filósofos que se estudam, de professores, de livros).



**ASSISTA!****Filosofia – Volume 1***A caverna de Platão*

Será que a realidade que nos cerca é, de fato, real? Esse vídeo trata do mito da caverna de Platão, que explica o percurso dos seres humanos em direção à construção do conhecimento, partindo do uso da consciência e da reflexão. O vídeo apresenta, ainda, algumas relações possíveis com a sociedade atual, problematizando modos de agir dos indivíduos e de se relacionar uns com os outros e com o próprio conhecimento.

ATIVIDADE**2****Entendendo um pouco mais sobre o conhecimento platônico**

Você aprendeu que Platão, ao tratar da teoria do conhecimento (também conhecida por teoria das ideias), por meio da alegoria da caverna, mostrou o exercício da reflexão, fazendo as pessoas se aproximarem cada vez mais do verdadeiro conhecimento. Isso ocorre ao se sair do mundo sensível (da aparência, das sombras e da ilusão) para alcançar o mundo das ideias (mundo inteligível, alcançado pela inteligência humana).

A seguir, relacione os elementos que contemplam a teoria das ideias de Platão. Assinale MI (mundo das ideias) ou MS (mundo sensível) nas opções que julgar pertinentes.

☐

Senso comum

☐

Teatro

☐

Opinião

☐

Raciocínio matemático

☐

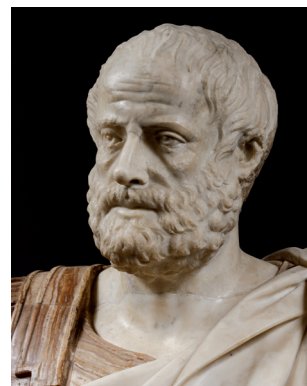
Filosofia

☐

Reflexão

**O conhecimento segundo Aristóteles**

Como você viu, a teoria das ideias de Platão distingue o mundo sensível (aquele percebido pelos sentidos) e o mundo das ideias (inteligível). Para Aristóteles (Estagira, 384-322 a.C.), discípulo de Platão, o conhecimento seria formado e aprimorado ao longo de um processo contínuo de acumulação de informações, que podem ocorrer de muitas maneiras, mas que são impreterivelmente determinadas pela experiência. Assim sendo, enquanto Platão atribuía o saber ao mundo das ideias, Aristóteles considerava ser primordial para a construção do conhecimento o fazer, a prática, a ação.



Representação de Aristóteles, filósofo que se preocupou com os princípios do conhecimento científico.





Seguindo esse posicionamento, o filósofo afirma que Filosofia e Ciência são uma só e a mesma coisa, de maneira que, conhecendo o princípio de cada objeto estudado, é possível conhecê-lo. Em Filosofia, princípio refere-se às ideias essenciais que oferecem as bases para qualquer tipo de investigação ou reflexão. Assim, entende-se que cabe ao filósofo/cientista investigar esses princípios, as causas e a natureza dos seres que serão objetos de estudo. Entretanto, no que diz respeito a esse processo de investigação, nem sempre as causas e os princípios podem ser entendidos como a mesma coisa, variando de acordo com aquilo que é estudado. O próprio Aristóteles afirma, no livro IV da *Metafísica* (uma de suas obras), que há uma só ciência para cada gênero de ser.

Considerando então essa enorme pluralidade de ciências e filosofias possíveis (uma para cada gênero de objeto estudado), Aristóteles classifica as ciências em três grandes grupos, sistematizando o conhecimento verdadeiro em: teórico (referente ao campo do que é teórico, ou seja, aquilo que se pode apenas contemplar ou observar, sem a possibilidade de intervenção); prático (referente àquilo que o homem realiza, às ações humanas, como a ética, a política ou a economia) e, finalmente, técnico (referente ao trabalho humano, àquilo que o homem pode fabricar, à sua capacidade de intervenção direta ou de transformação da natureza, como a medicina, o artesanato, a arquitetura, a poesia).

Pode-se enxergar na obra de Aristóteles uma característica em comum com os demais filósofos investigados: a preocupação de distinguir senso comum e sabedoria, aparência e essência, verdade e falsidade e, ainda, de estruturar e classificar os campos de conhecimento.

ATIVIDADE

3

Entendendo um pouco mais sobre o conhecimento aristotélico

Considerando o que aprendeu no texto, dê exemplos para cada uma das manifestações de conhecimento verdadeiro segundo Aristóteles.

• Teorético:

• Prático:





- Técnico:

HORA DA CHECAGEM

Atividade 1 - Entendendo um pouco mais sobre o conhecimento socrático

Espera-se que, com a leitura do texto *Sócrates e a importância do diálogo na busca do conhecimento*, você tenha entendido que, para Sócrates, o melhor método para se chegar ao conhecimento consiste, em primeiro lugar, em reconhecer a própria ignorância (isto é, não saber algo). A partir disso, o próprio ato de elaborar perguntas sobre aquilo que se ignora provoca um diálogo (criar perguntas e respostas), que permitiria a formulação de novas ideias e a concepção de novos conhecimentos.

Atividade 2 - Entendendo um pouco mais sobre o conhecimento platônico

Em seus estudos sobre o conhecimento platônico, você pode ter encontrado as informações que o levaram a identificar os seguintes aspectos:

Mundo sensível (MS)

- Senso comum – é uma forma de conhecimento que se constitui pela experiência dos sentidos.
- Opinião – leva em conta critérios subjetivos, que muitas vezes desconsideram a racionalidade.
- Teatro – para Platão, faz parte do mundo sensível porque trata, em certa medida, da “imitação” da realidade. Para o filósofo, esse tipo de experiência pode gerar falsos prazeres, que afastam o ser humano do conhecimento verdadeiro. Para compreender por que ele pensava assim, vale a pena conhecer como era o teatro na Grécia Antiga. Você pode fazer uma pesquisa a respeito.

Mundo das ideias (MI)

- Filosofia – dispõe-se a buscar o conhecimento no sentido de superar, pela racionalidade, tudo aquilo que advém do mundo sensível ou da aparência das coisas. A Filosofia se propõe compreender o que são as coisas, como são, por que são, também pela razão de que procura superar as opiniões particulares, ir além delas, em busca da verdade que seja aceita por todos como tal.
- Reflexão e Raciocínio matemático – fazem parte do mundo das ideias justamente porque os dois são instrumentos do filosofar, no sentido de alcançar o conhecimento para além da aparência das coisas.

Atividade 3 - Entendendo um pouco mais sobre o conhecimento aristotélico

- O conhecimento teórico é aquele que se dispõe a ir atrás das causas e finalidades das coisas, por isso representa, para Aristóteles, a maneira essencial de chegar à sabedoria. São exemplos: Ciências da Natureza, Física, Biologia, Matemática, Aritmética, Astronomia.
- O conhecimento prático se dedica a estudar o homem e suas ações. São exemplos: ética, a política, a relação ensino-aprendizagem, a economia.
- O conhecimento técnico é aquele que se dedica às artes e técnicas. São exemplos: artesanato, medicina, mecânica, marcenaria, poesia, literatura, pintura, desenho.





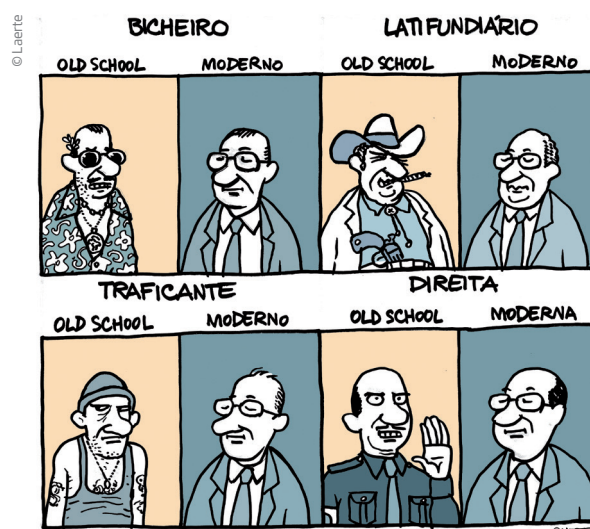
Registro de dúvidas e comentários

[illegible]

O termo *política* tem origem no grego antigo *politeía*, que se referia a todos os procedimentos relativos à *pólis*, ou cidade-estado, e, por extensão, à sociedade, comunidade, coletividade e a outros agrupamentos condizentes à vida urbana. A política diz respeito à arte ou ciência da organização, direção e administração de nações ou Estados. Você já deve ter ouvido falar de gente que não gosta de discutir política ou pensar nela. Neste tema, você vai observar que a prática política não é exercida apenas pelos chamados políticos (governantes e servidores públicos), mas por todos que compartilham de um mesmo ambiente, contexto, situação.

? O QUE VOCÊ JÁ SABE?

Examine com cuidado as charges apresentadas.



Na charge à direita, observe que o termo "*old school*" é utilizado, em geral, para se referir a coisas consideradas "fora de moda". Um termo equivalente, usado em língua portuguesa, seria "velha guarda".

Qual é a mensagem que cada uma delas passa para você? Em sua opinião, a mensagem passada pelas charges é política? Por quê? Pense em justificativas para sua resposta.

📖 A morte de Sócrates como desfecho político

Sócrates praticava seus diálogos e indagações em espaços públicos, tendo muitas vezes incomodado pessoas poderosas e influentes, ainda que o seu objetivo não fosse constranger ou humilhar seus concidadãos. Em seus diálogos, o filósofo concluía que aquelas pessoas não eram tão sábias quanto se julgavam, pois não



possuíam os conhecimentos que afirmavam ter, e isso punha em evidência as relações de poder cotidianamente estabelecidas. Aqueles empoderados por uma aparência de sabedoria tinham suas inseguranças e incertezas reveladas publicamente.

Pode-se perceber que as ideias de Sócrates ameaçavam o *status quo* (expressão latina que significa o “estado atual das coisas”), na medida em que permitiam ao povo revisar suas impressões acerca dos ricos e poderosos, sejam essa riqueza e poder do tipo material ou intelectual. Para os governantes e poderosos, o fato de as pessoas perceberem que eles não eram tão sábios quanto desejavam parecer os esvaziava de poder, e isso foi sentido por essa elite como um risco que ela não estava disposta a correr.

Além disso, muitos jovens ociosos, filhos de famílias ricas, acompanhavam Sócrates nos diálogos que ele travava com pessoas influentes que acabavam desmoralizadas ao terem sua falsa sabedoria desmascarada. Esses jovens punham-se a fazer a mesma coisa, sem o devido cuidado, o que contribuiu para aumentar a ira daquelas pessoas contra ele. Isso também ajudou na sua condenação, como se pode verificar em um texto de Platão chamado *Apologia de Sócrates*.

Em razão do seu posicionamento, Sócrates foi condenado à morte, pois trazia à tona fatos que alguns gostariam que permanecessem camuflados para a maior parte da população. Foi acusado de corromper a juventude e de não crer nos deuses da cidade.

A alternativa dada a ele pelos juízes, em substituição à condenação, foi a de abandonar a prática de interrogar as pessoas em praça pública, isto é, a prática da Filosofia. No entanto, Sócrates foi íntegro a ponto de levar essa forma de pensar às últimas consequências, aceitando a condenação e morrendo ao tomar cicuta (um veneno). Dessa forma, é possível considerar a morte de Sócrates um ato político, pois ele poderia ter escapado da condenação fugindo de Atenas, renunciando à participação política e às concepções éticas que havia defendido durante a vida. No entanto, ele preferiu a morte a abrir mão de suas convicções, colocando até mesmo as razões de sua condenação em xeque.

ATIVIDADE

1 A morte de Sócrates

1 Sócrates morreu defendendo aquilo que julgava ser o certo e verdadeiro. Por que a morte de Sócrates pode ser compreendida como um ato político?





2 Como você avalia a decisão do filósofo, sabendo que ele poderia ter renunciado às suas ideias para sobreviver?



A República de Platão: um ataque à democracia?

Como já foi apresentado, democracia é um conceito formado pelas palavras *demo* (povo) e *cracia* (poder), descrevendo, portanto, uma forma política na qual o poder está nas mãos do povo. Não seria legítimo supor que seria esse o sistema defendido por um filósofo? Pois saiba que Platão era contra a democracia ateniense da forma como ela era exercida na Grécia Antiga.

Uma hipótese é que a democracia, durante seu período, era um regime que punha em risco os interesses da aristocracia, classe da qual ele fazia parte; mas, considerando seus argumentos, pode-se dizer que para ele a desigualdade social era justa, concepção essa que foi explicada por meio do mito da origem das raças que será visto adiante. Nas palavras do filósofo, aquele que nasceu para ser sapa-teiro faria bem se exercesse essa atividade e nenhuma outra, o que nasceu para ser carpinteiro deveria fazer o mesmo, assim como todas as outras pessoas.

Com isso, ele trata da noção de justiça como justa medida, ou seja, cada indivíduo e cada classe social cumpre a função que lhes é determinada por sua inclinação natural. Mas será que a ocupação que as pessoas assumem na sociedade é mesmo natural?

Em sua obra *A República*, Platão utilizou outra alegoria para explicar sua visão acerca da política na cidade, comparando o governo da *pólis* com a condução de um navio. Segundo a lógica de sua alegoria, tanto a cidade quanto o navio precisam de pessoas devidamente capacitadas, seja um magistrado ou um capitão. Do contrário, se o navio ou a cidade forem conduzidos por pessoas inexperientes e incapazes de fazê-lo, ambos serão levados à ruína.

Assim, segundo Platão, a democracia ateniense teria um problema em seu funcionamento. Não se pode pressupor um governo em que todos participam e qualquer um pode se tornar governante. Isso significa que nem todos podem governar, já que, para Platão, como dito, cada um nasce para fazer uma coisa, e, no caso do governo, exercer mal ou inadequadamente essa tarefa geraria prejuízo para toda a sociedade. Segundo o filósofo, o modelo ideal de governo seria a *sofocracia*: o governo dos sábios, no qual os filósofos são os governantes ou, nas palavras de Platão, os guardiões da sociedade.





FICA A DICA!

A pessoa é para o que nasce (direção de Roberto Berliner, 2004) é um documentário brasileiro que apresenta a história de vida de três irmãs cegas, na região Nordeste do País, que têm suas trajetórias transformadas pelo contato com o processo de filmagem do documentário. Seriam mesmo as pessoas destinadas para o que nascem?

ATIVIDADE

2 A República de Platão

Por que Platão faz críticas à democracia ateniense? Você concorda com ele? Justifique.



A Política de Aristóteles

Aristóteles é um dos filósofos mais importantes de toda a história da Filosofia. Uma de suas obras, *Política*, é um tratado que reflete sobre a finalidade da política, além de discutir as formas de governo que ele considera adequadas e suas possíveis formas de degeneração.

Veja algumas das principais ideias de Aristóteles:

- O homem é um animal político, ou seja, o que nos caracteriza como espécie é nossa organização coletiva, com vistas ao bem comum e à felicidade.
- A política existe para garantir aos homens seu bem máximo: a felicidade. Só que, para Aristóteles, felicidade não tinha a ver com prazer ou riqueza, mas com a capacidade de cada pessoa se desenvolver fazendo as atividades para as quais se sente inclinada e atraída.
- As pessoas devem ter poder político para expressar suas reivindicações. Cabe ao bom governante analisar essas reivindicações para contemplá-las com a justa medida.
- Existem seis formas de governo. O governo de uma pessoa, quando justo e equilibrado, é a **monarquia**; quando degenerado e corrompido, é a **tiranía**; o governo de poucas pessoas, quando equilibrado, é a **aristocracia**; quando corrompido, é a **oligarquia**; o governo de muitas pessoas, quando justo, é a **politeia** ou **regime**





constitucional; quando degenerado, é a **democracia**. Para o filósofo, a democracia era uma forma degenerada da politeia, pois ela poderia ser tendenciosa, já que permitiria decisões que poderiam atender às necessidades das pessoas mais pobres e desfavorecidas. Com isso, os interesses de outros grupos sociais poderiam ser relegados (desprezados) ou deixados de lado, uma vez que nesse sistema de governo o que prevalece é a vontade da maioria.



Uma questão controversa na obra de Aristóteles é que ele “justifica” a escravidão. Para ele, algumas pessoas são naturalmente escravas, ou seja, não são consideradas seres humanos na mesma medida que o cidadão. É possível que uma pessoa escravizada seja feliz?

ATIVIDADE 3 A Política de Aristóteles

1 Aristóteles dizia que o homem é um animal político. O que isso significa? Você concorda? Justifique.

2 Quais eram, para Aristóteles, as principais formas de governo em sua expressão virtuosa (equilibrada) e viciosa (corrompida)?

HORA DA CHECAGEM

Atividade 1 - A morte de Sócrates

1 A morte de Sócrates pode ser compreendida como um ato político porque o filósofo foi condenado publicamente à morte pela divulgação de ideias que ameaçavam o *status* estabelecido na sociedade grega de sua época.

2 A resposta é de cunho pessoal. Você pode ter notado que Sócrates, optando pela fuga, teria que viver no ostracismo (uma forma de punição que significava 10 anos sem participação política, em exílio), longe da política, do ensino e das suas atividades como filósofo. Dessa forma, ele prejudicaria



No tema anterior, você pôde aprender que há muita divergência sobre o que é possível entender e esperar da política. Sócrates foi executado por questionar autoridades e figuras de poder; Platão fez críticas à democracia; Aristóteles se preocupava com a decadência instalada nas formas de governo. Cada um teve uma compreensão sobre a política, mas todos estavam preocupados com as consequências que ela pode gerar. Voltar-se para a política é importar-se com o homem e com suas ações. O objetivo deste tema é propor formas de reflexão acerca da ética. Você será convidado a pensar sobre como esse conceito se expressa em seu cotidiano e de que forma se costuma, em sociedade, avaliar as ações dos homens.

? O QUE VOCÊ JÁ SABE?



A charge ilustra uma situação cotidiana em que é possível avaliar a conduta ética.

Você já deve ter ouvido frases e expressões com a palavra ética. Pense em pelo menos três dessas frases ou expressões, esclarecendo o sentido da palavra ética em cada uma delas.

Para você, o que é ética? Procure escrever uma definição.

📖 O que é ética? *Ethos*, raízes do conceito

Para começar, é necessário esclarecer os conceitos de ética e moral – que são próximos, mas não sinônimos, ou seja, não são iguais. Em geral e de modo muito simplificado, ética é definida como a reflexão teórica sobre a moral. Esta última, por sua vez, diz respeito às normas e aos princípios que norteiam coletivamente a ação individual. A palavra ética vem do grego *ethos*, que quer dizer o conjunto de práticas e costumes de determinado povo e/ou de determinada região. Quando você estudou sobre senso comum e atitude filosófica, viu que muitas vezes fica mais fácil seguir concordando e reproduzindo uma prática que já é aceita coletivamente do que repensá-la e propor alternativas.



Nesse sentido, a palavra *ética* pode ser definida como práticas que, pelo hábito, tornaram-se um indicativo do que é tido como normal ou aceito em certa sociedade. Assim, cada cultura desenvolverá sua própria concepção ética, baseada em suas normas e costumes.

Alguns filósofos pretendem empreender uma reflexão sobre a ética. Eles questionam as origens dos hábitos, a utilidade dos costumes e os benefícios que as tradições e práticas comuns trazem à sociedade. Além disso, é no debate sobre o que é considerado ético ou inadequado que surgem as avaliações acerca do caráter ou da índole de uma pessoa. É essa a direção que a Filosofia quer dar para a discussão sobre ética, ou seja, uma reflexão rigorosa acerca das interpretações possíveis sobre os valores e princípios que norteiam as ações humanas.



FICA A DICA!

A seguir estão indicações de alguns filmes que podem ajudar você a refletir sobre o tema da ética, evidenciando diferentes posturas, impasses e problemáticas relacionadas às normas e aos valores sociais em diferentes contextos.

- *12 homens e uma sentença* (direção de Sidney Lumet, 1957) trata do julgamento de um jovem que é acusado de matar o próprio pai. Dos 12 jurados, no tribunal, um não tem certeza de que o jovem é culpado, sugerindo que o crime seja mais bem investigado, na busca de justiça. Contudo, tem que enfrentar as resistências dos demais jurados.
- *A letra escarlate* (direção de Roland Joffé, 1995) trata das dificuldades que uma mulher encontra para assumir seu amor na sociedade colonial estadunidense do século XVII.
- *Abril despedaçado* (direção de Walter Salles, 2001) trata da violência como círculo de repetição e de uma decisão: o protagonista reflete sobre vingar ou não a morte do irmão mais velho. Caso se vingue, ele também será vítima de uma vingança posterior.
- *Milk* (direção de Gus van Sant, 2008) trata da história de um ativista político que luta pelos direitos civis dos homossexuais e torna-se o primeiro político assumidamente homossexual eleito nos Estados Unidos.



PENSE SOBRE...

A ética se dá quando a ponderação acerca do certo e do errado, do falso e do verdadeiro atinge a vida real, transformando-se em prática, exercício, ação. Pensar como algo deveria ser é uma reflexão. A decisão ética é aquela que pesa necessidades coletivas contra interesses particulares e tira dessa equação um resultado positivo para todas as partes. Como somar vontades individuais e interesses





coletivos? Como ampliar regras íntimas para deveres universais? Como multiplicar o que as pessoas sabem ou fazem de melhor, individualmente, para aperfeiçoar medidas gerais?

Por vezes, pode ser difícil agir eticamente, seja porque isso exige coragem e certo desprendimento para abrir mão dos próprios interesses e pensar no interesse coletivo, seja porque implica comportar-se de forma diferente daquela da maioria das pessoas, isto é, nadar contra a corrente, não ser “Maria vai com as outras”, como se diz coloquialmente, seja, ainda, porque às vezes agir eticamente pode fazer alguém parecer “chato” diante dos outros e impedir que essa pessoa seja aceita pelo grupo. O que você pensa disso? Diante de tantas dificuldades, vale a pena agir eticamente?

ATIVIDADE

1

Refletindo sobre a ética em outras sociedades

Os valores e princípios aceitos como adequados mudam de acordo com a época, a cultura e a sociedade em que se vive. Por exemplo, para alguns povos no Oriente Médio, é comum que um homem se case com várias mulheres, mas não se admite que uma mulher possa se casar com mais de um homem. Em sua opinião, isso pode ser considerado ético ou antiético? Justifique sua resposta.

A ética segundo Sócrates, Platão e Aristóteles

Para Sócrates, o saber fundamental seria aquele que investiga a essência humana, ou seja, aquilo que todas as pessoas podem compartilhar sobre si mesmas, apesar de suas diferenças. Cabe ao ser humano, então, usar de sua razão para avaliar se seus conhecimentos e atitudes são bons apenas para si ou, também, para o grupo do qual ele faz parte. Dessa forma, é na possibilidade da razão que o homem pode conhecer e desenvolver o **bem** para ele mesmo e para a sociedade. Segundo o pensador, o homem só poderia praticar o bem por intermédio da razão.





Ao conhecer o bem, poderá praticá-lo, pois não conseguirá agir de outra forma, uma vez que, sendo a busca da felicidade incondicional, o homem sempre praticará o bem. Assim, para Sócrates, a postura ética seria o pleno desenvolvimento da razão sobrepondo-se às paixões, ou seja, superar os desejos biológicos, os impulsos de necessidade, as urgências e as ânsias que nos aproximam dos animais irracionais. Isso quer dizer que o ser humano não age “por impulso”, “nem diz o que lhe vem à cabeça” quando usa sua razão.

Segundo o filósofo, o agir ético depende de um exercício de afastamento dos sentidos e impressões exteriores para que alguém possa estar só e consigo mesmo. O ser humano precisa querer afastar-se do mundo exterior, ir à solidão e ao silêncio e permanecer na própria consciência e interioridade.

Em seguida, há um “segundo momento” do exercício do pensamento, que é a plena concentração e atenção sobre tudo aquilo que se apresenta ao intelecto durante a reflexão. Sem um forte investimento da vontade, ou seja, sem o querer, não se mantêm a concentração e a atenção permanentes que Sócrates supõe. É a vontade que agiliza e sensibiliza a percepção e a compreensão do que é verdadeiro e bom. De acordo com o filósofo, portanto, o intelecto deve prevalecer sobre as vontades.

O autocontrole decorrente do autoconhecimento é, enfim, a chave para a felicidade. Já para Platão, como você estudou no Tema 2 desta Unidade, a verdade das coisas só poderia ser alcançada no mundo das ideias. Para isso, é preciso superar aquilo que se apreende pelos sentidos. Segundo esse filósofo, a alma humana se dividiria em três partes: uma parte racional (que almeja e busca o conhecimento), uma colérica ou irascível (que é a parte que produz emoções, sobretudo irritações e o desejo de dar ordens e mandar nas outras pessoas) e, por fim, uma concupiscente ou apetitiva (que deseja o prazer das sensações que o corpo humano pode proporcionar).

Assim, as ações de uma pessoa podem ser melhores se ela estiver sob o governo da parte racional de sua alma. Isso significa que, para Platão, os comportamentos e atitudes considerados bons e justos seriam sempre uma consequência do uso da razão, sendo ela a responsável pelo domínio das outras partes, fazendo do indivíduo um ser moderado, que não cede aos impulsos da concupiscência, e um ser prudente, que, respondendo aos anseios de autopreservação da vida, não correrá riscos indiscriminadamente.

Veja, agora, o que pensava Aristóteles. Segundo ele, *mesotes* seria o nome grego para justa medida, ou seja, o equilíbrio. Não o equilíbrio físico, necessário para caminhar, mas uma postura de vida em harmonia, que sabe distinguir entre as possibilidades de ações entre dois extremos. Também se pode entender esse conceito como moderação ou temperança.





Para ele, o caminho ideal para a ética seria evitar extremos, sendo toda falta ou excesso prejudicial e caracterizando um tipo de vício. A virtude está, portanto, na **justa medida**, que quer dizer radicalmente a medida com justiça. Aristóteles trabalhava exemplos de excessos e faltas (vícios) para definir como a justa medida pode conduzir à virtude. Esse exercício está presente no texto pioneiro do tratamento da ética, intitulado *Ética a Nicômaco*, dividido em dez partes que abordam diferentes assuntos relacionados a questões éticas, como o bem, a justiça, a felicidade etc.

O quadro a seguir revela alguns exemplos de como Aristóteles tratava da virtude e de vícios correspondentes, seja pelo excesso, seja pela falta.

| Vício por excesso | Virtude | Vício por falta |
|-------------------|------------------|-----------------|
| Temeridade | Coragem | Covardia |
| Vaidade | Respeito próprio | Modéstia |

Repare que ser corajoso não quer dizer não ter medo, mas sim enfrentar o medo, não deixar que ele paralise você; também não quer dizer não ter medo de nada, porque isso faz a pessoa não julgar antes de agir, tornando-se inconsequente. Também é importante perceber que a justa medida é própria de cada indivíduo. A coragem de um pode ser enfrentar um inseto; a de outro, dirigir. A doutrina aristotélica do meio-termo também nos diz que as virtudes podem ser ensinadas, ou seja, elas não são características inatas nem precisam perdurar eternamente. As virtudes devem ser praticadas, como qualquer habilidade, e é na ação que elas se realizam, ou seja, não basta apenas dizer que se é corajoso, é preciso agir corajosamente. Diferentemente de Sócrates e Platão, Aristóteles dá mais importância à prática como meio para adquirir e aprender a virtude do que ao conhecimento teórico dela.

Até aqui, foram analisadas as ideias de três filósofos clássicos (Sócrates, Platão e Aristóteles). Você aprendeu o que é o conhecimento, a política e a ética. Pensando sobre o conhecimento, você pôde entender mais sobre política; na reflexão sobre política, chegou aos sentidos da ética; e, ao refletir sobre a ética, percebeu sua importância prática na fundamentação de critérios para a ação. Para finalizar, é importante que você perceba que todas as ações humanas precisam visar ao bem coletivo. E o bem coletivo deve ser a finalidade de tudo o que se vive, no plano político.





ATIVIDADE

2 A ética segundo Sócrates, Platão e Aristóteles

1 Segundo Sócrates, a racionalidade é um pré-requisito para a felicidade, porque só conhecendo o bem é que ele pode ser praticado. Você concorda com ele? Justifique e dê exemplos que você observa no seu dia a dia.

2 De acordo com a ética platônica, o que explica as ações justas e corretas de uma pessoa?

3 Observe atentamente o quadro do texto anterior, que apresenta alguns exemplos de virtudes e vícios para Aristóteles. Pense em mais duas virtudes morais e seus respectivos extremos (excesso e falta), procurando dar nomes a cada uma delas.

HORA DA CHECAGEM

Atividade 1 - Refletindo sobre a ética em outras sociedades

Questões como essa podem tê-lo levado a pensar que o fato de as mulheres não poderem exercer a poligamia como os homens é injusto, pois elas deveriam ter os mesmos direitos que os homens. Contudo, só é possível questionar isso em uma sociedade como a nossa, na qual a luta pela igualdade dos gêneros tem sido uma questão discutida há muitos anos. Nesse sentido, a igualdade dos gêneros como uma questão ética só faz sentido ao considerar o contexto histórico e cultural de cada sociedade.

Atividade 2 - A ética segundo Sócrates, Platão e Aristóteles

1 Segundo Sócrates, somente pela racionalidade é que o homem pode conhecer o bem e é somente conhecendo o bem que ele poderá ser feliz, porque o praticará. Você pode ter dado muitos exemplos que estão em acordo com o pensamento do filósofo. Por exemplo, na Copa do Mundo de 2014, um jovem carioca encontrou em um ônibus uma mochila contendo sete ingressos para vários jogos que ainda ocorreriam, um passaporte e dinheiro. Ele poderia ter ficado com os ingressos (para um evento que é muito caro e cobiçado) e o dinheiro e descartado todo o resto. Mas, percebendo que os objetos eram de um estrangeiro, com a ajuda de vários amigos conseguiu localizar o dono



TEMAS

1. Descartes: o eu racional
2. Kant: os limites do conhecimento e o imperativo categórico

Introdução

Quando você reflete sobre seus sentimentos, desejos e ações, ocupa simultaneamente duas funções: é um sujeito (porque é você que está pensando) e é objeto do seu pensar (porque está refletindo a respeito de si mesmo). E isso oferece imensas possibilidades. Acha essa ideia complicada? Relacione sujeito e objeto com o que você aprendeu em gramática: na frase, o sujeito é quem faz a ação, o objeto é o complemento da ação e o verbo, a ação, não é mesmo? Por exemplo, o verbo *pensar* descreve a ação de pensar. Se alguém diz: “eu penso”, o “eu” é o sujeito da frase, e, portanto, o sujeito da ação é quem pensa.

Se outro alguém complementa a frase e diz: “eu penso sobre Filosofia”, “Filosofia” é o objeto, sobre aquilo que o “eu” pensa. Se a frase é: “eu penso sobre mim”, o mesmo “eu” é tanto sujeito quanto objeto. Por isso, do ponto de vista da Filosofia, é possível tanto refletir sobre o indivíduo como um sujeito que busca conhecimento, e de que maneira ele pode alcançá-lo, quanto tomar o ser humano (do ponto de vista dos seus comportamentos e atitudes, por exemplo) como objeto de estudo (nesse segundo caso, ele é, então, objeto de conhecimento).

Nesta Unidade, você estudará dois filósofos que se debruçaram sobre o homem nesses termos: como sujeito e como objeto de conhecimento.

No Tema 1, será apresentado o pensamento de Descartes; no Tema 2, o pensamento de Kant.

Pensar é ação que exige tempo, esforço, dedicação. É algo que demanda muita persistência. Se e quando se sentir desanimado ou com muitas dúvidas, insista. Você verá que a dúvida ocupa um lugar de destaque no pensar, mesmo quando ela não é resolvida. O objetivo da dúvida é impulsionar você a resistir à pressa de encontrar uma solução, a insistir no exercício da reflexão mesmo quando estiver diante de uma aporia. A aporia (em grego, *a* = “não”; *poros* = “passagem”, significa, portanto, sem passagem, sem saída), segundo alguns dos filósofos que foram apresentados até aqui, implica essa situação em que, abalado pelas certezas e sem encontrar respostas satisfatórias, você não consegue chegar à definição procurada. Mesmo assim, espera-se que você persista.

Neste tema, será analisado o procedimento de Descartes diante do conhecimento. O filósofo se dispôs a criar um método que o ajudasse a alcançar o conhecimento, um método no qual pudesse confiar. Sua inquietude se devia à ausência de segurança diante de tudo o que ele tinha como fonte de conhecimento: sentidos, raciocínio, pensamento. Seu método de investigação teve como ponto de partida algumas perguntas: Pode-se confiar nos sentidos humanos? Como é possível uma pessoa saber se está acordada ou sonhando? E se as verdades matemáticas forem falsas? A partir desses questionamentos, ele foi capaz de formular grandes descobertas para as ciências com as quais esteve envolvido. O objetivo deste tema será compreender como a dúvida e o ato de duvidar foram os fundamentos que possibilitaram a construção de evidências claras.

René Descartes

BIOGRAFIA

Nasceu em 1596, na França e, ainda jovem, mudou-se para a Holanda, alistando-se nas forças armadas. Diz-se que, depois de uma sequência de três sonhos perturbadores que teve, passou a dedicar-se à Filosofia. No primeiro sonho, ele se viu andando por uma rua quando um vento fortíssimo o empurrou para uma igreja, onde alguém lhe disse que outra pessoa havia lhe enviado um melão de presente. Ele acordou perturbado, pensou muito sobre os males e os bens do mundo. Adormeceu e teve outro sonho. Nesse, Descartes imaginou ouvir um trovão e ver uma sequência de raios, que cintilavam faíscas em seu quarto. Com isso, o filósofo interpretou que a verdade estava querendo possuí-lo. Ao adormecer outra vez, teve um terceiro sonho. Nele, Descartes viu dois livros. Em um deles, enxergou a pergunta *Que caminho seguirei na vida?* Além disso, alguém lhe mostrava vários versos de um poema em que ele viu, muitas vezes, as palavras *sim* e *não*. Com esse terceiro sonho, o filósofo entendeu que deveria se dedicar a refletir sobre a verdade e a falsidade na produção de conhecimento. A partir daí, esforçou-se para criar um método no qual a razão fosse o instrumento fundamental que o conduzisse ao conhecimento. Durante sua vida, foi um cientista amplamente reconhecido, tendo produzido muitos tratados sobre Matemática, Geometria Analítica (mistura de Geometria com Álgebra) e Astronomia. Convidado a ministrar aulas de Matemática e Filosofia para a rainha da Suécia, em 1650 faleceu em Estocolmo, vítima de uma pneumonia ocasionada pelo rigoroso inverno da região.

? O QUE VOCÊ JÁ SABE?

Você costuma ter dúvidas sobre muitas coisas? Enumere algumas delas e explique por que você tem essas dúvidas. Você acha importante duvidar? Pense sobre uma justificativa. Você acha que não ter perguntas quer dizer que você não tem dúvidas?

Penso, logo existo

Na Europa do século XVII, as ciências desfrutavam de grande prestígio. Há apenas pouco mais de dois séculos, a evolução da Matemática e da Astronomia, combinadas, fez nascer um aprimoramento da tecnologia náutica que impulsionou o homem europeu a paragens distantes, terras selvagens e inexploradas, o que também estava associado ao grande desenvolvimento comercial.

Havia uma efervescência cultural espalhando-se pelo território europeu durante esse período, e talvez isso tenha contribuído para que grandes pensadores tenham apresentado obras tão significativas para a humanidade. Pessoas como Isaac Newton e Galileu Galilei formularam importantes descobertas da Física, além do trabalho de filósofos como John Locke, David Hume, Francis Bacon, entre outros.

Dentre esses pensadores, será analisado aqui mais atentamente René Descartes. Sabe-se que ele nasceu em uma família abastada, que teve uma criação católica em **escola jesuítica** e que se formou em Direito sem nunca chegar a exercer a advocacia. Sua guinada para o campo das ciências costuma ser interpretada por alguns como uma vocação natural, por outros como fruto de um contexto cultural, conforme citado,



© Jordan Adams/ImageZoo/Corbis/Latinstock

Quantas vezes fica-se em dúvida entre uma e outra decisão importante? Que consequências uma decisão pode trazer quando se descartam as outras?

Escola jesuítica

Tipo de escola confessional ligada aos jesuítas. Os jesuítas foram padres da Igreja Católica que faziam parte da Companhia de Jesus, ordem religiosa fundada no século XVI, logo após a Reforma Protestante, como uma forma de barrar o avanço do protestantismo no mundo. Seus principais objetivos foram a catequização dos índios americanos e a difusão do catolicismo no mundo por meio da criação de escolas. Os jesuítas fizeram parte da expedição portuguesa que colonizou a terra que hoje é chamada de Brasil e que fundou aqui as primeiras escolas.



ou, ainda, como uma inquietação misteriosa que o acometia em sonhos perturbadores. Por que certos problemas como o da construção do conhecimento ou o da existência de Deus eram importantes para ele? Que necessidades e desafios ele buscava superar com sua filosofia? Felizmente, o filósofo deixou muitos registros de suas meditações, reflexões, observações e experiências em diversas obras, o que oferece importantes hipóteses para essas questões.

Descartes tinha por objetivo construir um método que conduzisse à verdade que não pudesse ser contradita. Segundo seu ponto de vista, a Ciência deve tirar proveito da razão tanto para seu fundamento quanto para seu progresso. Ou seja, os avanços científicos dependem da razão tanto para que a própria Ciência possa existir quanto para que, com seus preceitos, consiga conquistar, descobrir e aprimorar a vida humana. A questão central aqui parece ser, então: Como usar bem a Ciência?

Para Descartes, o conflito entre verdade e falsidade, entre conhecimento e ilusão parece ter uma importância central. Ele considerava uma grande contradição que os homens que são dotados da capacidade de julgar racionalmente a realidade a sua volta pudessem de modo contínuo se enganar tanto. Por isso, ele partiu da desconfiança com relação à própria percepção humana acerca da realidade. Serão retomadas a seguir as três questões por ele formuladas para desenvolver seu método investigativo, a fim de perceber as argumentações que formulam essas questões.

Posso confiar nos meus sentidos? Os sentidos humanos (tato, visão, paladar, audição e olfato) podem ser iludidos? Sabe-se com certeza que sim, e Descartes também o sabia. Por exemplo: um objeto distante pode parecer muito menor do que ele de fato é.

Isso posto, vê-se que os sentidos podem conduzir a enganos. Radicalizando essa premissa ao máximo que podia, Descartes formulou a segunda dúvida: Posso mesmo saber se estou acordado ou sonhando? E se meu despertar for um sonho dentro de outro? E se toda a nossa vida for um sonho encadeado por vários menores? Consciência e inconsciência são percepções que as pessoas têm de seu corpo, mas, se pode existir um sonho realista o bastante para enganar os sentidos e desencadear dor, medo, fúria etc., então, qual a garantia de que a realidade desperta não é também um sonho?

Para Descartes, o limite desse argumento seria a Matemática. Segundo sua filosofia, uma constatação matemática seria a mesma no estado desperto ou de sonhos. O resultado de uma operação da álgebra seria, enfim, sempre o mesmo. Convém explicitar que, para Descartes, a aptidão matemática não dependeria dos sentidos para ocorrer no indivíduo, sendo um dom inato, que já nasce com ele.





Veio, então, a terceira dúvida: E se as verdades matemáticas forem também falsas, criadas por uma consciência maligna, como um deus perverso ou um gênio do mal, para criar confusão e desentendimento? A partir dessa premissa é que Descartes concluiu, finalmente, que, mesmo se for enganado por alguma consciência poderosa ou iludido pelos próprios sentidos, enquanto puder pensar, ele existirá e será real, parte plena, integral e material da realidade. Ele existe porque pensa. Parece o procedimento de alguém realmente comprometido com a investigação e, também, com a atitude filosófica. Dentro de seu sistema filosófico, Descartes realmente encontrou algo indubitável, ou seja, de que era impossível duvidar sem existir. O resultado da procura é provavelmente a frase mais famosa de toda a sua obra, uma das mais lembradas em toda a Filosofia. Trata-se da máxima: “Penso, logo existo”.

A ideia de que o pensamento é prova da existência foi um grande avanço para a Filosofia e para a teoria do conhecimento.

Esse processo foi chamado, por Descartes, de “dúvida metódica” e se tornou uma de suas maiores contribuições para a Filosofia. Consiste em, como ele próprio escreveu, descartar ou rejeitar tudo aquilo que desperte a menor dúvida, forçando a si mesmo a um constante desconfiar que o impulsione a uma investigação mais criteriosa e intensa. A dúvida tornou-se o método.

Esse método tinha quatro regras básicas:

- 1ª: Jamais aceitar uma verdade de cuja veracidade não se tenha certeza e que não se apresente clara e distintamente para que não haja nenhuma possibilidade de ser colocada em dúvida.
- 2ª: Dividir as dificuldades em quantas partes forem necessárias e possíveis.
- 3ª: Colocar o pensamento na ordem do mais simples ao mais complexo.
- 4ª: Enumerar todas as partes e revisá-las até que se tenha a certeza de que se chegou ao melhor que se podia.

O método proposto por Descartes permitiu que ele mesmo e outros filósofos explorassem sistematicamente a natureza das coisas. Esse é um daqueles casos em que o processo é mais importante do que o resultado final. Ao propor que o objeto a ser conhecido seja dividido em tantas partes quantas forem possíveis, estudar minuciosamente cada uma delas, para então chegar ao conhecimento desse objeto, fez a Ciência ter chance de avançar. Muito se desenvolveu no campo das Ciências Exatas ou da Astronomia, conforme foi afirmado anteriormente, e essas descobertas foram motor motivador de aprimoramentos técnicos diversos, por exemplo, na Engenharia Náutica.





FICA A DICA!

Veja o filme *Rainha Cristina* (direção de Roubem Mamoulian, 1933), um clássico do cinema estadunidense que narra a vida da rainha que abdica do protestantismo para se tornar católica. Seus questionamentos aparecem mediados pela relação que teve com a filosofia de Descartes.

ATIVIDADE

1 Autoquestionário

As próximas perguntas orientarão você a fazer uma experiência consigo mesmo. Realize esse exercício quantas vezes quiser, lembrando-se dele ao longo das situações e percebendo como você pensa e se comporta. Se gostar, sugira-o a um colega, troquem impressões. Registre nas linhas a seguir o que acontece de forma detalhada. Esse exercício-experiência visa identificar quando e como a dúvida se manifesta em sua vida e como você age diante dela.

- O que é duvidoso para você? Por quê?
- Você é desconfiado? Quais objetos ou discursos inspiram desconfiança em você?
- O que é confiável para você? Por quê?
- Você confia facilmente? Quais objetos ou discursos inspiram confiança em você?
- Quando você muda seu ponto de vista e por quê?
- Procure na memória por dois casos: (1) quando algo que despertou desconfiança revelou-se confiável e (2) quando algo confiável mostrou-se duvidoso. Reflita sobre os motivos que geraram a mudança de percepção.

[illegible]



ATIVIDADE 2 Penso, logo existo

1 O que é a dúvida metódica de Descartes?

2 Descartes pôs em dúvida, entre outras coisas, o conhecimento derivado dos sentidos (visão, olfato, audição, tato e paladar). Por quê?

3 Você concorda com Descartes que o conhecimento produzido pelos sentidos é menos preciso e confiável que o racional? Justifique.

HORA DA CHECAGEM

Atividade 1 - Autoquestionário

Esse exercício-experiência não tem respostas certas ou erradas, no sentido de existir uma fórmula que você devesse seguir. Você pode ter se colocado em dúvida, em uma situação de identificação com Descartes. O importante é que tenha refletido sobre como se pode agir em dúvida, pensar sem ter dúvida nenhuma, no que se confia.

Atividade 2 - Penso, logo existo

1 A dúvida metódica é o método de investigação desenvolvido por René Descartes que consiste em “filtrar” do pensamento todas as informações duvidosas, tentando, ao final da reflexão, “isolar” uma certeza indubitável.



HORA DA CHECAGEM

2 Após a leitura do texto, você pode ter percebido que os sentidos são a primeira, e aparentemente, a mais confiável fonte de informações que os seres humanos têm sobre o mundo. Todavia, eles também podem iludir, dependendo da perspectiva ou de variações ambientais diversas, e por esse motivo Descartes colocou-os em xeque.

3 Resposta de cunho pessoal. A ideia é que você tenha notado que a racionalidade pode testar os limites de confiabilidade dos sentidos. Desconfiando de uma possível ilusão sensorial, pode-se desvendar a realidade verdadeira.



Registro de dúvidas e comentários

This image shows a single sheet of white paper with horizontal ruling lines. The lines are evenly spaced and run across the width of the page. There are no margins, text, or other markings on the paper.



Kant: os limites do conhecimento e o imperativo categórico

TEMA 2

101

O objetivo deste tema será abordar como é a questão do conhecimento para o filósofo alemão Immanuel Kant. Será analisado como o autor conclui que todo conhecimento tem limites, ou, em outras palavras, que nem tudo pode ser conhecido. Também se avaliará um dos conceitos-chave para o autor: o de imperativo categórico, elemento ético bastante importante, uma vez que, ao considerar o ser humano sujeito do conhecimento, é possível investigar aquilo que lhe traz aprimoramento moral.

Immanuel Kant

Immanuel Kant (1724-1804), pensador alemão, foi o fundador da chamada filosofia crítica. Dedicou-se à docência na Universidade de Königsberg, localizada na cidade de mesmo nome, na Alemanha, onde nasceu, morreu e realizou seus estudos universitários nas áreas de Filosofia e Matemática. A obra desse autor pode ser dividida em dois períodos. O primeiro relaciona-se mais com seus interesses na área das Ciências Naturais e Física, com a elaboração de teses sobre a origem e a evolução do sistema solar e a revelação de sua crença na existência de vida em outros planetas – e, inclusive, na de Deus. Já no segundo período, Kant demonstra inclinação maior por assuntos filosóficos.

Kant é tão importante que alguns pesquisadores dividem a história da Filosofia em duas principais fases: pré-crítica e crítica, as quais se relacionam com o próprio itinerário do pensamento do autor. Desse modo, costuma-se marcar a Filosofia em “antes de Kant e depois dele”, sendo suas contribuições muito significativas para a política e a epistemologia (teoria do conhecimento), dentre outras áreas, influenciando, posteriormente, muitos pensadores.



O QUE VOCÊ JÁ SABE?

O conceito de “imperativo categórico” parece provocar dúvidas à primeira vista, pois se utiliza de duas palavras que, embora você já tenha ouvido diversas vezes, quando estão juntas causam um pouco de confusão. Então, em primeiro lugar, seria interessante recuperar o significado delas separadamente.

A palavra *imperativo* remete às aulas de Língua Portuguesa, quando você aprendeu os três modos verbais, sendo o imperativo um deles, ao lado do indicativo e do subjuntivo. Você se lembra de quando se deve utilizar o modo imperativo? Como são as frases construídas com ele? Para ajudar, recorde que o imperativo é sempre usado quando se dá uma ordem ou um comando a alguém. Por exemplo, na frase “Se dirigir, não **beba**”, “beba” é a forma imperativa do verbo, assim como “**Use** cinto de segurança” ou, ainda, “Não **ultrapasse** pela direita”.





Em relação à palavra *categórico*, o que ela lembra? Já ouviu alguém dizer algo como “João é categórico quanto ao fato de que seus filhos não assistam televisão nos dias de semana” ou “São categóricas as novas medidas relacionadas à lei anti-fumo em bares e restaurantes”? Quando se fala que algo é categórico? Que tipo de característica define algo como categórico?



O imperativo categórico

A palavra *imperativo*, para Kant, é uma norma, um mandamento da razão, a representação de seu comando em um princípio que convence, que coage a vontade. A vontade, por sua vez, nem sempre escolhe o que a razão indica como certo, como necessário, inclinando-se, muitas vezes, para as sensações. E é somente por haver um conflito entre a razão e a sensibilidade na determinação da vontade que a primeira, por meio do imperativo, “dá ordens” ao querer. O imperativo é, portanto, um dever.

Segundo o filósofo, os imperativos podem ser hipotéticos ou categóricos. Um imperativo é hipotético quando o critério de necessidade de uma ação é a disposição da vontade em atingir determinado fim. Por exemplo, as prescrições “Se quer emagrecer, coma pouco” e “Para ser culto, leia bastante” possuem validade desde que a vontade da pessoa esteja positivamente direcionada ao fim de emagrecer ou de ser culta. Só vai comer menos alguém que deseje emagrecer, isto é, a ação tem como condição ou meio de realização o fato de se pretender alcançar um fim.

Já o imperativo categórico, ao contrário do hipotético, não possui nenhum condicionamento, nenhuma relatividade a um fim específico ou a uma situação concreta. É totalmente universalizável, incondicionado, absoluto, e a ação proposta por ele é objetivamente boa e necessária, um princípio por si mesmo. Possuem essas características leis morais como “não roubar”, “não matar”, “não mentir”, “cumprir promessas”. O imperativo categórico dita uma ação independentemente de qualquer fim.

Os limites do conhecimento

Kant preocupava-se em demonstrar a impossibilidade de construir um sistema filosófico sem uma investigação prévia sobre as formas e os limites das **faculdades cognitivas**. Sua principal contribuição, nesse sentido, foi afirmar que, apesar de o conhecimento se relacionar com a experiência, este não deriva totalmente dela, sendo necessário considerar



Faculdades cognitivas

Conjunto das capacidades do ser humano de chegar ao conhecimento por meio das sensações, das percepções, da memória, do pensamento, dos juízos e da razão.





que ele não diz sobre as coisas em si, mas sobre como as coisas são para as pessoas, isto é, há uma diferença entre “as coisas em si” e os “fenômenos” – modo como as coisas são percebidas pelas pessoas.

Um dos livros mais estudados de Kant se chama *Crítica da razão pura*, publicado em 1781. Foi com essa obra que ele produziu uma “revolução copernicana na Filosofia”.

Antes de entender melhor as condições dessa revolução, é importante esclarecer o título do livro. O que quer dizer o termo *crítica*? No cotidiano, crítica aparece muitas vezes como sinônimo de opinião desfavorável, mas também possui o sentido de exame e de análise dos fatos, que é o sentido que interessa neste momento. Kant buscou nesse estudo examinar minuciosamente o que o ser humano pode conhecer.

O filósofo sofreu influências das grandes mudanças advindas do século anterior (XVII), ou seja, do final da Idade Moderna. Só para lembrar, esse período foi marcado, entre outros acontecimentos, por muitas descobertas científicas (como a dos logaritmos, da lei da gravitação universal, das Leis de Newton, da eletricidade) e invenções (do telescópio e do microscópio, das máquinas de calcular, entre outras). Todas essas descobertas e invenções estão muito relacionadas com o próprio desenvolvimento da forma de pensar do ser humano e, obviamente, com o contexto histórico, social, político e econômico da época. O mundo estava se transformando, e, em muitos sentidos, as novas descobertas – de conhecimentos científicos e, inclusive, de novos continentes – fizeram a humanidade passar a questionar aspectos que antes eram aceitos.

Nesse contexto, uma ideia vigente na época parece ter sido essencial como ponto de partida para as reflexões empreendidas por Kant: o antropocentrismo, isto é, considerar o ser humano como o centro do mundo. Essa ideia destacava a razão humana como fundamento do saber e, por sua vez, do desenvolvimento do método científico. Desse modo, a dissociação entre fé (advinda do pensamento religioso) e razão (advinda do pensamento científico) tornava-se explícita. No caso das Ciências Naturais, por exemplo, o antropocentrismo aparecia disfarçado



VOCÊ SABIA?

Diz-se que Nicolau Copérnico (1473-1543) produziu uma revolução, pois propôs o heliocentrismo, em oposição ao geocentrismo, afirmando, então, que o centro do Universo seria o Sol, e não a Terra – que, por sua vez, seria um dentre outros tantos planetas a orbitarem em torno dessa estrela. Sua tese enfrentou diversas polêmicas, sendo consolidada somente nos séculos seguintes, tendo como principais colaboradores Galileu Galilei (1564-1642) e Johannes Kepler (1571-1630).





de interesse em transformar ativamente a natureza, ou seja, se o homem é o centro do mundo, ele então pode alterar a natureza de acordo com seus interesses. Nesse cenário, Kant buscou analisar a própria razão, compreendendo seus limites e suas possibilidades.

Pode-se entender, então, que Kant produziu uma revolução na Filosofia ao afirmar que os objetos do conhecimento não são o centro em torno do qual orbita a razão, mas a própria razão – o sujeito do conhecimento – é o núcleo que deveria ser investigado.

O filósofo concluiu que a sensibilidade – responsável por perceber os objetos – e o entendimento – instância que pensa acerca dos objetos percebidos – são as duas fontes de conhecimento. Assim, não há conhecimento sem a associação da sensibilidade e do entendimento. Desse modo, o indivíduo não conhece as coisas como elas mesmas, mas sim como elas aparecem à sua sensibilidade e tal como são organizadas pelo seu entendimento.

A ação orientada pelo dever

Enquanto em sua obra intitulada *Crítica da razão pura* Kant perguntava o que se pode conhecer, na obra *Crítica da razão prática*, cuja importância assemelha-se à da primeira, ele interroga as ações humanas, ou seja, o que o ser humano pode fazer.

Em seu pensamento, pode-se encontrar influências das ambições iluministas presentes na Europa como um todo, as quais depositaram as esperanças na razão humana não só como fundamento do conhecimento, mas também como elemento de ascensão moral, uma vez que o sujeito autônomo teria condições de buscar a maioria, negando a tutela alheia. Maioridade, para Kant, significa a capacidade de o ser humano pensar por si mesmo, sem depender das ideias de outras pessoas. Daí um dos elementos da relação entre a crítica da razão pura e a prática.

Se os fenômenos da natureza podem ser explicados por meio de leis universais, a forma de compreender a ação humana se dá pela busca de princípios, isto é, da investigação sobre como as pessoas escolhem este ou aquele caminho. Ao aceitar que é possível escolher, isso implica que é necessário ter capacidade para isso, ou seja, que essa escolha seja feita em bases seguras. Afinal, diante de muitas possibilidades, o ser humano pondera a respeito dos critérios que levam à ação. Kant foi o filósofo que se preocupou com a reflexão sobre esses princípios (critérios que se adotam no momento de escolher). Para ele, era fundamental que





se ponderasse sobre a vontade, isto é, a razão prática, que é justamente a razão que orienta a ação.

O filósofo analisou então o que ele denominava de imperativo. Para Kant:

[...] o imperativo é um mandamento da razão que serve para orientar a ação e se exprime pelo verbo *dever*.

ARANHA, Maria Lúcia; MARTINS, Maria Helena. *Filosofando: Introdução à Filosofia*, 4. ed. São Paulo: Moderna, 2009, p. 253.

Conforme anteriormente comentado, o imperativo ou dever pode ser hipotético ou categórico. O imperativo hipotético é aquele que faz o ser agir objetivando algo, ou seja, esse “dever” é bom na medida em que permite alcançar algo desejado. Para exemplificar, é possível pensar na frase “Tome o remédio se quer sarar”. No entanto, o imperativo que mais interessa aqui é o chamado “imperativo categórico”, que pode ser formulado nos seguintes termos:

[...] *Age apenas segundo uma máxima tal que possas ao mesmo tempo querer que ela se torne lei universal.*

KANT, Immanuel. *Fundamentação da metafísica dos costumes*. Tradução: Paulo Quintela. Lisboa: Edições 70, 2007, p. 59.

O imperativo categórico é, portanto, o princípio da ação correta. É uma ação moral que pode ser universalizada, ou seja, aquela que todo o universo de indivíduos pode fazer. É importante que se ressaltem dois aspectos. Primeiro, o imperativo categórico refere-se a uma boa ação, que é boa por ela mesma. Por isso, essa ação pode ser universalizada, pois é justificada pelos fins: será boa para mim porque também é boa para os demais. O imperativo hipotético, diferentemente, diz respeito a uma boa ação que é boa porque nos leva a alcançar algo da nossa vontade, isto é, justifica-se como um meio.

O segundo aspecto refere-se à autonomia. Auto quer dizer próprio, fazendo referência a si mesmo; *nomia* vem da antiga palavra *nomos*, que significa “costume”, “hábito”, “lei”. Dessa forma, a palavra *autonomia* refere-se ao sentido que tem a determinação das leis, dos costumes e hábitos de um sujeito, ou seja, se seus costumes e hábitos, e também aquilo que ele considera leis, são determinados por si mesmo ou por outra pessoa.

Nesse sentido, pode-se vincular Kant ao movimento das Luzes (o Iluminismo do século XVIII), já que ele rejeita qualquer forma de tutela exterior. Para ele, seria o homem que racional e autonomamente decidiria.





VOCÊ SABIA?

Segundo Kant, para alcançar a autonomia, é necessário ter um entendimento apurado e uma noção clara do ambiente em que se vive a fim de agir de forma autônoma, ou seja, de determinar as próprias leis. É preciso perceber bem o outro com quem se convive e nutrir em relação a ele respeito e cuidado, para então viver bem segundo as próprias regras sem ferir a liberdade de ninguém.

Mas nem sempre as pessoas agem de acordo com sua razão, tomando decisões e interagindo socialmente conforme suas emoções e desejos. Algumas pessoas, levadas pela emoção ou pela alienação quanto à sua interferência no outro, podem gerar incômodo, prejuízo ou até ferir, emocional ou fisicamente, aqueles com quem convivem. Muitas vezes o posicionamento político é pautado por disputas e interesses pessoais, assim como a defesa de determinada causa ou discurso pode ser mais baseada em afinidades estéticas (o que *parece* melhor) do que em necessidades coletivas.

Por existirem casos assim, diz-se que são necessárias leis reguladoras – as normas – que não são “de cada um”, mas do todo social, e que determinam ações aceitáveis/inaceitáveis e estabelecem qual a punição adequada para a infração dessas leis. Chama-se a isso **heteronomia**: quando as normas são determinadas por terceiros, por outras pessoas, supostamente mais esclarecidas e/ou mais participativas no meio social. Essas normas são impostas sobre o cidadão, e ele necessita delas para nortear sua noção de certo e errado e, por consequência, para guiar suas ações.

A heteronomia é diferente da autonomia, pois representa não somente a norma quando definida pelo outro, mas a própria necessidade que um indivíduo ou grupo pode ter de ser governado, de receber de um governante ou de uma autoridade qualquer (religiosa, intelectual, familiar) a determinação do que é considerado apropriado ou não fazer. O indivíduo heterônomo é aquele cujas ações são decididas de acordo com o meio em que vive, aquele que sujeita sua vontade à do grupo. Mas o que pensar sobre a obediência às leis? É importante esclarecer que, quando alguém, por si mesmo, escolhe segui-las, está fazendo uso de sua autonomia, e não da heteronomia.

Há, ainda, outro conceito complementar ao de autonomia e heteronomia: o de **isonomia**. A isonomia é o princípio que determina que as normas, as leis, as regras de convivência devem ser as mesmas para todas as pessoas. Ou seja, ninguém está livre do cumprimento de determinada lei, e ninguém será tratado de forma diferenciada perante seus deveres e direitos sociais. Essa é uma premissa bastante simples que se propõe garantir uma sociedade mais justa e harmônica para todas as pessoas.

A apresentação dos conceitos de autonomia, heteronomia e isonomia tem a intenção de ajudá-lo a refletir sobre os comportamentos humanos, tanto no plano social quanto no individual.



PARA SABER MAIS



Kant e seu contexto

Immanuel Kant elaborou uma síntese entre o racionalismo dedutivo – aquele que você estudou com Descartes, que estabelece a dúvida como método de conhecimento, concluindo que o homem existe como ser pensante – e a tradição empírica inglesa, para a qual é possível citar como representantes os filósofos Locke e Hume.





Na margem oposta a Descartes, Locke defende, no livro intitulado *Ensaio sobre o entendimento humano* (1690), que nossas ideias têm origem na experiência sensível. Locke compara a razão a uma folha em branco. É como se o indivíduo nascesse “uma folha de papel em branco” e que, aos poucos, vai sendo preenchida pelas experiências que ele vive no mundo por meio dos sentidos. Para o pensador, aprende-se por meio das sensações (provenientes dos cinco sentidos), que vão sendo, pouco a pouco, elaboradas pelo exercício da reflexão.

Hume, aprofundando as ideias de Locke, afirma que é o hábito que leva o ser humano a afirmações generalizantes – isso quer dizer que as relações que ele estabelece entre suas observações não está nos objetos. Por exemplo, o indivíduo observa que o Sol nasce; no dia seguinte, observa mais uma vez; no terceiro dia, mais uma vez... O hábito o leva a crer que o Sol nascerá no próximo dia.

Kant procura, então, por uma síntese entre racionalismo e empirismo, analisando que sensibilidade e entendimento associam-se para que se possa conhecer.

Tirar o conhecimento e a razão do entrave em que estavam no século XVIII foi o grande esforço de Kant. Esse entrave era caracterizado por um conflito entre os pensadores empiristas – que acreditavam que o conhecimento humano estava totalmente submetido à experiência, e, por isso, nunca se poderia confiar de maneira plena em tal conhecimento – e os racionalistas – que consideravam que o ser humano já nasce com determinados conhecimentos, entre eles o conhecimento lógico-matemático. Por sua vez, o racionalismo poderia conduzir a uma espécie de “confiança cega” na razão humana. Mas ela nunca falharia?

Kant dedicou sua vida à atividade filosófica, resolvendo esse conflito que atravessava séculos. Para ele, as sensações, as percepções e a memória são uma espécie de “forma” na qual são colocados os fenômenos da realidade, como eles se apresentam para cada indivíduo. O pensamento, os juízos e a razão organizam essas informações e as experiências pessoais, produzindo conhecimento.

ATIVIDADE

1 Faça! Treine! Estude!

1 Por que Kant se dedicou à busca de uma norma moral que pudesse servir de referência para todas as pessoas, independentemente de credos religiosos?





2 Estabeleça a diferença entre o imperativo categórico e o imperativo hipotético. Dê pelo menos um exemplo de cada um.



Immanuel Kant diz: “*Ousai saber!*”

Kant escreveu outro texto muito importante, intitulado *Resposta à pergunta: Que é esclarecimento?*, que foi publicado em um periódico, uma espécie de revista, no qual Kant evocou uma frase que se tornou um símbolo do movimento que culminou na Revolução Francesa: *Sapere aude!*, que em latim quer dizer: *Ousai saber!* (perceba que o verbo está no modo imperativo).

A frase foi desenvolvida com base na seguinte afirmação de Kant:

Iluminismo é a saída do homem de sua menoridade, da qual ele próprio é culpado. Menoridade é a incapacidade de fazer uso de seu entendimento sem a direção de outrem. Ele próprio é culpado dessa menoridade quando a sua causa reside não na falta de entendimento, mas na falta de resolução e de coragem de fazer uso do mesmo sem a direção de outrem. Sapere aude! [Ousai saber!] Tem coragem de fazer uso de teu próprio entendimento! – é, portanto, o lema do Iluminismo.

KANT, Immanuel. *Beantwortung der Frage: Was ist Aufklärung?*. Disponível em: <<http://www.gutenberg.org/files/30821/30821-h/30821-h.htm>>. Acesso em: 8 out. 2014. Tradução: Mario Videira.

Kant acreditava que, no exercício da consciência, residia a possibilidade de autodeterminação, a autonomia. O texto explica que aquele que decide ousar e pensar por si mesmo tem a chance de alcançar a maioridade, ou seja, ser autônomo, enquanto aquele que deposita sua vida no devir da fé, da superstição ou da determinação por outro com mais autoridade para julgar o certo e o errado está ainda na minoridade, ou seja, é ainda imaturo.





Kant desenvolveu o que ficou conhecido por criticismo, em função de três grandes obras (além de uma vasta produção de tratados, livros, estudos e manifestos): a *Crítica da razão pura* (1781), a *Crítica da razão prática* (1788) e a *Crítica do julgamento* (1790). Nelas, Kant trabalhou seu pensamento crítico apontando para uma vontade de tratar a questão moral com bastante rigor e determinação. Enquanto na *Crítica da razão pura* o filósofo indagou “O que o homem pode conhecer?”, na *Crítica da razão prática* ele tratou das possibilidades que surgem do ato moral, partindo da questão “O que o homem pode fazer?”. Já na *Crítica do julgamento*, foi abordada a faculdade de julgar.



PARA SABER MAIS

Criticismo

Chama-se de criticismo a doutrina de Kant na qual ele estabeleceu quatro formulações que visavam identificar, diferenciar e ilustrar o próprio desenvolvimento da crítica em si, ou seja, dizer como ocorre a crítica. As duas primeiras formulações tratam da diferenciação entre Metafísica e Filosofia, de forma que Metafísica trata da esfera de problemas que estão além das possibilidades da razão humana. Dessa maneira, a fé, a religiosidade, a superstição, a crença no destino, num mundo invisível ou no sobrenatural seriam todas questões metafísicas. Por outro lado, a segunda formulação determina que a tarefa da Filosofia é tratar da Ciência e de tudo o que for fruto da razão humana, de forma que todas as atividades humanas são objeto da Filosofia.

As duas formulações restantes abordam a ação humana, sendo a terceira uma forma de estabelecer uma distinção fundamental entre os domínios do conhecimento, de maneira que um seja o conhecimento do homem sobre si mesmo, algo que Kant chamou “Fisiologia” e que hoje se chama “Psicologia”, e o outro, o conhecimento humano sobre o próprio conhecimento, algo que Kant denominou de conhecimento lógico-objetivo, ou seja, o desenvolvimento das ciências em si, cada qual tratando de um tema, um assunto e as decorrentes especificidades de cada área.

Por último, a quarta formulação trata do conceito de moralidade, que é decorrente desses conhecimentos e da consciência desses conhecimentos, algo que Kant chamou de imperativo categórico e que é o tema de estudo aqui.



**ATIVIDADE 2 Ousai fazer!**

O que Kant explica acerca do que é esclarecimento? Responda com suas palavras.

**PARA SABER MAIS****Você se lembra do Iluminismo?**

Foi um momento histórico marcadamente europeu centrado no século XVIII e caracterizado pela crença no poder da luz da razão contra o obscurantismo, as formas não iluminadas de pensamento e ação, que estariam sujeitas, portanto, a tutelas alheias. O Iluminismo, cujo nome evoca a ideia de luz, uma metáfora para o conhecimento, forma-se em oposição ao obscurantismo da fé, insinuando, na mesma linha metafórica, que a crença cega nos dogmas religiosos é um caminho de escuridão da razão. A única forma de se livrar dessa escuridão é desenvolvendo a consciência, isto é, a razão torna-se fonte e critério do conhecimento. Ao pensar por si mesmo, questiona-se, levantam-se dúvidas, o que leva à busca da responsabilidade pela própria vida, sem delegar a uma autoridade política ou religiosa o controle de escolhas, pensamentos e caminhos. O Iluminismo foi defendido por outros filósofos além de Kant, como Diderot, Voltaire e Rousseau. Até hoje essa linha de pensamento filosófico é considerada um dos pilares fundadores do pensamento político.

Kant elaborou um pensamento muito divulgado no Iluminismo: *Sapere aude!* (Ousai saber!). Esse movimento defendia que o conhecimento fosse uma conquista de todos, e não apenas de alguns “eleitos”. Para os iluministas, a razão como natureza de todo ser humano deve ser desenvolvida ao máximo pelo indivíduo.





Isso é necessário dado que o saber faz o sujeito se comprometer com aquilo que quer conhecer e se responsabilizar com a validade daquilo que vai compartilhar com as outras pessoas, tanto porque expõe a si e a seus pensamentos como porque o conhecimento construído deve ser bom para as outras pessoas também. Para estruturar conhecimento e se apropriar dele, é preciso que você pense por si próprio, que assuma posições independentes, abandonando a repetição de ideias alheias.

O convite que se faz a você, portanto, é: *Sapere aude!* (Ousai saber!).



Pense um pouco mais nisso: *Ousai saber! Ousai! Arriscai! Atrevei!* Por que ou em que situação saber, ou usar seu entendimento, é considerado um atrevimento? Quando formar e defender seu próprio ponto de vista exige coragem?

HORA DA CHECAGEM

Atividade 1 - Faça! Treine! Estude!

1 Porque estava interessado em encontrar o princípio ético que estabelece o fundamento para a ação, isto é, que responda à pergunta: Como posso agir corretamente? Para Kant, essa pergunta está intimamente relacionada com a certeza de poder responder ao seguinte: toda vez que eu agir corretamente, minha ação poderá ser universalizada, isto é, os princípios que a orientam é que devem ser tomados como leis universais. Exemplos: ser bom, ser justo, ser correto. Uma pessoa precisa agir guiada pelo medo de ser castigada por uma divindade ou porque sua ação deve ser correta e justa? Numa situação em que você tenha que se decidir por devolver a um garçom o troco errado que ele deu a mais a você, deve fazê-lo porque considera correto, e não porque “Deus está vendo” e pode castigá-lo ou alguém possa ter percebido e isso comprometer você. Você devolve o troco a mais porque isso é justo para todos, e não porque isso é “bom” para “sua” credibilidade perante os demais.

2 O próprio título da atividade pode ser considerado um imperativo, pois comanda que se faça, treine e estude. Nesse caso, você pode ter feito os exercícios (sua ação) levando em consideração que são realizados com vista à obtenção do diploma do Ensino Médio (objetivos). Trata-se, portanto, do imperativo hipotético, pois se faz algo para determinado objetivo. Mas, se você tiver pensado que fazer, treinar e estudar são atividades que são boas por elas mesmas e que podem ser universalizadas, então se trata do imperativo categórico.

Atividade 2 - Ousai fazer!

Espera-se que, com a leitura do texto *Immanuel Kant diz: “Ousai saber!”*, você tenha conseguido entender que esclarecimento é quando uma pessoa se dá as próprias regras, sem agir de acordo com o que outra diz. Isso implica autonomia.





UNIDADE 4



Registro de dúvidas e comentários

[illegible]